The image features a teal-to-blue gradient background. In the lower half, the silhouettes of two people stand on a beach, looking out at the ocean under a bright sunset. Several birds are scattered across the sky. A white rectangular border encloses the title text.

ESCOLA PRA VALER

Mauro Oliveira
2016



INSTITUTO FEDERAL

Ceará

Campus Aracati

O livro ESCOLA PRA VALER fala de jovens, de educação e da vida, com base em 10 fundamentos criados pelo prof. Mauro Oliveira. O ESCOLA PRA VALER é o resultado de sua vivência como aluno da Escola Técnica Federal do Ceará, em 1970; como professor, em 1974; como Coordenador do Curso de Eletrotécnica, em 1982; como Diretor Geral do Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará (CEFET) nova denominação da Escola Técnica de 1998 a 2004.

No período de 4 décadas a serviço do ensino, pesquisa e extensão, o autor de ESCOLA PRA VALER enriqueceu sua experiência pedagógica juntamente com jovens, empreendendo projetos sociais, inovadores, tais como: Escola Fora da Escola, Escola 24 horas, Disciplina Projetos Sociais, Sorveteria Zé de William e o Projeto Pirambu Digital, no qual teve o prazer de atuar, na época, como Diretor de Extensão do então CEFET-CE.

Como o próprio prof. Mauro Oliveira declara, não teve ele, com estes 10 fundamentos, a intenção de esgotar o tema, nem poderia, mas traduz visões que, se observadas pelos agentes de educação, talvez pudessem ajudá-los a cumprir o seu papel principal, que o autor, repetidas vezes, insiste no decorrer do livro: “ajudar o aluno a ser feliz” ! Na verdade, são visões que têm pautado a prática pedagógica do prof. Mauro Oliveira ao longo de sua carreira.

Esta coletânea de ideias e conceitos surge em um momento oportuno em que se anuncia a reforma do ensino médio, via medida provisória (MP). Neste contexto, o ESCOLA PRA VALER serve-nos de reflexão de tal forma que os fundamentos põem em discussão algumas propostas da nova MP, o fundamento 3, por exemplo. Nele o prof. Mauro Oliveira argumenta que “arte e filosofia” conforme consta do texto ESTÉTICA PROFISSIONAL, são fundamentais para aliar o aluno ao novo século em que a formação deu lugar ao conhecimento onde a criatividade e a inovação são ordens do dia da escola que se quer moderna, transformadora da sociedade, capaz de “ajudar o aluno a ser feliz”.

Por fim, Mauro Oliveira dedica o ESCOLA PRA VALER ao seu grande amigo, orientador e professor no mestrado na PUC-Rio, Prof Dr Luiz Fernando Gomes Soares, nosso LF, que tive o prazer de conhecer em 1987, por ocasião da realização do I Seminário de Redes de Computadores do IFCE, organizado pelo Mauro. Desde então, tive também o privilégio de compartilhar da amizade que ele dedicava à sua família cearense, com destaque aos profs. Myrson Lima, Aluísio de Castro e Silva e Cesar Araripe a quem ele visitava em suas frequentes vindas a Fortaleza.

LF nos deixou em setembro de 2015, mas sua obra científica e social transcendeu e é retratada no ESCOLA PRA VALER.

Desejo que professores, técnicos-administrativos, alunos do IFCE e comunidade em geral, interessados nos destinos da educação do país, façam bom uso do ESCOLA PRA VALER.

Virgilio Augusto Sales Araripe
Reitor do IFCE

ESCOLA PRA VALER

Amizade é ter
histórias pra contar

Mauro Oliveira

2016

1ª Edição



Edições BARCA
Livraria & Café das Artes

Aracati, CE

Edição:

Marluce Aires

Projeto gráfico e diagramação:

GO! Branding + Design

Fotos:

Acervo pessoal
Shutterstock (capa)

Palestra/Aquisição do livro:

email: amaurooliveira@gmail.com
site do autor: www.maurooliveira.com.br
Site da BARCA: <http://tinyurl.com/barca-cafe>
Fone: +55 85 997 054 321

Este livro, *ESCOLA PRA VALER*, é mais um obra das
Edições **BARCA** Livraria e Café das Artes



Edições **BARCA**

Bodega de Artes Raimundo de Chiquinha do Aracati
Rua Cel. Alexanzito 447-A, Aracati (Ce), 62800-000
Fone: +55 85 997 054 321



**Este livro é
dedicado a
Luiz Fernando
Gomes Soares,
nosso LF!**

UM PROFESSOR...

**que a todos ensinava
a melhorar o mundo!**



UM HOMEM...

que adorava dança,
música, futebol,
um (bom) vinho
com os amigos!

UM CIDADÃO...

que transformava a vida
de todos aqueles que
dele se aproximavam!



**Prof Luiz Fernando e a
comitiva VIAJANTES,
em visita aos “netos” de
Aracati (CE),
em janeiro de 2015.**

Guido Lemos, João,
Nicodemos, LF, Arthur,
Samuel, Gustavo, Mauro

Agradecimentos

À “doutora de dar receita” da favela da Rocinha (Rio), Isa Martins, esposa, companheira e amiga do LF... que deu a energia mágica e intangível necessária ao acontecimento do ESCOLA PRA VALER;

À jornalista Marluce Aires, “guerreira” da InfoBrasil, pelo esmero e dedicação que tornaram possível a edição e a publicação do ESCOLA PRA VALER em tempo recorde;

À Lara Vieira e Hermínia Lima, professoras da Unifor, que com competência e sensibilidade deram maior beleza ao ESCOLA PRA VALER;

Ao amigo Virgílio Augusto, reitor do IFCE, parceiro e “cúmplice” na construção dos 10 fundamentos desta obra e que nos apresenta, com muita propriedade o ESCOLA PRA VALER;

Ao jornalista Plínio Bortolotti, Diretor Institucional do Grupo de Comunicação O POVO. Em 2009, Plínio me convidava, gentil e amicalmente, para ser articulista do jornal O POVO. Daí resultaram os 80 artigos que dão corpo ao ESCOLA PRA VALER;

Aos indispensáveis orientados e bolsistas do meu “formigueiro” LAR-A (Lab. de Redes de Computadores de Aracati) do IFCE que mensal e “obrigatoriamente” leem meus artigos no jornal O POVO e me inspiram no ESCOLA PRA VALER.

Às mulheres da minha vida, capítulos importantes do ESCOLA PRA VALER,... que “me deixa a rua deserta quando atravessa e não olha pra trás”... que “não és sequer a razão do meu viver pois que tu és já toda a minha vida”... “que não é imortal, posto que é chama”!

Às minhas Carolinas (Karol, Carolina e Carina) e seus fantásticos “namorados” (Ronam, João e Reinaldo) que, diariamente, animam a minha vida, dando “sustância” especial ao ESCOLA PRA VALER;

À Lais Oliveira Fontenele, minha neta de dois anos. Risonha e “espontaneamente”, Lais cedeu todos os direitos de seus desenhos (rsrsr) que dialogam com o LF no final do ESCOLA PRA VALER, dando um charme muito especial ao livro...et beaucoup de plaisir à son “bo-bôo”!;

Finalmente, agradeço ao Seu Mauro, a Dona Gelita e aos meus irmãos (Fca, Raimundo, Ângela, José, Fernando e Chico), membros do Conselho de Administração da Barca (Bodega de Artes Raimundo de Chiquinha do Aracati), que tornaram financeiramente viável o design e a impressão do ESCOLA PRA VALER, a história de uma Amizade pra Contar!

ÍNDICE

ABERTURA

Prefácio: Isa Haro Martins	13
Amizade é ter histórias pra contar	15
10 Fundamentos de uma ESCOLA PRA VALER	22
Organização do Livro	25

PARTE 01: Como uma onda no mar

29

Prefácio: Guido Lemos	31
1. Amizade sem fim	33
2. Uma rede feita por nós	35
3. Relance	37
4. Sempre	38

PARTE 02: 10 fundamentos de uma Escola pra Valer

39

Prefácio: Philippe Mahey	41
1. O poder na Escola	44
2. Escola Social	46
3. Estética como a Quinta Linguagem	47
4. Um MIT do Sertão	49
5. Professor “Animador” X Professor “Papagaio”	52
6. O Aluno “Cúmplice” da Escola	54
7. Esporte & Drogas	56
8. Startup & Economia Criativa	59
9. Meritocracia & Oportunidade	60
10. Paixão & Felicidade	62

PARTE 03: Artigos sobre Escola (2016)

65

Prefácio: José Gomes Soares	67
1. “You make me feel so young”!	69
2. Medalha de ouro vai para... ..	70
3. Paixão, amor e Fibonacci	71
4. O Lava a Jato nosso de cada dia	72
5. Cunha Sapiens, uma breve história da impunidade	73
6. Esta escola né pra ti não	74
7. Dom Quixote e a Lei do Gerson	75
8. Porque hoje é sábado	76
9. Além do Arco Iris	77
10. Faculdade ou Universidade	78

PARTE 04: Artigos sobre Escola (2015)

79

Prefácio: Raimundo Macedo	81
11. Para saber quem somos nós	83
12. Demócrito para reitor	84
13. Como se fosse possível acontecer	85

14. A vida por um fio	86
15. Pedro e o mendigo... e a FIFA	87
16. Uma breve história do tempo	88
17. O piloto sumiu! A universidade também	89
18. Fim de tarde em Havana	90
19. Fausto e os dragões	91
20. O Sertão vai virar bytes	92
PARTE 05: Artigos sobre Escola (2014)	93
Prefácio: Thaís Batista	95
21. Somente para avós	96
22. Le colonel est encore là	97
23. Senhor Governador	98
24. O perigo é ter medo	90
25. Laís e a astronave	100
26. Os pobres e o corredor da FIFA	102
27. Sai do “mei” que eu quero ver	103
28. Tou morrendo	104
29. A última lição	105
30. Para que servem os doutores	106
31. Cuca Neles	107
32. A Escola no tempo do Facebook	108
33. A Escola no tempo do Google	109
PARTE 06: Artigos sobre Escola (2013)	115
Prefácio: Chico Mauro	117
34. Acorda pessoal, papai chegou	118
35. Ao infinito e além dos políticos	119
36. Dor de uma saudade sem fim	120
37. Shakespeare, He-man e o Prof Pardal	121
38. Agente de Saúde, um artista do Cine Holliude	122
39. Aí dentro Vossa Excelência	123
40. A Internet burra e a inteligência americana	124
41. O espelho de Dorian Gray	125
42. Um dragão que cospe bytes	126
43. Ele em primeiro lugar	127
44. No meio da crônica tinha um caminho	128
45. “And the Oscar goes to... Dona Mocinha”	129
PARTE 07: Artigos sobre Escola (2012)	131
Prefácio: Marcus Rodrigues	133
46. Criativa, justa e solidária	134
47. Em nome do pai	135
48. Em nome da mãe	136
49. A universidade é do povo como o céu e do... ..	137
50. Carta ao Supremo	138
51. Ao gosto de todos	139
52. As partículas de Deus	140

53. O Kamarada e os camaradas	141
54. Braziliam Dream	142
55. O Pirambu Digital de Hélio	143
56. Michelangelo para prefeito	144
57. Uma tarde com Sócrates	145
58. Capitão da minha alma	146
59. Entre tablets e lousas digitais	147
PARTE 08: Artigos sobre Escola (2011)	149
Prefácio: Arthur Bezerra	151
60. Se ele for eu não vou	152
61. O povo está nu	153
62. Política e paixão	154
63. Quando vier a segunda-feira	155
64. PhD do mal... na idade da pedra	156
65. É preciso e urgente	157
66. Tablet e o último dos moicanos	158
67. IA, 10 anos de muito Axé na terra do forró	159
68. Fausto e o bloco do prazer	161
69. Prisão perpétua na Idade da Pedra	162
70. O despertar da diferença	163
PARTE 09: Artigos sobre Escola (2010)	165
Prefácio: Carlos Salles	167
71. O astronauta cearense	168
72. O cronista da cidade	169
73. A TV do tiririca	170
74. A Dama das Letras	171
75. Navegar é preciso	172
76. A Escola da minha vida	173
77. O valor da ética	174
78. A TV da inclusão digital	175
79. A Ginga cearense na TV da inclusão digital	176
80. A TV de Casemiro	177
PARTE 10: Registros do LF	179
Prefácio: Rogério Rodrigues	181
1. Revista da SBC – Edição especial em homenagem ao LF	183
2. Reportagem nas páginas Azuis do jornal O POVO	184
3. Recomendação ITU-T	185
4. Assembleia Legislativa do Ceará	187
5. Mais um Samba do LF	188
6. LF e seus Vagabundos (vídeo)	190
FECHAMENTO	
Prêmio LF de Computação	192
Genealogia acadêmica do LF	194
Conversa da Laís Oliveira com o Tio LF	196
Pós-fácio: Myrson Lima	198





1.

PREFÁCIO

Isa Haro Martins

Cena 1: Paris, Aeroporto Charles de Gaulle, 1990. Eu, então namorada do professor Luiz Fernando, chegava do Brasil na expectativa de conhecer o famoso “Antonho” Mauro, amigo dele. Fui advertida: “Ele vai aprontar alguma”. Mauro chegou com a mão esquerda nas costas, trazendo na direita uma rosa vermelha, que me ofereceu com uma reverência. Inesquecível. Naquele momento, entrava na minha vida o ex-aluno-amigo-irmão de Luiz Fernando, trazendo consigo seu Mauro, dona Angelita, Chiquinho, Fernando, as Carolinas, além de um bando de amigos, todos parte da grande família espiritual que LF agregava.

Desde aquela cena em Paris, há 25 anos, tenho acompanhado a trajetória do Professor Mauro, como eu gosto de chamá-lo: doutorado na França, com a saudosa Rádio Uirapuru de Itapipoca, o Projeto do Pirambu, pós-doutorados, diretoria do CEFET, Secretaria de Tecnologia e, mais recentemente, a universidade em Aracati, com a criação da Barca, numa sequência incessante de realizações. De todos os projetos o que mais me instigou foi a sorveteria do Zé de William, proposta simples e ousada com enorme importância na formação ética dos alunos que por ela passaram.

Sempre admirei em Mauro a vocação para o ensino extra-sala, a enorme capacidade inovadora e criativa, sua disposição para sacudir tudo, remexer, reinventar e subverter paradigmas. A tônica das conversas entre LF e eu sobre o amigo comum era sempre a mesma: “De onde ele tira tantas ideias?” Mauro é uma fonte inesgotável de novidades e ousadia. “E tudo o que ele faz funcional!”, a gente dizia.

Mas Mauro diz que muito aprendeu com seu professor Luiz Fernando. Deve ser verdade, porque eu também aprendi muito com ele. LF era professor de verdade. Ele tinha paixão por ensinar e formar pessoas, no sentido amplo da palavra. Como um bom educador, era exigente e rigoroso com o trabalho. Como um verdadeiro mestre era incentivador, amigo, irmão, paizão dos alunos.

Tive o privilégio de amar LF e ser casada com ele por 25 anos. Vi seu trabalho de perto e o admiro profundamente. Duas palavras me vêm à mente para descrevê-lo como pessoa: integridade e alegria de viver. Era um homem íntegro naquilo que fazia e nas decisões que tomava. Conduzia o barco acadêmico como um capitão, com clareza de propósitos e uma transparência que tranquilizava quem estivesse por perto. Ele trabalhava como quem se diverte, porque ele se divertia. Ele transformava os alunos em amigos e trabalhava entre amigos. A alegria era o melhor da sua vida. Ele era sempre positivo, sempre via o lado bom das coisas e sempre buscava exaltar o melhor de cada um. Ele acreditava nas pessoas.

As frases transcritas abaixo foram retiradas de uma apresentação na qual ele falava sobre a formação de pesquisadores. Elas falam sobre ele por si sós, melhor do que eualaria. Ele dizia: “Alunos têm que ser cativados”; “Não dá para manter uma relação patrão-empregado com os alunos, o máximo que se consegue são teses e dissertações, mas não qualidade”; “Ninguém é substituível, se todos não deixarem saudades é porque o projeto falhou”; “O recurso humano é o produto mais gratificante de todos, se o pesquisador não sentir isso ele pode ser um bom técnico, mas nunca será um bom professor”; “Cativar o aluno/pesquisador é criar um sentimento de grupo com reuniões participativas, momentos de lazer diário juntos, atividades extra projeto: futebol, chope da semana e etc.”; Isso era o Luiz Fernando, era isso que ele fazia.

O que eu vejo de comum entre essas duas pessoas, LF e Mauro, entre mestre e discípulo? Eu vejo a mesma vontade de fazer, a mesma fé nas pessoas, a mesma vocação para construir, produzir, fazer e acontecer, o tempo todo.

E é nessa energia que o Professor Mauro traz Os Fundamentos de Uma ESCOLA PRA VALER. Ele pôs no papel o anseio de muitos educadores que percebem a dinâmica do mundo e a necessidade de reavaliar o processo educativo. A educação está pedindo alto, claro e em bom som uma nova abordagem pedagógica, uma nova relação professor-aluno, um reavivamento dos valores éticos e morais. Os educadores não podem se furtar a esse apelo.

Porque a nossa vida e nosso trabalho caminham juntos, nós da grande família LF temos estado trabalhando e se divertindo há muitos anos. Nessa convivência boa tomamos vinho, tocamos pandeiro e fizemos muitos jantares, sempre finalizados com café, Cointreau e chocolate (nessa ordem e repetidamente). Porém, há um ano, sem aviso prévio, LF partiu deste mundo, desmaterializou. Deixou para traz um sorriso e o rastro da sua luz para quem puder ver, mas, pensando bem, só podia ser assim. Se alguém estava pronto para partir era ele. Viveu intensa e alegremente, amou, produziu muito, formou pessoas, cativou amigos, deixou uma grande família e uma obra. Nesse dia Deus disse: “Vem meu filho, estou precisando de ajuda aqui em cima. Você já deu sua contribuição ao mundo. Seus alunos-amigos, filhos e netos espirituais vão continuar o seu trabalho.”

Deixo aqui uma mensagem de amor para esses dois amigos-irmãos educadores. Mauro, meu amigo, que bom que você não cansa de se reinventar. Luiz Fernando, meu amado, você tem razão, ninguém é substituível, mas eu diria que alguns são abençoados e quando partem deixam mais saudades. É essa saudade imensa de você que sentimos todos os dias.

A missão continua, porque assim que ele gostaria que fosse.



LF e o inseparável amigo Gustavo Cintra (óculos) com a turma de uma ESCOLA PRA VALER (Vargem Grande - Rio)

2. AMIZADE É TER HISTÓRIAS PRA CONTAR

ESCOLA PRA VALER é um livro de histórias. Histórias de amizades. Amizades pra valer!

Quer saber se você tem um bom amigo? Basta você ter boas histórias com ele. Amizade é ter histórias pra contar. Histórias inesquecíveis, histórias sem as quais sua vida seria menor. Histórias pra valer!

Luiz Fernando é um amigo com quem tenho muitas histórias pra contar de uma amizade pra valer. Nos nós imaginávamos invencíveis em nossas histórias, muitas delas imaginárias. Nada de Capitão Marvel, nem de Bat Masterson ou Tarzan. Éramos nós, LF e Mauro, os super-heróis de nossas próprias histórias, reais ou inventadas, não importava. Uma dupla de fazer inveja ao Zorro & Tonto, Batman & Robin, Mandrake & Lotar... todos juntos!

Amizade não é substantivo, são verbos em uma canção!

Poderia contar, no tempo que ele fazia dança de salão na Lapa, o dia em que ele se fez de meu motorista particular. Vestiu-se a caráter e, enquanto foi pegar em seu Chevette 67 a (linda) garota que eu havia conhecido na Estudantina, Carlinhos de Jesus, seu amigo do Circo Voador, se passava por ele nos esperando no nosso apartamento. A linda estranhou duas coisas: eu (um bolsista do CNPq) com motorista num Chevette aos cacos. Ao chegar no AP ela olhou para o Carlinhos e disse: Só acredito que você é o LF se você mostrar que sabe dançar!...Foi aquele show, pense!

Poderia também contar do sábado em que, contrariando o fluxo dos normais, saímos do Rio pro “fantástico” carnaval de Joinville. Pernoitamos dentro do carro na cidade de Peruíbe que, segundo o moço do posto, tinha um “carnavá muito bão, só”. Encontramos estacionamento fácil. Enquanto o LF, mineiramente, desconfiava da facilidade caída do céu, eu dizia que era um presente dos deuses para dois super-heróis troianos. De manhã nos damos conta que estávamos ao lado do cemitério. Presente de grego...rsrsr!

Poderia contar a história em que o LF, o Magão, deu uma bronca feroz num cabra da peste em um bar no interior do Ceará, “só porque o cabra macho deu uma chinelada num indefeso e esbelto vira-lata”. Desta feita, fomos salvos pelo meu irmão Chico Mauro. Enquanto o cabra macho foi em casa pegar a peixeira, Chiquinho gritou: corre Magão, senão amanhã teu nome será Luiza Fernanda. Pense numa carreira olímpica!

Poderia contar da noite em que, com meu outro irmão Fernando, compramos 12 ramalhetes na praça de Ipanema e fomos pro Teatro Rival do Colé, na Cinelândia, prestigiar uma amiga estreando um musical como figurante. Impedidos de entrar com tantas rosas, acatamos a sugestão do porteiro em deixar TODOS os 11 (???) ramalhetes no camarim da princesa. Na cena final, na dança Cancã, ele me disse baixinho: DUVIDO!

Foi como um empurrão ladeira abaixo. DUVIDO era o mesmo que dizer SHAZAM e ele abusava disso. Subi no palco com o 12º ramalhete (escondido ao entrarmos no teatro) sem acreditar que estava fazendo aquilo. Para surpresa de todos e da artista principal que me sorria de braços abertos, as flores não foram pra ela! Talvez tenha sido a primeira vez que uma figurante tenha sido mais aplaudida do que os demais artistas. Coisas de LF!

***LF nos escolheu para um prêmio intangível:
a convivência com ele!***

DUVIDO! Era esta a provocação quando nos encontrávamos e queríamos criar mais uma história, real ou imaginária. Tanto faz! No final, nos abraçávamos e ríamos muito de nós, invencíveis super-heróis de nós mesmos!

Poderia contar outras mil histórias de DUVIDO, algumas fantasiosas, outras... mais ainda. Mas nada comparável com a nossa convivência amiga, saudável, indispensável de 30 anos em que compartilhávamos alegrias e tristezas da vida que imita a arte.

Ainda me pego querendo telefonar para ele no final de semana, como sempre fazia quando me acontecia algo, qualquer algo!

Foi assim quando minha Raquel veio por um dia... (trecho do poema “Mãos Mágicas”)

<i>“Já me vou cedo, Muito agradecida Às mãos médicas, Ter visto o cheiro dos meus pais.</i>	<i>Antes que perguntes, Oh, mãos médicas, Quando eu fosse crescer Certamente, queria ser...</i>	<i>Mãos médicas, Mãos mágicas, Mas sobretudo... Mãos de transformação!”</i>
---	---	---

Foi assim quando eu perdia um grande amor... (trecho do poema “Uma Parte”)

<i>“Não preciso de você toda Só da parte que me cabe Esta parte que me sabe Que me olha, beija e abraça</i>	<i>Preciso só de uma parte A parte que sempre reparte Que não parte sem nada dizer”</i>
---	---



Foi assim quando eu encontrava um novo amor... (trecho do poema “Eu Quero”)

*“Quero ser o herói preferido da minha única princesa minha.
Quero mudar tua cor, quanto te olho assim toda minha.
Quero ser todo teu, na manhã que te disfarças tão minha.
Quero que sejas meu Senhor, na noite de escrava só minha.
Mas quero mais que o amor desta criança rainha.
Quero a dor, essa dor, se for tua também será minha.”*

Foi assim quando eu festejava minhas Carolinas... (trecho do poema “Rei da Minha Rainha”)

<i>“Vai meu Rei... lado a lado de minha Rainha! Grita ordens em todas as direções acende castiçais no velho convés ordena toques dos clarins de Veneza ajoelha-te na partida do deus sol! beija a aliança da minha Rainha!</i>	<i>Ah!... e quando estiveres pra lá de Júpiter olha em seus olhos ternos e antes de beijar a minha Rainha com a realeza que distingue um Rei transborda inexoravelmente essa tua graça ... que faz dela menina, que te faz uma criança, o Rei da minha Rainha!”</i>
--	---

Foi assim quando ele partiu... e o telefone não atendeu mais! (trecho do poema “Relance”)
*“Olhando o tempo,
sinto o quanto aprendi com você, meu amigo LF.
Mil histórias pra contar, a cantar a vida bem melhor...
e fazê-la ... e será!”*

O aluno nos percebe mais pelo que fazemos do que pelo que dizemos

Talvez eu tenha sido o único aluno do LF com quem ele compartilhou seu apartamento, ferindo o manual de recomendações que norteiam a etiqueta orientador/orientado. Não teve jeito. Foi amizade à primeira vista! A partir daí, LF veio à Fortaleza várias vezes. Em 1987, ele trouxe o protótipo da Redpuc e sua equipe para o I Seminário de Redes Locais na antiga Escola Técnica (ETFCE), com direito à Jericoacoara, a cavalo (não havia estrada à época). Pense nas queimaduras!

Em 1989, LF e Isa me visitaram no doutorado, na periferia de Paris. A Rádio Uirapuru de Itapipoca (RUI) era uma metáfora na qual eu digitava na internet um programa de rádio de interior como se tivesse falando pra turma voltando na pracinha, perto da roda gigante, comendo pé de moleque com aluá. A RUI bombava na BRASNET, uma lista eletrônica metida a “rede social” na época em que não havia web e a internet era uma entre dezenas de redes existentes. A RUI foi uma doídice, pois a BRASNET possuía gregos e troianos que discutiam sobre a pertinência (ou não) de se postar na lista “coisas não muito sérias”, tais como piadas, poesias, “causos”. Eram consideradas sérias as notícias do Brasil, tais como as maluquices do Collor. Alheia ao debate, a RUI levava aos “ouvintes” a linguagem do interior, da cabocla ingênua do sertão (a personagem Maria Cabaço, que se tornaria famosa e paquerada, eletronicamente) ao cabra da peste, sagaz que só ele (a personagem DJ, dono da rádio). À época, a RUI já apoiava a diversidade e a discussão de gênero. DJ contratava Agnaldo, um gaúcho muito macho... com recaídas frequentes.

E assim, a RUI tornou-se famosa, sendo reportagem da revista VEJA em 1992, na edição em que o Itamar Franco reinventa o fusca. Aconteceu uma quadrilha junina eletrôni-

ca na BRASNET, numa audaciosa iniciativa da equipe de produção da RUI (DJ, Maria Cabaço e Agnaldo): 28 de junho, dia de São Pedro, a RUI anunciava que naquele dia o fidumaegua que utilizasse a BRASNET pra outro “assunto sério” que não fosse a quadrilha junina, seria excomungado com passagem duradoura no purgatório. E assim se procedeu: bem cedinho, Raimundo Macedo, lá pelas bandas de Novo Castelo (United Kingdom) mandou a mensagem: “O PADRE JÁ CHEGOU! .QUEDE OS NOIVO?”.

Daí pra frente, rolou casamento da noiva grávida, seu delegado obrigando noiva a casar, anavan, anarriê, grande roda, ... tudo eletronicamente! Dá para acreditar?

A RUI acabou sendo tema de dissertação de mestrado em São Paulo, na qual Álvaro Bufarah se reporta à primeira transmissão nas “ondas soníferas” da BRASNET. E, como não poderia deixar de ser, DUVIDO quem adivinha os primeiros personagens da primeira RUI: LF & ISA. Acertou!

RADIO UIRAPURU DE ITAPIPOCA

Álvaro Bufarah Junior - Mestre em Comunicação e Mercado – Fundação Cásper Libero – SP, professor na FAAP – Fundação Armando Álvares Penteado e Centro Universitário 9 Julho

Na primeira mensagem, a “emissora” já trazia um slogan forte indicando a que veio: “Rádio Uirapuru de Itapipoca, *The New Lider of the World*”. Tudo pronto para a transmissão, começa o programa tendo como modelo a programação de “Kafita”, lá em Itapipoca e a lembrança de patrocinadores que fizeram história no rádio brasileiro.

“Alô galera da Brasnet, cabras da peste e gatinhas também! Aqui fala Mauro Pacatuba, the Big Head, seu disque-joqueipreferido. Diretamente de Itapipoca para o Brasil e para o mundo, num patrocínio do sabonete LIFEBOY e Biotônico Fontoura com Emulsão de Scott, mais gostoso que óleo de Ricino para verminose (quem tomou jamais esquece).

O primeiro pedido musical vem de Belo Horizonte. Luiz Fernando, filho da Dona Dora (lfgs@inf.puc-rio.br), oferece para I.G.S (ar de baiana, cabelo encaracolado) que está do outro lado do parque, perto da roda gigante, comendo pé de moleque com refresco de graviola.” (OLIVEIRA, 1992).

Em 1996, organizávamos a I Escola de Verão em redes de computadores em Icapuí (CE), com mais de 300 participantes, e o primeiro acesso público à internet. Ano seguinte, seria a vez do importante Simpósio Brasileiro de Redes de Computadores (SBRC) em Fortaleza, com a primeira transmissão de videoconferência no Brasil via internet, pela equipe conjunta LAR e Telemídia. O bar do Pirata (a segunda-feira mais animada do mundo) seria a grande descoberta de Rogerinho do Salgueiro, Débora, Thais e demais pupilos do LF. Eles subiram ao palco do Pirata depois do chefe LF ter dito DUVIDO, para desespero do coordenador do SBRC: Prof Mauro Oliveira.

Mas o sucesso das paradas foi mesmo o HIPER SAMBA INTERATIVO DO SBRC, autoria do LF e seu inseparável parceiro Rogerinho do Salgueiro. Para entender melhor o samba que vem aí é preciso definir a seguinte gramática:

- AF (Ambiente Família) é aquele cara organizado, sério, sovina de sorriso, ex-aluno marista (ou Colégio Militar), torcedor do Fluminense. Na única vez que foi ao motel, o fez com sua legítima esposa. Antes, porém, passou em casa para pegar o pijama e, é claro, arrumou a cama antes de sair do motel. Sexo oral? Sabe lá que “diabeisso”. Pensa que é discurso sobre sexo. Gente organizada é outra coisa!
- AG (Ambiente Gaiato) é aquele cara assim, sei lá como, sempre sorridente e entusiasmado com a vida. Suas ex-mulheres lhe dizem que ele é ex-marido tão bom que elas deviam ter se separado antes. No jogo do Bicho ele é Camaleão! E quando atende o telefone da mulher, diz empolgado “fala amor da minha vida”... sentado no colo da secretária! Gente irresponsável é ... a mesma coisa! Pois bem. Vamos ao samba do SBRC:



HIPER SAMBA INTERATIVO DO SBRC

Grêmio Recreativo
Acadêmicos
do TeleMídia

Escola de Samba,
Futebol e,
quando dá tempo,
Informática

Ala dos Compositores
do TeleMídia

Zeca Pagodinho e Arlindo Cruz
(sem saberem)

Submeti o meu artigo
Para um tal de seminário
O artigo foi aceito,
Avaliador otário
Era cópia de um trabalho
Que comprei de um salafário
Agora vou p'ra Fortaleza
Sem gastar o meu salário
Já mandei avisar os home
Lá do CNPq
Providenciem uma passagem
P'ro SBRC
Um forró,
Eu vou dançar
No Pirata com você
Se der tempo,
Apresentar
O trabalho que mandei fazer
Quero um hotel de classe
Quero Cesar Park
De frente p'ro mar
Quero cerveja gelada
Um bugre na porta
Para passear
Um forró,
Eu vou dançar
No Pirata com você
Se der tempo,
Apresentar
O trabalho que mandei fazer
Passeando em Ipanema
Call for paper eu encontrei
Lá p'ras bandas de Iracema
O assunto eu bem não sei
Sem querer me aborrecer
Um jeito fácil arranjei
P'ra escrever um bom artigo
Um sujeito contratei
Ele então me perguntou
Sobre o que vou escrever
ATM ou multimídia

Cabe a você escolher
De jangada,
Eu quero andar
Praia do futuro conhecer
O Cais Bar
Vou visitar,
Eu quero um programa AG
Vou arrumar minhas malas
Sunga, barraca
E o meu Vuarnet
Bronzeador, prancha e boné
A camisinha
Não posso esquecer
De jangada,
Eu quero andar
Praia do futuro conhecer
O Cais Bar
Vou visitar,
Eu quero um programa AG
Uma vez em Fortaleza
Foi chegando minha hora
Quando vi o auditório
Deu vontade de ir embora
Eu pensei comigo mesmo
É melhor eu dar o fora
Mas o dono da Sessão
Disse seu paper é agora
Na primeira transparência
Comecei logo a tremer
Um pentelho na platéia
Quis de pronto aparecer
Você,
Vai me explicar
Banda larga serve p'ra quê
Desconfiado,
Eu respondi
Sua mãe é que deve saber
Não seja maleducado
Tenho doutorado
Exijo respeito
Fiz só uma pergunta
Sou membro da junta

Responda direito
Você,
Vai me explicar
Banda larga serve p'ra quê
Mais uma vez,
Eu respondi
Sua mãe é que deve saber

FINAL AG

Após muita confusão
A platéia se acalmou
Foi tão grande o sucesso
Que o malandro hoje é doutor
A pergunta é história
Nos anais da SBC
Todo mundo lembra e canta
O que viu acontecer
Quem é que fez a pergunta
Ninguém nunca soube, e nem quer saber
Mas o malandro esperto
Acabou no CA do CNPq

FINAL AF

Finalmente a comissão
Reunida me chamou
Venha aqui cabra safado
Isso ainda não acabou
Você pensa que é esperto
Mas aqui só tem doutor
Escute só este conselho
De um bom Coordenador
Quis me fazer de otário
Mas o seminário não é prá você
Devolva a passagem ao ProTeM
Volta p'ro Rio e vá se perder
Lá ia,
Lá ia, rá ia
Lá lá ia, rá ia, lá ia
Lá ia,
Lá lá, ia rá
Lá rá ia, lá ia rá, ia rá.

3. 10 FUNDAMENTOS DE UMA ESCOLA PRA VALER!



LF, Chico Mauro Mauro Oliveira, Almirante Fernando Mauro, Zé Mauro, Raimundo Mauro

Desde 1986, quando o encontrei como professor da disciplina de Redes de Computadores no mestrado em sistemas de computação do Curso de Engenharia Elétrica da PUR-Rio, venho aprendendo com o LF. Este livro, ESCOLA PRA VALER, provavelmente não existiria se eu não o tivesse encontrado.

Foram 30 anos de muito aprendizado baseado na convivência, na observação de suas atitudes pessoais, sua postura profissional e no compartilhamento de muitas experiências de uma amizade pra valer! Daí o livro ser dedicado a ele que me fez aprender os...

1. O poder na Escola

“O aluno nos percebe mais pelo que fazemos do que pelo que dizemos”

2. Escola Social

“Uma Escola que é reflexo da sociedade não consegue modificá-la, não serve a ela... nem pra ela”

3. Estética como a Quinta Linguagem

*“Trocara toda a minha tecnologia por uma tarde com Sócrates”
(Steve Jobs)*

4. Um MIT do Sertão

*“... tentei tirar o máximo de mim. É o melhor que o homem pode fazer na vida!”
(Dom Quixote)*

5. Professor “Animador” X Professor “Papagaio”

*“A 300m da pirâmide eu me ajoelhei, peguei um punhado de areia e o deixei cair lentamente. E disse para mim mesmo: modifiquei o Saara! O ato foi insignificante mas precisei de toda uma vida para dizer estas palavras”
(Jorge Luis Borges, Museu do Amanhã – Rio de Janeiro).*

6. O Aluno “Cúmplice” da Escola

*“O Perigo é ter Medo”
(Motorista de um taxi quando lhe indaguei se a Lapa no Rio era perigosa)*

7. Esporte & Drogas

O sonho do jovem é como pólvora: pode mofar, pode explodir, mas, se bem cuidado, pode ser o estopim de sua realização plena!

8. Startup & Economia Criativa

*“Jamais diga aos jovens que seus sonhos são impossíveis. Nada seria mais dramáticos e seria uma tragédia se eles acreditassem nisso”
(Shakespeare)*

9. Meritocracia & Oportunidade

“A vida é a travessia de um rio. Meu filho, não a atravesse-a no porão do navio!”

10. Paixão & Felicidade

“Nasci, tou pronto pra morrer” (LF)! ou

“... ninguém é mais do que ninguém! Nada é mais bonito que a vida! Mas uma vida em que se defende a liberdade. Para isso temos que começar a pensar como espécie, não só como país”! ... “A generosidade é o melhor negócio para a humanidade... A aventura de não apenas sonhar em um mundo melhor, mas de lutar por ele, gastar a vida lutando por ele... Gostar a vida por um mundo melhor”! (Mujica)!

Aprendi com o LF que ENSINAR PRA VALER é fazer da sala de aula um teatro de nossa vida naquele dia, naquele instante; fazer de cada aula uma peça original, fazer dos mesmos alunos um público novo... dando o máximo de si naquele dia, naquele instante, naquela peça original!

... que uma ESCOLA que ENSINA PRA VALER tem uma mágica intangível que faz de cada aluno, de cada servidor administrativo e de cada servidor professor um agente efetivo de uma Escola diferente, transformadora da sociedade. Que sem isso ela não é ESCOLA.

Aprendi com o LF a ajudar nosso aluno a jamais ter medo da *“escuridão, nossa velha amiga, nem das luzes de neon em seus sonhos, nem das palavras dos profetas escritas nas paredes do metrô”* (The Sound of Silence).

... e quando ele for tentado a roubar, mentir, humilhar que ele diga não à má política e honre sua ESCOLA que o preparou para ser *“dono e senhor do seu destino, o capitão da sua alma”* (William Henley in Invictus)!

Aprendi com o LF que não dá pra ser feliz sem o outro... *“que a generosidade é o melhor negócio para a humanidade”* (Mujica) ! Que podemos, sim, despertar no jovem o homem de bem que ele é, contagiá-lo com o poder que tem de mudar seu entorno, salvar vidas; convencê-lo a enfrentar e não apenas se lamentar dos enteveros da vida.

... que nosso aluno compreenda rápido que a vida é um rio... e *“não queira atravessá-la no porão do navio”*, pois a vida é uma dádiva que se recebe a cada dia quando o sol nos cutuca. E que devemos tentar ser dignos desta dádiva, de não apenas sonhar por um mundo melhor mas de lutar por ele.

Aprendi com o LF, ao longo de 30 anos, mais com suas camisas Hering rasgadas, que usava com frequência no dia a dia, do que em livros com capas de couro. Que religião é invenção do homem e que Deus não tem religião, Deus é GENEROSIDADE!

... que *“nascemos e devíamos estar pronto pra morrer”*, frase que nos repetia, brincando, sempre sorrindo, como um mantra. Pois nossa única missão é tentar melhorar o planeta, melhorar o nosso outro ao lado que o mestre dos mestres chamou de *“o Próximo”*. Que que só vale a pena viver se for pra *“gastar a vida por um mundo melhor”!*

Muito do que sei e tento praticar, aprendi com o LF!

Minhas filhas, meus alunos e meus amigos o sabem!



4. ORGANIZAÇÃO

UM LIVRO

Meu irmão R Mauro, que o tempo levou, zombava do destino e me dizia: “graças a Deus eu tenho asma na hora de dormir. Assim, tenho mais tempo para ler”. Não era à toa que Jorge Luis Borges foi o seu preferido.

Em Ficciones, Borges mostra sua preocupação com o livro:

“instrumento sem o qual não posso imaginar minha vida e que não me é menos íntimo do que minhas mãos ou meus olhos”..

“Continuo imaginando não ser cego; continuo comprando livros, continuo enchendo minha casa de livros...”

“Penso que o livro é uma das possibilidades de felicidade de que dispomos, nós, os homens”.

Borges continua:

“Emerson diz que uma biblioteca é uma espécie de gabinete mágico. Nele se encontram, encantados, os melhores espíritos da humanidade, mas que esperam nossa palavra para sair de sua mudez. Temos que abrir o livro; aí, eles despertam”.

Em “Cinco Visões Pessoais”, Borges cita Santo Anselmo:

“colocar um livro nas mãos de um ignorante é perigoso quanto colocar uma espada nas mãos de uma criança”.

O QUE MOTIVOU O LIVRO

“Uma ESCOLA PRA VALER tem uma mágica intangível que faz de cada aluno, cada servidor administrativo e cada servidor professor um agente efetivo de uma Escola diferente, transformadora da sociedade. Esta Escola leva o aluno à mágica compreensão de sua importância para uma sociedade melhor e os professores e administrativos ao intangível prazer na construção diária desta Escola.”

Este é o pressuposto do documento “10 Fundamentos de uma ESCOLA PRA VALER“ que enviei, recentemente, a várias listas eletrônicas: Sociedade Brasileira de Computação (SBC), Instituto Federal do Ceará (IFCE), Universidade Federal do Ceará (UFC), além de listas pessoais.

A repercussão do documento ultrapassou minhas expectativas, em especial na lista da SBC. Este fato motivou-me a ampliar o documento que, até então, se destinava a dar sugestões aos interessados em participar do processo eletivo aos cargos de reitor e de diretor de campus do IFCE. Lembrei-me também, na ocasião, que meus últimos artigos publicados no jornal O POVO abordavam prioritariamente o tema educação e, naturalmente, tratavam das mesmas ideias propostas no documento inicial “10 Fundamentos de uma ESCOLA PRA VALER“.

Resolvi, então, adicionar estes artigos aos 10 fundamentos. Estava, assim, constituído o corpo do livro, uma visão pragmática com fundamentos e recomendações sobre como deve ser uma ESCOLA PRA VALER, alimentadas com artigos que descrevem o cenário no qual estes fundamentos foram criados.

A segunda ideia geradora do livro é de que os artigos e os 10 fundamentos têm a marca profunda dos ensinamentos, da orientação e da amizade do professor, orientador e amigo Prof Luiz Fernando Gomes Soares, nosso querido LF. Julguei ser oportuno prestar mais que uma homenagem: creditar ao LF uma corresponsabilidade pelo livro.

Seguramente, este livro não existiria sem seus ensinamentos, orientação e, principalmente, amizade ao longo de 30 anos de intensa convivência.

COMPOSIÇÃO DO LIVRO

ESCOLA PRA VALER tem o privilégio de ser apresentado pelo magnífico reitor do Instituto Federal do Ceará (IFCE), Prof Virgílio Augusto. O privilégio se dá em dose dupla: De um lado tive o prazer de ter o Virgílio Augusto na minha equipe de gestão quando fui diretor geral da instituição na importante e decisiva transição de Escola Técnica Federal do Ceará (ETFCE) para Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará (CEFET), denominações anteriores do IFCE.

Virgílio foi Diretor de Administração, à época, tendo participação atuante nos projetos de extensão que possuem o DNA dos 10 fundamentos propostos no livro, em especial no

Pirambu Digital, projeto de inserção social de sucesso realizado no bairro do Pirambu, em Fortaleza. Por outro lado, Virgílio acompanhou de perto minha relação profissional e de amizade com o LF, a quem o ESCOLA PRA VALER é dedicado, sendo testemunha dos inúmeros benefícios que o LF trouxe à ETFCE e ao CEFET, via palestras, cursos, projetos, etc. (LF sempre contava a todos sobre a recepção no restaurante Sandras, nas dunas em Fortaleza, anfitriada pelo diretor geral Cesar Araripe, no ano de 1987). É Virgílio, portanto, bastante credenciado para atestar a pertinência da homenagem prestada pelo livro ESCOLA PRA VALER ao nosso querido LF.

O livro é aberto com o prefácio de Isa Martins, esposa e companheira amiga de 25 anos do LF. Em seguida, em “Amizade é ter histórias pra contar”, no que deveria ser um breve relato, me perco no objetivo da apresentação do livro e acabo revelando toda a emoção que acompanhou minha convivência privilegiada com o LF.

O ESCOLA PRA VALER possui 10 partes:

A parte 01, “Como uma onda no mar”, é prefaciada pelo Guido Lemos, seu aluno, orientado, amigo e compadre. Esta parte abre o livro com uma homenagem ao LF no qual são mostrados dois artigos publicados na Revista da SBC (REDPUC, uma rede feita por nós) e no jornal O POVO (Amizade sem fim), e duas poesias a ele dedicadas: Relance e Sempre.

Na parte 02, “10 Fundamentos de uma ESCOLA PRA VALER”, prefaciado pelo Philippe Mahey (único francês que tem sotaque carioca), seu amigo de PUC-Rio e parceiro de pesquisa, são apresentadas as propostas para quem se aventura ao desafio de gerir uma Escola. Apesar de nem de longe esgotar o tema, os 10 fundamentos propostos objetivam contribuir pragmaticamente para a construção de uma EscolaPra Valer.

Na parte 03 a 09, Artigos sobre Escola, são apresentados 80 artigos prefaciados pelo José Gomes Soares, irmão do LF; Raimundo Macedo da UFBA e Thais Batista da UFRN, ambos parceiros e amigos da SBC; Chico Mauro, que o chamava de Magão; Marcos Rodrigues, meu aluno na ETFCE e seu aluno no mestrado da PUC-Rio; Carlos Salles, seu orientado da UFMA.

São ao todo 80 artigos, praticamente todos relacionados à educação, a maioria publicada no jornal O POVO, desde 2010. Percebe-se ao se ler os artigos que eles servem de substrato teórico aos fundamentos apresentados na parte 02 do livro.

A parte 10 retoma a homenagem do livro ao LF, apresentando fragmentos de sua trajetória e conquistas, reconhecimentos nacionais e internacionais, como a Recomendação do ITU-T H-761, a única da engenharia brasileira. Esta parte é prefaciada pelo Rogerio Rodrigues, seu aluno, orientado, amigo e companheiro de composições sambísticas com parceiros importantes como Adoniram Barbosa, Zeca Pagodinho e outros... que nunca tomaram ciência desta parceria (rsrsrsr).

O ESCOLA PRA VALER é fechado com o anúncio do Prêmio Luiz Fernando de Computação, com a Genealogia Acadêmica do LF e com a “conversa” do tio LF com Laís de Oliveira Fontenele:

- Este prêmio anual é destinado a alunos de graduação do IFCE, UFC e PUC-Rio. O beneficiário recebe um estágio em uma universidade francesa, hospedagem e U\$ 1000,00, concedido pela BARCA, Bodega das Artes Raimundo de Chiquinha do Aracati.
- A Genealogia Acadêmica nos foi gentilmente enviada, coincidentemente no apagar das luzes da edição do livro, pelos professores seus amigos de SBC, José Carlos Maldonado e Jesus Mena-Chalco.
- Laís é minha neta. Ela tem 2 anos e fez uns desenhos no colégio que são “interpretados” pelo LF. Como era de se esperar, o LF faz suas piadinhas (sem graça) com o avô da Laís e associa os desenhos ao contexto do livro

O Livro é encerrado com o posfácio do Prof Myrson Lima, membro da Academia Cearense da Língua Portuguesa, um amigo conhecedor e admirador do trabalho do LF. A vinda do LF à Fortaleza passava, obrigatoriamente, por um encontro com o Prof Myrson e a eterna brincadeira: o LF perguntava: “Myrsão como se soletra PI-AU-Í... ou será PI-AUI? “ E caíamos na gargalhada da mesma piada do LF de todos os encontros com o Myrson.



PARTE 01

COMO UMA ONDA NO MAR

Prefácio: Guido Lemos

- 1. Amizade sem fim**
- 2. Uma rede feita por nós**
- 3. Amizade é ter histórias pra contar**
- 4. Sempre**

*“ O aluno nos percebe mais pelo que fazemos do que pelo que dizemos”
(Mauro Oliveira)*

PARTE 01

PREFÁCIO



Guido Lemos

Mauro me pediu para escrever o prefácio da Parte 1 do livro ESCOLA PRA VALER, em homenagem ao LF. Isso aconteceu numa sexta-feira, a pior noite da minha vida.

Luisa, minha filha, estava com uma hemorragia no baço que começou 40 dias atrás. Na sexta a membrana do baço rompeu. Ela fez uma cirurgia de urgência e estava se recuperando. Ela veio para casa para ser curada e tenho certeza que quem a trouxe para nós foi um “espírito de luz”, o nosso LF, padrinho de Luisa.

Chorei feito um menino agradecendo a ele por ter guiado minha filha para casa e nos ajudado a salvar a vida dela. Só pode ter sido ele. Mesmo do outro lado, continua cuidando de nós!

Minha filha se chama Luisa em homenagem a Luiz e Isa. Luiz é minha referência, meu pai do coração. Quando fui aceito como seu orientando no doutorado ele me disse que se tivesse tido um filho com a primeira esposa ele iria se chamar Guido. Só fui entender o que ele estava dizendo alguns anos mais tarde...

Como toda relação de pai e filho, tem a infância, onde você obedece, segue as orientações sem questionar. Depois vem a adolescência, onde você questiona, contesta... daí nasceu o Ginga, onde seguimos caminhos as vezes paralelos, as vezes conflitantes, mas construídos em cima de um relacionamento pessoal sólido, baseados em respeito e admiração inquestionáveis. Por fim, o amadurecimento com conversas tranquilas, prazerosas, conselhos sábios.

Enfim, continuo sentindo a presença do nosso grande e inesquecível amigo e sempre que tenho que tomar uma decisão lembro de seus conselhos e de seu exemplo de vida!

AMIZADE SEM FIM!

*“Sim, tenho saudades. Sim acuso-te porque fizeste o não previsto nas leis da amizade e da natureza nem nos deixaste sequer o direito de indagar ... porque te foste”
(Drummond).*

Quero falar do meu querido professor e melhor amigo, um dos nossos maiores cientistas. Quero falar de Luiz Fernando Gomes Soares, Professor Titular da PUC-Rio, inventor da REDPUC (a primeira rede de computadores feita no País), idealizador do GINGA, software que dá alma à TV digital brasileira e que deu ao Brasil sua única recomendação no *International Telecommunication Union* (ITU-T H.761), orientador de uma ruma de mestres e doutores.

Muitos sabem deste Luiz Fernando (LF) cientista. Poucos sabem de um outro LF que enfrentava lobistas, operadoras de TV, fabricantes e “seus canhões” em defesa do Brasil. Se hoje não pagamos (ainda) royalties pela TV digital (TVD), como acontece com os celulares, é porque desenvolvemos nosso modelo de TVD. E o GINGA é o coração deste modelo de pernas japonesas.

Poucos sabem de um outro LF que “Nasceu e Tava Pronto Para Morrer”. NTPPM! Era com este grito de paz que LF distribuía sabedoria e generosidade a alunos e amigos! “Uma luz que veio para melhorar a vida de quem estava por perto”, disse seu mestre de capoeira. Com tantos amigos especiais, acho que o Oscar Wilde plagiou o LF em “Escolho meus amigos pela pupila”.

O LF pode não ter sido o maior cientista do País, mas foi, certamente, o cientista mais feliz para seus ex-alunos: “Os felizes são generosos... têm prazer em ajudar, dividir, doar... com um sorriso imenso no rosto... sem nunca pedir nada em troca” (Socorro Acioli em “Sobre os Felizes”, **O POVO**, 15/09/2015).

Chico Mauro, meu irmão, também o compilou: “O Magão (LF) sempre estará em nossas vidas. Vamos manter a chama de sua alegria mesmo com o vácuo que extingue o fogo... simples como voar! Amar é a saudade na perda, um mistério da vida... que continua”!

Minhas Carolinas sempre contam aos amigos, com muito orgulho, desta nossa amizade que contagiou nossa família e nossos amigos, a elas em especial. Arthur, meu bolsista CNPq, que só viu o LF uma vez, disse que sente sua presença em nosso laboratório de tanto se falar nele.

Este 2015 viajamos de carro duas vezes (Aracati e Tiradentes) com Guido Lemos, Gustavo seu filho, Gustavo seu irmão e Phillipe Mahey, com um único objetivo: rirmos das mesmas piadas. Aos domingos, antes de eu passar o telefone para ele falar com Dona

Gelita, ele atendia dizendo: “manicômio judiciário”. Sempre a mesma piada! ... Ai saudade que não sai ...

Viajei longe pra sarar a falta do meu melhor amigo. Mas não teve jeito: “tentei fugir de mim, mas onde eu ia, eu tava”. Tinha que ser o sempre brincalhão LF a me enviar a prosa do Tiririca!

“*Sim, tenho saudades...!*” Mas não te acuso LF amigo porque, como na poesia que te fiz, “amizade é ter histórias pra contar”... e não acredito que esta tenha sido a última história de uma amizade sem fim! Não acredito!

(Artigo publicado no jornal O POVO em 05 de outubro de 2015)



REDPUC, UMA REDE FEITA POR NÓS!

“NADA DO QUE FOI SERÁ DE NOVO DO JEITO QUE JÁ FOI UM DIA”

Dez megabits por segundo, pense! Era esse o nosso desafio no Laboratório de Redes de Computadores do Depto. de Enga. Elétrica da PUC-Rio: fazer uma rede local para competir com os 10 Mbps da Ethernet, padrão IEEE 802.3, com o seu protocolo de acesso CSMA/CD. O recém lançado microprocessador 8086 da INTEL não dava vencimento aos nossos propósitos, nos levando a procurar arrego na arquitetura bit-slice da Advanced Micro Devices (AMD), o que nos permitia definir o próprio código de execução da máquina. Finalmente, conseguimos os 10 famigerados Mbps numa topologia em barra, protocolo de acesso Anel Virtual com passagem de token. Nascia (“pronta pra morrer”) a REDPUC, uma rede feita por nós e, principalmente, por NÓS, Prof Luiz Fernando e seus poucos escolhidos (eram muitos os candidatos... tá no “livro”). Era isso aí, Seu Menino! Ô Trem Bom! O time do Prof Luiz Fernando poderia até perder para a Seleção Cearense de Futsal (o que acontecia com frequência nas terças, sob o comando do cangaceiro Giovanni Barroso) na quadra descoberta da PUC, mas jamais para a Xerox de Palo Alto.

“TUDO PASSA/ TUDO SEMPRE PASSARÁ/ A VIDA VEM EM ONDAS COMO O MAR”

Era 1987! Paula Toller do Kik Abelha já “fazia amor de madrugada” e era a gata do pedaço. Os pilotis do Cardeal Leme fechavam os olhos para as minissaias que diariamente desfilavam ao sabor do vento, animando nossa alma juvenil na saída do bandeirão. O país se livrava, lenta e gradualmente (SIC), dos últimos resquícios da ditadura. O bar do Hipódromo ainda não era o point do baixo Gávea. Embora o Viagra, (maior invenção depois do transistor) ainda não estivesse disponível no mercado, a vida era linda e maravilhosa. Novas empresas de redes locais de computadores se instalavam no país, muitas delas legítimas “filhas da REDPUC”. O Prof Luiz Fernando e “seus blue caps” levaram a REDPUC literalmente nas coxas (dentro do avião) para exposição no I Seminário Internacional (tinha o hermano Mario Fiallos, de Honduras) de Redes de Computadores do Ceará. O evento foi manchete internacional (em Honduras). Era o primeiro tentáculo do que viria a se tornar o TELEMIDIA (não deixem de ler o próximo parágrafo).

“A VIDA VEM EM ONDAS/COMO UM MAR/NUM INDO E VINDO INFINITO”

Enquanto o homem pisava na lua, iniciando uma nova era espacial, a REDPUC se lançava à sua última odisseia no espaço terrestre: minha dissertação de mestrado. Afinal, DRÃO, tudo tem que “morrer para germinar”, diz o Caetano... ou não! E germinou! Prof LF e filhotes se mudavam para o prédio do Depto de Informática do já famoso Dr Carlos Lucena (Prêmio Turing), com mala e bits. Nascia, assim, o TELEMIDIA, um laboratório com ginga, mas com muita GINGA mesmo. Era um bebê multimídia com a mesma missão da REDPUC a qual o Prof LF lhe destinara: formar mestres e doutores de altíssima qualidade, crescer e se multiplicar em outras terras prometidas e, para manter à tração, dar à PUC o que é da PUC.

“TUDO QUE SE VÊ NÃO É/IGUAL AO QUE A GENTE VIU HÁ UM SEGUNDO”

Mais arrogante do que o primogênito REDPUC, o recém parido GINGA haveria de enfrentar gregos e padrões internacionais (japoneses, americanos, europeus) com a ajuda de uma meia dúzia de três ou quatro troianos. Seria uma luta do rochedo contra o mar de operadoras broadcast, sem muito compromisso com a nação. Um David multimídia contra os Golias de indústrias ávidas pelo lucro a qualquer preço. O GINGA seria um case típico da competência da tecnologia nacional (só valorizada quando reconhecida lá fora) contra lobbies que teimam em dizer não à criatividade tupiniquim: trata-se da maior plataforma de software brasileiro, adotado na maioria dos países da América do Sul.

Pois bem. Neste 20 de fevereiro, niver do Professor LF (ele preferia “Prof” a “Dr” - achava mais importante), consolidou-se o iGINGA (sem ter que “morrer pra germinar”), um instituto que segue o mantra do mestre (como bala de canhão): tudo que fizermos deve melhorar o mundo! O iGINGA nasce com o DNA da REDPUC que é o DNA do GINGA, criaturas com o DNA do criador, Prof LF. Um DNA capaz de se fazer conhecido por meus alunos de Aracati (CE) que não o conheciam ao vivo e a cores. Só de ouvir falar, como diz o caboco honrado do sertão!

“TUDO MUDA O TEMPO TODO/NO MUNDO/HÁ TANTA VIDA LÁ FORA/AQUI DENTRO SEMPRE”

O Instituto GINGA, o iGINGA, nasce pra germinar! Foi bem plantado, tem procedência, é de família... e que família! Nasce com novos desafios, mas com a mesma predestinação que o chefe outorgou à REDPUC: continuar formando mestres e doutores de altíssimo qualidade. O resto vem ... do jeito que vem!

O iGINGA nasce sem seu chefe, que o inspirou, mas herda toda a sua magia! A magia de quem acreditava no país, nas pessoas até prova em contrário (exceto em quem bate no cachorro com chinela japonesa – liga pra mim que eu conto essa). A magia de quem, a exemplo de Dom Quixote de La Mancha, deu o máximo de si... “porque é o melhor que um homem pode fazer na vida”. A magia de chorar sem mostrar lágrimas, de melhorar o mundo no silêncio, de ser feliz sem precisar prová-lo, de saber perder sabendo que cedo ou tarde venceríamos, de jamais lamentar a vida porque seria injusto. A magia de nos escolher para um prêmio intangível: a convivência com ele, um homem de bem.

Um homem de bem que nos permitiu observá-lo mais de perto, talvez para ajudar-nos não “atravessar o rio da vida no porão do navio”, talvez para jamais termos medo da “escuridão, nossa velha amiga, nem das luzes de neon em nossos sonhos, nem das palavras dos profetas escritas nas paredes do metrô” (The Sound of Silence). E um dia, quando nos encontrarmos, todos nós, os NÓS do TELEMIDIA, vamos cantar radiante a lvele neste primeiro carnaval sem ele: “Nossa vida vai, nossa vida vai, ... Pra frente, pra frente frente”. Porque nós queremos assim, que a vida vá. Pra frente!

Obrigado Dr... OPA!, digo, Obrigado Professor LF, por ter feito com toda ginga, um GINGA feito por NÓS, seu “BANDO DE VAGABUNDOS”... e nos ajudado a ser “donos e senhores dos nossos destinos, capitães de nossas almas” (William Henley in Invictus)!

“COMO UMA ONDA NO MAR”

(Artigo publicado na Revista da Sociedade Brasileira de Computação, nº 30, em 01/2016)

RELANCE

(OU “AMIZADE
É TER
HISTÓRIAS
PRA CONTAR “)



**Para o tio LF,
Montreal 20 fev 2010**

Olhando o tempo, de relance,
vejo o quanto aprendi com meus amigos.
Aprendi a viver mais, muito mais ...
cantar que a vida seria bem melhor,
e fazê-la... e será!

Olhando o tempo,
percebi não seria tão feliz sem meus amigos.
Aprendi a aceitar-me ... a vida vem como ela vem ,
enfrentar trancos, evitar barrancos, ...ou não,
compreendendo a cada acontecimento sua razão!

Olhando o tempo,
percebi não sou de Marte se tenho meus amigos.
Aprendi a amar, a chorar, a perdoar, a amar...
recomeçando na próxima, de novo, e novamente,
tudo tem que germinar!

Olhando o tempo,
percebi o quanto a minha vida tem de meus amigos.
Aprendi a não desistir ...
desafiando o máximo de mim,
manhã de sol, pra cima, pra riba!

Olhando o tempo,
percebi o quanto devo a esses amigos.
Aprendi a viver, a aceitar-me, a não desistir, a per-
doar...
pois perdendo é que se Perdoa,
uma magia sem igual!

***Olhando o tempo, noutra relance,
sinto o quanto aprendi com você, meu amigo LF.
Mil histórias pra contar, lado esquerdo em repen-
tes, a cantar a vida bem melhor...
e fazê-la ... e será!***

SEMPRE

Para Isa & Luiz Fernando

*Amigo não é substantivo
São verbos em uma canção!*

Um sempre amigo
É pra se confiar
Nunca fingir
Sempre partilhar!

Um sempre amigo
É pra se torcer
Nunca fugir
Sempre crer!

Um sempre amigo
É pra se cuidar
Nunca desistir
Sempre arriscar!

Ah, esse LF meu amigo
De uma alegria espacial
De seus tolos momentos
De meus loucos projetos
Tem a energia especial
De um sempre amigo!

(Este poema foi feito em 1988 e foi publicada no livro CEU ACIMA)





Adivinhe onde o LF está nesta foto (dica: ele não é de ficar sentado)!

PARTE 02

10 FUNDAMENTOS DE UMA ESCOLA PRA VALER

Prefácio: Philippe Mahey

1. O poder na Escola
2. Escola Social
3. Estética como a Quinta Linguagem
4. Um MIT do Sertão
5. Professor “Animador” X Professor “Papagaio”
6. O Aluno “Cúmplice” da Escola
7. Esporte & Drogas
8. Startup & Economia Criativa
9. Meritocracia & Oportunidade
10. Paixão & Felicidade

*“Uma Escola que é reflexo da sociedade não consegue modificá-la,
não serve a ela... nem pra ela”
(Mauro Oliveira)*

PARTE 02

PREFÁCIO



Philippe Mahey

ESCOLA PRA VALER! Esse grito era um verdadeiro desafio para o Professor LF e ele bem sabia que essa meta não se alcança sem democracia. Olhem bem essa foto da grande passeata a favor das Diretas nos anos 80, ele era um jovem professor da PUC e já ficava rodeado de estudantes!

De fato, nada melhor do que passar a palavra para ele, como se ele estivesse contando mais uma história para nós (Extrato do Memorial que o LF submeteu a banca de Professor Titular na PUC do qual fui honrado em participar em 2004):

[... Fui presidente de diretório, fiz parte do MUSP do saudoso Padre Agostinho, e neste caminho foi que encontrei meu grande amigo Gustavo Cintra, estudante do Departamento de História e meu professor de capoeira. Tínhamos, em 1990, um sonho de evitar que crianças e adolescentes, consideradas em situação de risco, abandonassem a escola, ficassem expostas e se engajassem em atividades marginais. Resolvemos buscar o sonho, e graças ao trabalho mais que dedicado do “mestre” Gustavo, pudemos, junto com a Profa. Luiz Helena Hermel do Departamento de Serviços Sociais, dar nosso primeiro passo. Com a intenção de romper com a formação fragmentada a que essas crianças e adolescentes são submetidas, foi criado, em maio de 1995, o CIDS – Centro Integrado de Desenvolvimento Social, integrando a escola pública com a família, a comunidade e o mundo do trabalho, através de atividades sociais, educativas, profissionalizantes e culturais. Hoje o CIDS dá assistência a mais de 230 crianças...]

Não foi sonho não, ele fez e mostrou o caminho para outros levar e lutar, pois isso é o próprio da escola, na qual tem vida, tem escola. Universidade e pesquisa também fazem parte do mesmo objetivo e lá também, o LF foi exemplar.

Em 1998, o laboratório Telemídia que ele mesmo criou e liderou na PUC, foi reconhecido entre os cinco laboratórios mais influentes no mundo na área de Sistemas Hiperídia pelo IEEE. Foi um acontecimento muito especial para ele e uma consagração dos esforços e da tenacidade que empreendeu para convencer a comunidade internacional.

O próprio Dick Bulterman, pai da linguagem SMIL e outro convidado deste congresso, me contou depois com um certo ar de inveja e admiração como o Luiz Fernando, sem falsa modéstia, conseguiu virar a plateia e mandou tudo mundo ouvir um samba perfeitamente sincronizado...

10 FUNDAMENTOS DE UMA ESCOLA PRA VALER

Qual a missão maior da Escola e de seus professores, administrativos, zeladores, diretores?

Definitivamente, a missão maior da Escola é ajudar o aluno a ser feliz. Embora o conceito de felicidade seja muito controverso e subjetivo, este é o papel da Escola, da família, da sociedade. A Escola tem esse papel porque ela é, sobretudo, um lugar de oportunidades, de trocas de conhecimento, de experiências, de afetos. Isso a credencia como um dos elos de transformação do aluno na tentativa de ajudá-lo a fazer suas escolhas pessoais e profissionais, a construir um caminho que, ao final, será só seu por mais que seja apoiado ou compartilhado por outrem. Estas escolhas, se corretas, o tornarão um sapiens digno, melhorador do planeta.

O CONCEITO DE ESCOLA PRA VALER

Os 10 fundamentos aqui propostos são alicerçados na ideia de uma ESCOLA PRA VALER, um conceito mágico e intangível capaz de fazer cada aluno, cada professor e cada servidor administrativo um agente efetivo de uma Escola diferente, transformador da sociedade. Uma ESCOLA PRA VALER leva o aluno à compreensão de sua importância para uma sociedade melhor e serve de cenário para que seus professores e servidores administrativos tenham o prazer diário na construção desta Escola: esta magia intangível para ajudar o aluno a ser feliz!

A QUEM SE DESTINA O ESCOLA PRA VALER

Apesar dos 10 fundamentos terem sido elaborados, inicialmente, visando àqueles com planos de dirigir uma Escola (candidatos a reitor, diretores gerais, chefes de departamentos, coordenadores de curso e outros cargos gratificados) estes fundamentos podem servir de reflexão a todos os atores envolvidos no ecossistema escolar, sejam eles alunos, professores, administrativos, pais de aluno, cidadãos. Portanto, estes 10 fundamentos podem ser úteis tanto aos que se pretendem tomadores de decisão quanto àqueles que os escolhem e se tornam, ou deveriam, corresponsáveis pelas tomadas de decisão dos eleitos. Mesmo em Escolas que não elegem seus dirigentes, os 10 fundamentos continuam válidos.

PARA QUE SERVE UMA ESCOLA PRA VALER

Será que todos querem uma Escola em que cada aluno, servidor administrativo e professor seja um agente efetivo do processo de transformação da sociedade? Nossa sociedade é, por vezes, reacionária. Mas negar isso é optar por um modelo conservador que fortalece eventuais vícios familiares e da própria sociedade. Negar isso é relativizar o conceito de Escola, é optar por um centro de adestramento no qual os valores postos em prática servem aos interesses escusos dos que mandam (?) na Escola.

COMO COMEÇAR UMA ESCOLA PRA VALER

Mas como alcançar numa Escola este conceito mágico e intangível que faz de cada aluno, administrativo e professor um agente efetivo de uma Escola diferente, transformadora da sociedade? É preciso coragem e determinação dos líderes da Escola, sejam eles dirigentes ou não. É preciso discernimento para não confundir politização com partidatismo. É preciso que os atores envolvidos tenham a compreensão da real dimensão do processo que torna o seu entorno escolar uma ESCOLA PRA VALER. Infelizmente, faz parte de nossa cultura tupiniquim nos aproximarmos mais dos que pensam igual a gente ao invés de nos enriquecermos com os que pensam diferente. Uma ESCOLA PRA VALER tem que levar o aluno a rever valores estabelecidos, a fazer novas leituras, a respeitar e conviver com as diferenças, a tomar decisões próprias à luz de novos paradigmas.

QUAIS AS AMEAÇAS DE UMA ESCOLA PRA VALER

O tema parece oportuno quando se percebem retrocessos recentes ensaiados na “nova” república de “velha” política, retrocesso que deveriam nos preocupar fortemente. O projeto “Escola sem Partido”, por exemplo, seria nocauteada já no primeiro discurso se estivéssemos no tempo em que a universidade ainda tinha o vigor de ir às ruas, “caminhando e cantando Vandrê nos jardins de Maiakóvski”. Mas algo aconteceu que ela perdeu este vigor dos anos 70 e 80 quando, agindo certo ou errado, ela se preocupava com a sociedade. Uma universidade que não se preocupa com a sociedade, que não está à frente dela, serve mesmo pra quê?

O QUE UMA ESCOLA PRA VALER PODE FAZER

O pior deste projeto *nonsense* apelidado, indevidamente, de “Escola sem Partido”, é a obrigação de professores não poderem ir de encontro a crenças e valores dos pais. Muito estranho, pois a Escola assim procedendo, a “Lei de Gerson” - levar vantagem em tudo-, a mafiosidade dos chamados “coronéis” da política de interior - aos amigos tudo, aos inimigos a lei-, a sociedade machista - o covarde que bate em mulher-, os preconceitos - de raça, grana, gênero, etc.- ficariam intocáveis. Vale lembrar que alguns destes valores são cultuados, quando não praticados, por alguns pais, em especial nas comunidades mais periféricas, segundo as estatísticas. Uma ESCOLA PRA VALER tem que ser o contraponto do conservadorismo, mensageira da tolerância, instigadora de uma sociedade solidária, cada vez mais inovadora. São os alunos da nova ESCOLA PRA VALER que devem seduzir os pais para um novo tempo de vanguarda, um tempo mais tolerante, mais solidário, inovador!

FUNDAMENTO 1: O PODER NA ESCOLA

“O aluno nos percebe mais pelo que fazemos do que pelo que dizemos”

Nada mais incompatível com a missão de uma Escola do que servidores, candidatos a cargos eletivos, praticarem em período eleitoral, ou antes dele, os mesmos vícios dos políticos. Com efeito, o processo eleitoral em uma Escola é uma excelente oportunidade (ou deveria ser) para que os agentes educacionais de uma ESCOLA PRA VALER exercitassem, pela prática, o discurso ético e de outros valores ditados em sala de aula, desconhecidos ou desconhecidos pelos políticos profissionais (sic).

Assim, a Escola dá novos exemplos, serve de referência de vida, transforma a sociedade. Caso contrário, ela fortalece os vícios da sociedade e não serve a ela... nem pra ela. O que se passa na cabeça de um professor ao agir com os mesmos procedimentos de um cabo eleitoral de segunda categoria (como seria o de primeira categoria?) em épocas de eleição dentro do ambiente escolar se, logo depois, ele entra em sala de aula como se

seu comportamento externo não tivesse nenhuma relação com os preceitos éticos que ele propaga, que ele vocifera mas não pratica?

Seria legítimo (apesar de legal) um professor com a prática contraditória dentro e fora da sala de aula, punir um aluno porque “colou” a prova do colega? Na verdade, o aluno nos percebe mais pelo que fazemos do que pelo que dizemos!

Não é digno, pois, para dirigir uma ESCOLA PRA VALER quem a confunde e a trata como uma “prefeitura desqualificada” em tempos de eleição, como acontece em algumas instituições públicas de ensino no Brasil. Tampouco é digno desta Escola professor ou administrativo que compactua desta cumplicidade.

Agregue-se a este requisito ético, a dignidade para liderar uma ESCOLA PRA VALER, as responsabilidades e qualificações técnico-gerenciais de quem se diz preparado para tal ofício (ver Fundamento 4). Com efeito, uma Escola acaba tendo a “cara do seu diretor”, por mais que conte com as competências individuais de seus professores e servidores. Um bom líder (reitor, diretor, chefe, coordenador, etc.) deve usar seu carisma e agir com inteligência pedagógica com alunos, justiça administrativa com demais servidores e audácia inovadora com a instituição.

Não basta a um líder apenas trabalhar muito pela instituição. Precisa muito mais:

- A percepção de oportunidades externas: Isto exige um balanço entre as visões pragmática e acadêmica que resulte em novas ideias, projetos, contratos, convênios, negócios, apresentações artísticas, etc., para a instituição. Mais do que trabalho, a percepção de oportunidades requer habilidades diversas e determinação.
- A valorização de competências internas: É a contramão de uma cultura provinciana que só valoriza o que vem de fora. Certo dia vi, afixado no flanelógrafo de uma faculdade, literalmente o seguinte cartaz: “convite para a palestra X, com um professor vindo do Rio de Janeiro”. O professor não tinha nome, muito menos um Lattes,... mas tinha “procedência”. Pode um negócio desse?
- A isonomia nas decisões sobre seus pares: Pegando carona no que dizem os políticos antes das eleições (mas contrariando suas práticas após), todos são importantes. Um líder de uma ESCOLA PRA VALER, uma vez eleito por sua comunidade, deve se portar como um capitão no comando de um barco meio a tempestade, onde todos podem colaborar para o sucesso da missão, todos têm como fazer melhor, todos são importantes... mesmo!
- A transparência de quem não é “dono” mas cuida como tal: Esta postura de “dono”, de quem se preocupa como se fosse seu, requer uma visão holística do mundo, a vontade expressa no rosto, o desejo manifesto em ações, o equilíbrio entre o sonho e a realização. Cuidar de uma escola como se fosse o seu negócio é fundamental no conceito de ESCOLA PRA VALER. Isto flui mais pelo olhar firme e sincero, olho no olho, do que pelos poros!

Já dizia o saudoso Prof. Anchieta, ex-diretor da ETFCE: “uma Escola não é uma repartição pública”. Quem não compreende a metáfora do Anchieta, não dá para o ofício de educar... muito menos para liderar uma ESCOLA PRA VALER!

Recomendação: o candidato a cargos eletivos em uma Escola deveria se apresentar à comunidade apenas com seus programas e propostas, poupando a comunidade do pedido individual do voto no famoso “corpo a corpo”, por vezes constrangedor. O uso de recursos financeiros em campanhas na Escola também é execrável, pois remete às mesmas práticas condenáveis nas “prefeituras desqualificadas”. Portanto, qualquer tipo de assédio, promessas de cargos ou de benefícios que não sejam os da própria instituição, são “cafonices corruptivas”, portanto ilegais, que não cabem em uma ESCOLA PRA VALER.

E repetindo:

Não é digno para dirigir uma ESCOLA PRA VALER quem a confunde e a trata como uma “prefeitura de segunda categoria” nos períodos de eleição! Tampouco é digno desta Escola quem compactua nesta cumplicidade.

FUNDAMENTO 2: UMA ESCOLA SOCIAL

“Uma Escola que é reflexo da sociedade não consegue modificá-la, não serve a ela... nem pra ela”

O caldo social do “coronelismo” (quem for podre que se quebre) misturada com a “lei do Gerson” (o lance é levar vantagem em tudo) parece ainda impregnar nossa sociedade que só se solidariza em situações de grande comoção. Nosso aluno precisa ser alertado contra o individualismo deste “caldo”, ser motivado para a solidariedade com o outro, ser estimulado para perceber na ajuda ao outro um componente de sua felicidade, ser despertado em sua autoestima na capacidade extraordinária que tem de transformar a sociedade. Assim, o aluno precisa também ser agente de seu próprio processo educacional.

Sem essa ideologia pedagógica da busca da felicidade do aluno, tornando-o ator e corresponsável pelo processo de melhoria da sociedade, a educação torna-se treinamento servindo apenas para reforçar o individualismo do aluno, fortalecendo seus vícios morais do “caldo” preconceituoso e, por vezes, desumano.

Os campeões dos “outdoors” na cidade não são, necessariamente, os campeões na vida em seu sentido lato. Muitos deles só conhecem seu bairro rico, o aeroporto e Orlando/Miami. Nem sabem que existe uma periferia sofrida, a camuflar favelas das avenidas largas, sem esgoto, água potável, higiene básica. São meninos que vivem em outro Brasil, cuidados que foram por “babás de brancos” em restaurantes caros da vila. Certo dia, ouvi de um deles que “era muito legal o fato de todas as crianças no Brasil falarem inglês”. *By the way*, esta e outras histórias do tipo nos remete a Sidarta Gautama, o Buda, cujo pai queria, a exemplo de muitos que conheço, poupar o filho de conhecer a dor e sofrimento dos outros.

Uma vez vi garotos brasileiros na Aliança Francesa, em Paris, quem sabe “campeões de outdoors”, tentando roubar coca-cola da máquina *self-service*. Vejo, frequentemente, a classe média ocupar a vaga do idoso e do deficiente físico quando ninguém tá vendo (ou mesmo quando todos veem). Vejo ricos e pobres que não retornam à moça do caixa quando esta “coitada” (é ela que paga a conta) esquece de registrar um artigo comprado. Pergunto-me, curioso, por que temos (majoritariamente) esta “mania”.

Se não é a Escola que vai provocar uma mudança nessas “manias”, quem será então? Acho que é possível sim, a uma Escola produzir mudanças, desde que ela tenha uma magia intangível que faz de cada aluno, cada servidor administrativo e cada professor um agente efetivo de uma Escola diferente, transformar da sociedade! Outro dia, Jor-

jão, funcionário de uma terceirizada do IFCE, sem doutorado, bacharelado nem outro “mabrado” qualquer, entrou na minha sala de aula, bruscamente. Com o dedo em ris-te, apontou para meus alunos e, como um príncipe, outorgou-lhes uma nobre missão. “Vocês não podem sair por aquele portão do mesmo jeito que entraram aqui. Vocês precisam melhorar a cidade. O Aracati precisa de vocês”, disse ele.

Nossos alunos são futuros líderes da sociedade. Precisamos prepará-los para cuidarem bem dela e, ao mesmo tempo, serem felizes. E isso só se torna sólido pela prática social. É na Escola que eles precisam exercitar a solidariedade com o outro que não teve a chance de estar naquela Escola. É na Escola que eles precisam exercitar o sentimento de pertença ao planeta ameaçado. É na escola que eles precisam exercitar a tolerância com as minorias. É na escola que eles precisam exercitar uma sociedade diferente, melhor, se fizerem um homem útil, capaz de dar o máximo de si... com generosidade! Esta é a sina de uma ESCOLA SOCIAL PRA VALER.

Recomendação: Quem quer liderar uma Escola deveria se comprometer fortemente com práticas de responsabilidade social de nossos alunos. Existem vários mecanismos eficientes para isso. Todos eles passam pelo protagonismo do aluno, pelo trato de sua autoestima à flor da pele. A ideia de uma disciplina obrigatória (voluntariado não funciona) de Projetos Sociais, por exemplo, pode despertar no aluno sua capacidade de mudar o mundo. Tal disciplina precisa ser universalizada e resignificada como um modelo pedagógico, como uma marca institucional; mais do que isso: como uma ideologia mágica e intangível de uma ESCOLA PRA VALER!

E repetindo:

Nossos alunos são futuros líderes da sociedade. Precisamos prepará-los para cuidarem bem dela e, ao mesmo tempo, serem felizes. E isso só se torna sólido pela prática social.

FUNDAMENTO 3: A ESTÉTICA COMO UMA QUINTA LINGUAGEM

“Trocaria toda a minha tecnologia por uma tarde com Sócrates” (Steve Jobs)

Quatro linguagens parecem senso comum como indispensáveis numa Escola de qualidade. Português, matemática, inglês e informática são requisitos para o sucesso profissional de qualquer aluno. Todo professor sabe que...

- Matemática (aritmética e lógica): a lógica, presente também nas outras linguagens, é essencial para qualquer atividade profissional. Todo procedimento operacional obedece a uma série de ações lógicas, cujo resultado será a eficiência ou não da tarefa executada.
- Português (literatura e redação): como podemos imaginar um profissional que não tenha domínio da língua mater? Como viver bem sem se comunicar bem? A escritora Ana Miranda alerta: “para viver numa sociedade letrada, é preciso dominar bem a linguagem, a fala, a comunicação”. E a Escola pode ajudar muito neste processo de “literação” do aluno.
- Inglês (leitura e conversação): a globalização não deixa outra alternativa aos profissionais, em especial das áreas técnicas que envolvem novas tecnologias (computação, por ex.) e comunicação (hotelaria, por ex.). Sem o domínio da língua inglesa (enquanto os chineses não dominam completamente o mundo) o aluno está

em desvantagem tanto no mercado de trabalho como no conhecimento do que se é produzido no mundo. Mesmo a Internet é subutilizada por ele.

(A propósito, costumo brincar com meus alunos pedindo-lhes: levantem o braço os que são ricos. Esta “lorota pedagógica” serve para alertá-los sobre a seguinte realidade: jovens da chamada classe média alta a classes sociais acima, salvo raríssimas exceções, são proficientes na língua inglesa. Ou seja, nossos alunos de escola pública estão atrasados sem esta ferramenta indispensável aos mundos tecnológico e cultural, contemporâneos).

- Informática (operação e lógica): utilizar eficientemente recursos computacionais clássicos disponíveis tornou-se, também, pré-requisito para qualquer atividade profissional. A uso do computador poderia ser comparado ao da máquina de datilografia no século passado. Mas é muito mais impactante a revolução dos microcomputadores e smartphones conectados à internet.

A recém-criada Universidade Federal do Sul da Bahia, por exemplo, foi mais ousada que a maioria das universidades brasileiras em relação a questão do ensino de lógica: instituiu a disciplina de programação de computadores em todos os seus cursos. A justificativa é: a prática de programação leva, necessariamente, ao desenvolvimento do raciocínio lógico, o que é fundamental para o desempenho profissional do aluno em qualquer área de atuação profissional.

É extremamente relevante destacar que ter estas 4 disciplinas nos currículos não é suficiente. Fazem-se necessárias estratégias que visem a proficiência do aluno nestas linguagens, motivando-o a ser também um protagonista pedagógico na construção do seu conhecimento. A maioria dos bons profissionais é autodidata. Assim, urgem estratégias cognitivas que mexam com a autoestima do aluno, e o levem a ousar no seu protagonismo. A ideia de que o aluno é capaz nem sempre está em seu imaginário. É dever da ESCOLA PRA VALER ajudá-lo a conhecer o seu potencial de transformador de si mesmo e, por conseguinte, da sociedade.

Além destas quatro linguagens, o mundo moderno está a exigir de nossos alunos outras habilidades, além das profissionais, tais como criatividade e comunicação. Estas duas habilidades são aqui definidas como Estética Profissional, uma quinta linguagem. Constituída de filosofia e arte (música, teatro, dança, etc.), a Estética Profissional precisa ser introspectada de forma intensa na vida do aluno. Quem nunca entrou em um museu, nunca fez teatro e nem dançou, nunca tocou violão e nem cantou, etc., terá mais dificuldade para entender porque Steve Jobs “trocaria toda a sua tecnologia por uma tarde com Sócrates”.

É muito comum encontrarmos alunos obcecados por entretenimentos e jogos eletrônicos. Outros são fascinados pela novidade da parafernália eletrônica que aparece todo dia. Muitos só leem livros técnicos, outros chegam a achar perda de tempo ler ou assistir vídeos sobre filosofia, literatura, por exemplo. A própria pedagogia arcaica do professor que fala feito um papagaio, ainda em voga, contribui para este tipo de alienação destes tipos de aluno.

Costumo dizer a meus alunos que a grande diferença entre um bacharel/engenheiro e um técnico é sua maior capacidade de observar, refletir e concluir diante de um novo problema. Se durante a sua graduação o aluno não for estimulado a pensar, ele se tornará, no máximo, um bom técnico de nível superior. Assim, a Estética Profissional (filo-

sófia, música, teatro, dança, etc.) como uma quinta linguagem poderá tanto estimular a cognição do aluno em seu processo criativo quanto sua capacidade de observar, refletir e concluir diante de novas situações ou novos produtos. Sem falar que sua sociabilidade será, sobremaneira, contemplada.

Parece bizarro ver, em pleno século 21, cursos de pós-graduação com metodologias que insistem em modelos ultrapassados de ensino, logo numa época em que a informação não está mais confinada a livros. Para se perceber esta evolução, é de se colocar na ordem do dia a releitura do clássico de Humberto Eco, “O Nome da Rosa”, onde o conhecimento era um privilégio reservado ao clero. Camuflar o conhecimento era uma forma de preservação de poder.

Na verdade, em uma ESCOLA PRA VALER o jovem e seu sonho são o cerne do processo educacional. Qualquer aluno que tenha a oportunidade de dominar estas cinco linguagens (Português, Matemática, Inglês, Informática e Estética) terá mais oportunidades de resolver os desafios profissionais. Uma Escola social, cidadã e interativa (onde o “porquê” das coisas substitui a “decoreba”) preparará melhor o aluno para a vida, tal como ela é. É sempre bom lembrar que os problemas a serem enfrentados na vida real não são, em geral, os mesmos encontrados nos livros nem os estudados em salas de aula.

Uma ESCOLA PRA VALER tem que ser uma Escola diferente na qual “a originalidade não é o único eixo da criatividade. Ela deve ir mais além. O olhar mais atento a uma cena trivial pode despertar um movimento, revelar uma ideia” (Cliff Villar).

Recomendação: O cidadão com pretensões de liderar uma Escola deveria, a exemplo do Projeto Social (Fundamento 2), se comprometer com a adoção da Estética Profissional (filosofia e da arte) na rotina curricular obrigatória dos alunos, em todos os cursos, como uma prática educacional da Escola. Parafraseando o programa governamental “um computador para cada aluno”, popular no final do século passado na revolução da internet, seria pertinente a metáfora do “um violão para cada aluno”,... (Humm! Pensando bem, um violão para cada aluno não seria nada mal).

E repetindo:

A Estética Profissional (filosofia, música, teatro, dança, etc.) como uma quinta linguagem poderá tanto estimular a cognição do aluno em seu processo criativo quanto sua capacidade de observar, refletir e concluir diante de novas situações ou novos produtos.

FUNDAMENTO 4: UM MIT DO SERTÃO

*“... tentei tirar o máximo de mim. É o melhor que o homem pode fazer na vida!”
(Dom Quixote in Cervantes)*

O Prof. Roberto Brasil, nosso querido “Prof Millman” dos anos 80 na UFC, costumava dizer: na Escola Técnica Federal do Ceará (ETFCE) a “eletrônica entra pelos dedos”. Esta imagem de quem aprende fazendo deve-se talvez, ao fato de, à época, a ETFCE ter mais laboratórios do que salas de aula. Trata-se de uma vocação mais tecnológica do que científica dos Institutos Federais (IF) que os caracteriza e os diferencia, como acontece nas Universidades Técnicas na Alemanha (*Fachhochschulen*), nas Institutos universitários de Tecnologia na França (*Instituts Universitaires de Technologie*), talvez no MIT (Massachusetts Institute of Technology) nos EUA, um misto de IF e universidade.

Os IFs foram criados em 1909 como Escola de Aprendizes Artífices (Decreto Nº 7.566, DE 23 de setembro de 1909), para os “desfavorecidos da fortuna”, pelo presidente Nilo Peçanha:

“Considerando: que o aumento constante da população das cidades exige que se facilite às classes proletárias os meios de vencer as dificuldades sempre crescentes da lueta pela existencia: que para isso se torna necessario, não só habilitar os filhos dos desfavorecidos da fortuna com o indispensavel preparo technico e intelectual, como faze-los adquirir habitos de trabalho proficuo, que os afastara da ociosidade ignorante, escola do vicio e do crime; que é um dos primeiros deveres do Governo da Republica formar cidadãos uteis à Nação...”

Em 29 de dezembro de 2008, a lei 11.892 cria os atuais Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia como instituições de educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e multicampi, especializados na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino equiparados às universidades federais. Talvez influenciados por sua gênese, os IFs são mais pragmáticos no desenvolvimento tecnológico e na inovação do que as universidades; estas, por definição, são mais orientadas à criação e a pesquisa! Neste contexto, mestrados profissionais são muito mais a “cara” e vocação dos IFs do que das universidades. O inverso vale para os doutorados e mestrados acadêmicos.

Na verdade, a definição do diagrama de Venn envolvendo os principais vetores (ensino, pesquisa, extensão & inovação) das Instituições de Educação Superior (IES) não é fundamental na delimitação da área de atuação nem na reputação dos IFs e das universidades. Com efeito, temos hoje IF fazendo excelentes pesquisas e universidades realizando excelentes desenvolvimentos tecnológicos. O essencial é que ambos, IFs e universidades, sejam cada vez mais competentes nesses 4 vetores, cada vez melhores nas áreas em que se propõem a atuar, uma vez que o Brasil tem déficit na formação de bons profissionais de nível superior (Desafios e Perspectivas da Educação Brasileira para 2010/2020 – UNESCO/MEC). No entanto, o mais importante mesmo é que as IES sejam transformadoras da sociedade... JAMAIS reflexo dela. Para tanto, ganha bastante relevância o debate informação x conhecimento (ver Fundamento 5).

Neste contexto, é de se perguntar: seria um sonho possível uma Escola de uma IES como o IFCE, por exemplo, ter a reputação de um MIT tupiniquim? Poderiam as mais de 600 unidades dos IFs, a maioria espalhada por este “interior de meu Deus” do território brasileiro, serem, um dia, um MIT do sertão?

Uma Escola tecnológica de excelência com reconhecimento internacional transcende o discurso e a vontade, exigindo estratégias, muito trabalho e articulação pragmática com vários setores da sociedade, em especial com o chamado setor produtivo. Daí a importância da qualificação, experiência (e intenção) de seus líderes e dirigentes (ver Fundamento 1).

Embora não pareça ser um problema “NP-Completo” (teoria da complexidade computacional) seguem alguns “algoritmos não polinomiais” que podem ajudar na perseguição deste sonho, transformando-o em meta:

- visão do que vem por aí: não tem como uma Escola ser um centro de excelência tecnológico sem o conhecimento do estado da arte das inovações, mais do que isso, sem o domínio das tecnologias emergentes e, principalmente, dos processos que engendram estas tecnologias na concepção de soluções tecnológicas.

- inovação é mais processo que tecnologia: o entendimento do conceito de processo é fundamental na ESCOLA PRA VALER; basta se observar o que aconteceu com a web, inventada com outro propósito por Tim Berners Lee (ver ted.com), no CERN (Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear) e, mais recentemente, inovações como WhatsApp, Uber, etc. Seus impactos se devem mais aos processos do que às tecnologias que utilizam.
- valorização da meritocracia: não se faz centro de excelência sem excelentes. O serviço público brasileiro, por exemplo, ainda trata “igual os desiguais”. Os dedicados e os “nem tanto” recebem, com raras exceções, o mesmo tratamento (e salário). A propósito, a universidade de Berkley na Califórnia (USA) possui estacionamento exclusivo para seus professores que ganharam o Prêmio Nobel. Seria um exagero esta deferência?
- identificação de grupos internos emergentes: dar oportunidade pode se tornar o grande diferencial que faz inteligente uma ESCOLA que se quer PRA VALER. Identificar alunos, servidores, professores, pesquisadores, artistas, grupos com grande potencial em desenvolvimento, pesquisa ou inovação (tecnológica, pedagógica, artística, etc.) é uma ação marcante na direção de uma Escola de excelência.
- inovação como geradora de renda: ainda bem que os órgãos de fomento no Brasil acordaram, neste últimos 10 anos, para um conceito mais moderno de inovação: agregar valor a um produto ou processo, capaz de gerar renda, criar novas empresas e/ou impulsionar as existentes. Há quem defenda que inovação é sinônimo de CNPJ. O que importa é: inovação é o mantra indispensável em qualquer centro tecnológico de excelência.
- Formação avançada de alunos: não tem mais sentido se pensar (muito menos praticar) em velhas técnicas de ensino (ver Fundamento 5). Basta ver o ambiente da Google e de outras empresas high-tech de sucesso para se perceber que não estamos mais no século 19 do “professor papagaio”. Vislumbrar um centro tecnológico de excelência passa pelo cenário do “professor animador” estimulando seu aluno (tutor) a ajudar/apoiar outro aluno (“apadrinhado”). E ele o faz consciente dos aspectos cognitivos que mexem com a autoestima do aluno (tutor), apostando que este aluno agregará muito mais conhecimento e responsabilidade social nesta prática pedagógica do que só ouvindo a informação do “professor papagaio” (Fundamento 5).

Agregue-se aos “algoritmos” acima a estratégia do fortalecimento das quatro linguagens (português, matemática, inglês, informática) e da ESTÉTICA PROFISSIONAL (filosofia e artes) como a quinta linguagem (Fundamento 3). Estatisticamente, meus alunos mais produtivos são os mais sociáveis, os que possuem uma atividade artística, os que praticam esporte, que se interessam por literatura.

A universalização da proficiência dos alunos na língua inglesa seria outro pré-requisito para se pensar em um centro tecnológico de excelência. Antes, porém, vale refletir o que diz sobre leitura a artista/escritor Ana Miranda: “... a leitura, além de ser um prazer de alguns, precisa ser hábito de todos. É uma questão de sobrevivência. Para viver numa sociedade letrada, é preciso dominar a linguagem, a fala, a comunicação. Para aprender, é preciso saber ler. ... E para aprender a ler, é simples: basta ler muito e sempre. A leitura ensina a ler”.

Assim, uma geração de jovens bem formada com linguagens de base indispensáveis (português, matemática, inglês, informática), Estética Profissional (filosofia e arte) e com hábito de leitura alcançará, provavelmente, melhores resultados profissionais e pessoais. Não tenho dúvidas que ela será mais útil à sociedade, com mais chances de ser feliz... no conceito de felicidade proposto nestes 10 fundamentos de uma ESCOLA PRA VALER (ver início do item). Quem sabe, isso também ajude a cada jovem poder um dia dizer... “dei o máximo de mim, é o melhor que o homem pode fazer na vida”!

Recomendação: uma ESCOLA PRA VALER deve estar comprometida com o fortalecimento das cinco linguagens citadas e incentivar a disseminação do estudo de lógica de programação em todos os cursos da instituição. A exemplo dos russos que adotam o xadrez na Escola e dos americanos que, recentemente, adotaram “a hora do código” (CODE.ORG), cada Escola deveria inventar uma estratégia própria para a universalização do estudo de lógica, um contraponto seguro ao ensino tradicional (unidirecional, cansativo e ineficiente). O resultado alcançado será alunos pensadores, criativos e estéticos, mais aptos à inovação.

E repetindo:

Dar oportunidade é o diferencial que faz inteligente uma ESCOLA que se quer PRA VALER. Vislumbrar um centro tecnológico de excelência passa pelo cenário do “professor animador” estimulando seu aluno a ajudar/apoiar outro aluno.

FUNDAMENTO 5: PROFESSOR “ANIMADOR” X PROFESSOR “PAPAGAIO”

“A 300m da pirâmide eu me ajoelhei, peguei um punhado de areia e o deixei cair lentamente. E disse para mim mesmo: modifiquei o Saara! O ato foi insignificante mas precisei de toda uma vida para dizer estas palavras” (Jorge Luis Borges)

Em pleno século 21 ainda presenciamos práticas tradicionais de ensino nas quais o aluno é levado ao papel de um enfadonho sujeito receptor de informações. Esquecem-se alguns professores que na era do “Pokémon” a informação não é mais “segredo de Plano de Aula”. Ela está disponível e acessível facilmente, via eletrônica ou não. Nos dias de hoje, o “professor já era” se ele for um repetidor de informações, à moda papagaio. Em tempos de Google e Wikipedia, o aluno não vem mais à Escola para ouvir informação, mas para discuti-la, questioná-la, entendê-la. Ele vem para transformar informação em conhecimento. Para “modificar o seu Saara”!

É preciso que os atores educacionais compreendam, e rápido, que houve uma flagrante quebra de paradigma em relação a disponibilidade da informação. Esta quebra de paradigma tem levado alunos no tempo do Google a novas posturas comportamentais. A informação tornou-se abundante além de anárquica, via internet. Portanto, o professor precisa ser um “animador”, orientador do jovem, mais conselheiro do que “feitor”. Ela, a informação, antes confinada a mestres e livros, está hoje “na ponta dos dedos” do jovem com tablets, smartphones e celulares.

Não há jovem que aguarde mais uma aula professoral (calado e obediente) do século 19. Aquela “carinha de anjo atento” muitas vezes abriga uma “mente perdida no espaço”, doída para “datilografar” por baixo da mesa nos “Facebooks e WhatsApp” da vida eletrônica. Você já calculou quantas mensagens eletrônicas são enviadas sempre que você, professor, se vira para escrever no quadro? Alguns alunos são mais “ousados” e, em não controlando a ansiedade/curiosidade (quando não a vaidade da resposta aguardada na

rede social), fazem uso do celular na frente do professor, ou saem da aula para atender uma “importante” ligação. Será que a culpa é deles ou da quebra de paradigmas ainda não percebida por alguns professores? Ou dos dois? Ou dos três (aluno, novos paradigmas, professor)?

O jeito é procurar novas estratégias para os novos problemas da vida eletrônica que atinge todos nós... (inclusive professores que usam o celular quando dirigem seu carro). De repente, um bom desafio para um professor em sala de aula é testar sua capacidade de manter seus alunos atentos, ao ponto deles esquecerem suas “rapaduras eletrônicas” por alguns “miseros” 50 minutos. Uma estratégia é fazer o que aprendi com o LF (pag 24): *“fazer da sala de aula um teatro de nossa vida naquele dia, naquele instante; fazer de cada aula uma peça original, fazer dos mesmos alunos um público novo... dando o máximo de si naquele dia, naquele instante, naquela peça original!”*. Um teatro diferente, interativo, dinâmico, participativo, interessante, no qual os alunos são os principais atores.

Mesmo os professores mais conservadores sabem (ou deveriam) que conhecimento é a informação contextualizada. Conhecimento é semântica, é a informação tratada, inferida, criticada, debulhada como diz o caboclo do sertão. Daí a necessidade de se estimular o aluno a pensar mais do que ouvir. O conhecimento embasa a criticidade do aluno. Não tem como se avaliar um fato somente com a informação sem o seu contexto. É imperativo o conhecimento para a ação crítica, seja ela tecnológica ou político-social. Priorizar o conhecimento sobre a informação é um ingrediente indispensável na ESCOLA PRA VALER. E não se transforma, com eficiência, informação em conhecimento sem sensibilidade social (Fundamento 2), domínio de linguagens (Fundamento 3) e princípios lógicos (Fundamento 4).

É neste contexto que se insere o “professor animador”, estimulador da criticidade do aluno ao transformar informação em conhecimento. Ele faz contraponto ao “professor papagaio” que se limita a repetir informações aos alunos, sem contextualizá-las, sem discuti-las, sem desafiá-los. Muitos professores não percebem que falam muito, mais do que o necessário, e dedicam pouco tempo a ouvir o aluno, a perceber se sua mensagem chegou e como chegou a ele que, apesar de estar olhando “atentamente” para o mestre, na verdade está com sua mente a alguns anos-luz da sala de aula!

Além de profundo conhecedor do tema que leciona, o “professor animador” de uma ESCOLA PRA VALER precisa ser um “treinador” da equipe. Uma eficiente estratégia posta em prática pelo “professor animador” para trabalhar a sensibilidade social do aluno, universalizar as cinco linguagens e disseminar princípios lógicos na Escola é a técnica de “apadrinhamento”. Nela, um aluno é estimulado a acompanhar/ajudar outro aluno de semestres anteriores, “apadrinhando-o” com a paixão do ofício de ensinar. Esta é uma das grandes diferenças de uma ESCOLA PRA VALER: o aluno ajudando outro aluno, seduzido que foi para esta nobre missão pelo seu “animador/treinador”. O fantástico desta técnica é que, ao final, não se sabe quem aprendeu mais: o aluno que ensinou/acompanhou/ajudou ao seu colega iniciante ou o aluno “apadrinhado”.

A propósito, não é o professor que precisa ensinar, é o aluno que precisa aprender; diria, provavelmente, o nosso ilustre educador cearense Lauro de Oliveira Lima. Compete, portanto, ao “professor animador” selecionar, sugerir temas, mas, principalmente, animar o aluno na busca dialética do conhecimento que alimente o seu sonho. Um exemplo forte de “professor animador” foi o nosso querido Prof. Aluísio de Castro e

Silva, da antiga ETFCE. Com ele aprendemos a pensar (ciência), a criar (tecnologia), a resolver (inovação). Nos anos 70, o nosso Prof. Aluísio conhecia seus alunos pelo nome e encorajava-os em seus sonhos. Aprendemos mais do que eletricidade com este nosso mestre que animava nossos projetos de vida. Aprendemos que poderíamos ser felizes melhorando o mundo.

Para se perceber na ESCOLA PRA VALER, o aluno precisa estar “modificando seu Saara a todo momento”, tendo a consciência de que seus atos são a sua mágica e que suas palavras são intangíveis. Esta é a missão daquele que transforma informação em conhecimento, o “professor animador”!

Recomendação: interessados em gerir uma ESCOLA PRA VALER deveriam priorizar o tema educação nas conversas em campanha, junto à comunidade. Nada mais chato do que um dirigente de uma Escola que só fala em números e esquece o seu “mágico e intangível” dever educacional. Em seguida, poderiam mirar-se no exemplo do Jorjão, humilde zelador do IFCE Aracati, quando “profetiza”, dedo em riste para os alunos: “você têm que sair pelo portão da Escola melhor do que entraram... para mudar esta cidade”. Estimular, convencer, seduzir os agentes educacionais da Escola, professores/administrativos, a assumirem cada vez mais o papel de “animador” ao invés de “dador de aulas/funcionários de repartição” também é muito recomendável.

E repetindo:

O “professor animador” é um estimulador da criticidade do aluno ao transformar informação em conhecimento, em contraponto ao “professor papagaio” que se limita a repetir informações aos alunos, sem contextualizá-las, sem discuti-las, sem desafiá-los.

FUNDAMENTO 6: O ALUNO “CÚMPLICE” DA ESCOLA

“O Perigo é ter Medo” (Motorista de um taxi quando lhe indaguei se a Lapa no Rio era perigosa)

Tem sido dito repetidas vezes nos fundamentos anteriores que uma Escola que é o reflexo da sociedade não serve a ela! Uma Escola deve ser capaz de mudar a sociedade, estar à frente dela em todos os aspectos. Escola é mudança, transformação no processo de formação do cidadão, uma Escola cidadã. Para tanto, a Escola precisa ter estratégias que levem o aluno a questionar a informação que lhe chega e transformá-la em conhecimento para, a partir daí, fazer bem suas escolhas. Em tempo de web e celular farto a mão, informação é o que não falta... apesar de sem muita credibilidade e anárquica.

Uma Escola cidadã deve, portanto, envolver o jovem em atividades sociais, éticas, inovadoras que o toquem naquilo que lhe é mais forte: sua autoestima. Da mesma forma que um aluno precisa aprender, na teoria e na prática, fundamentos das disciplinas técnicas e propedêuticas para melhor exercer sua futura profissão, ele também precisa exercitar, na teoria e na prática, a cidadania. A velha máxima de Rousseau de que “o homem é produto do meio”, ou o ditado do Vô Reimundo de que “educação é como andar de bicicleta (tem que praticar pra aprender)”, reforçam a importância da prática para a maioria das atividades humanas. Vale, portanto, também pra cidadania.

Assim, parece claro que no modelo ESCOLA PRA VALER o aluno deve ter maiores responsabilidades porquanto ator principal de um teatro diferente que tem seu professor

como diretor de cena. Nela o aluno é estimulado ao palco e não à audiência. É verdade que a ESCOLA PRA VALER é um risco bem maior do que a escola tradicional, tal qual a arte quando imita a vida. Mas a viver é um risco! A ESCOLA PRA VALER serve para melhorar a vida do aluno, para ajudá-lo a ser feliz. Por isso ela não deve esconder do aluno os riscos da vida, tal como ela é. A Escola pode, então, convidá-los a compartilhar de sua organização, de seus problemas e soluções, de sua vida. Até delegar-lhe responsabilidades na gestão, por que não? Ser sua “cúmplice”... e vice versa”!

É incompreensível, tanto na Escola pública quanto na Escola privada, salas desarrumadas e laboratórios com ar condicionado e computadores ligados após a aula. Perde-se dinheiro e uma espetacular oportunidade de uma ação educativa de responsabilidade junto aos alunos. Por que alunos não são estimulados a serem responsáveis pela sua sala, pelo seu laboratório? É o que vai acontecer quando eles tiverem uma empresa ou trabalharem em uma. Vale ainda lhes lembrar que os problemas que eles vão enfrentar na vida profissional não serão, necessariamente, os mesmo da Escola. Provavelmente serão mais complexos. E mais, erros na vida “lá fora” não se resolvem com notas baixas. O preço é mais alto.

Quando diretor-geral da ETFCE sempre nos preocupávamos com a realização da famosa e tradicional “calourada”, festa de recepção dos novos alunos. Tudo ficou mais tranquilo quando decidimos entregar aos alunos (com supervisão, é claro) a gestão do sempre agitado evento. Na verdade, trata-se de uma espetacular experiência de gestão e responsabilidade para os alunos. A fórmula do sucesso foi a mesma da Escola Social (Fundamento 2): reforço à autoestima do aluno, falando-lhes francamente, valorizando-os, mas cobrando-lhes responsabilidades. O nome disso é “cumplicidade”, no bom sentido do termo, como empregado pelos franceses.

Portanto, uma ESCOLA PRA VALER, mesmo, precisa ser excessivamente social, cidadã e interativa, capaz de envolver o jovem, tocá-lo em sua autoestima. Trata-se de um recado que os educadores precisam entender a partir do fenômeno que acontece nas redes sociais: a valorização da autoestima. Que adianta ter um campeão da escola que joga lixo na rua, ocupa a vaga do carro do idoso, rouba biscoito sem necessidade, se diverte queimando índio em ponto de ônibus? Não! Uma Escola deve despertar em nosso aluno o homem de bem que ele pode ser, ter professores apaixonados pela sua arte que contagie o aluno a não se lamentar dos “entreveros” e a jamais “atravessar o rio da vida no porão do navio”.

É na escola que começa (ou se consolida) a consciência política do jovem enquanto responsável pela sociedade. Para a efetivação deste seu “novo” status, responsável pela sociedade, a Escola não pode se furtar de oportunizar ao aluno práticas neste sentido, via grêmios estudantis, centros acadêmicos e similares, além de outras atividades que ajudem o jovem a “conhecer” ao invés de “ser informado” sobre a prática política que ele terá que assumir, futuramente, enquanto responsável pela sociedade. Neste momento o aluno compreenderá porque “uma Escola que é reflexo da sociedade não consegue modificá-la, não serve a ela... nem pra ela”! Assim, o aluno tornar-se-á “cúmplice” da Escola, ou vice-versa, como guardião seguro de uma sociedade que lhe pertence, com a legitimidade que seu sentimento de cidadania lhe outorga.

Neste contexto, espera-se muito mais dos agentes educacionais dos atuais IFs, das universidades e demais IES. Estas têm se ausentado desta responsabilidade junto à socie-

dade. O verbo universitar significa também chacoalhar o gigante em seu berço esplêndido, antes que ele seja achacado. Não é à toa que a Academia fundada por Platão, trezentos anos a.C., é contestada por priorizar a difusão da informação ao invés do debate. A universidade e as demais IES precisam ser vanguarda, à frente da sociedade para transformá-la, melhorá-la, JAMAIS ser reflexo dela como tem sido, ultimamente. Quem sabe, se a universidade não tivesse abandonado esta missão de guardião da sociedade, os destinos do país não estariam reféns dos (maus) políticos como se observa há décadas. É tarefa das IES ajudar a sociedade a pertencer aos seus cidadãos, ser um dos guardiões, senão o melhor, desta pertença.

Recomendação: dirigentes de uma Escola deveriam repensar ações praticadas em suas administrações, por vezes prepotentes e centralizadoras, e arriscar! Fazer uma ESCOLA PRA VALER é um risco! Viver é um risco! Um bom começo para a distensão administrativa é dialogar sistematicamente com a comunidade, em especial com os alunos e com suas lideranças, outorgando-lhes responsabilidades na instituição no sentido de despertá-los à magia intangível de uma ESCOLA PRA VALER. É missão intransferível do reitor/diretor geral ser o maestro da sinfonia que envolve o sonho “sempre possível” dos jovens. Jovens de sua instituição. Seus jovens!

E repetindo:

A ESCOLA PRA VALER não deve esconder do aluno os riscos da vida, tal como ela é. Ela pode, então, convidá-lo a compartilhar de sua organização, de seus problemas e soluções, de sua vida. Delegar-lhe responsabilidades na gestão, por que não? Ser sua “cúmplice”... e vice versa”!

FUNDAMENTO 7: ESPORTE & DROGAS

“O sonho do jovem é como pólvora: pode mofar, pode explodir, mas, se bem cuidado, pode ser o estopim de sua realização plena”!

Escola existe para melhorar o aluno, a cidade, o mundo. E isso somente é possível educando bem o homem. Educar, do latim Educare, significa “conduzir pra fora”. É um ato transformador. É ajudar o jovem a decidir bem a construção da sua história. Para tanto, ele precisa reconhecer-se capaz e sentir, na solidariedade ao outro, o mantra do He-Man da TV: “Eu tenho a força!”.

Educar é apurar “no rumo da venta” o poder do jovem no comando da nave de sua vida. Afinal, “o futuro é uma astronave que tentamos pilotar”(Toquinho)! Presenciei esse poder em um projeto social realizado por jovens do IFCE, quando fui diretor da instituição. Os “meninos” do IFCE organizaram um teatro em uma escola da periferia. Eles eram os diretores e os alunos desta escola eram os atores. Um dos atores, meio acabrunhado, me chamou a atenção. Ao final da peça, perguntei-lhe se tinha gostado. Encabulado e com a voz encruada, ele respondeu: “Foi massa, fesso”. Deixei de ir prum assalto pra vir prêsse teatro!” ... Estatelei na hora! Lembrei-me da música do Gil na qual o super-homem muda o curso da história para salvar a namorada.

Naquela noite de sol, os jovens do IFCE mudaram o curso da história daquele “jovem ator”, evitando que ele roubasse, talvez matasse ou morresse. É isso! ESCOLA PRA VALER tanto salva quanto “arremeda”! Ela deve despertar no jovem sua autoestima, a sua melhor versão. Afinal, quem teria sido mais beneficiado neste episódio: o jovem ator salvo (do assalto) ou o jovem diretor que salva (do IFCE)? Histórias como esta acontecem, com

frequência, com o esporte, tão forte quanto o teatro nos momentos de ocupar bem o tempo do jovem.

São conhecidas, por todos, as vantagens do esporte para a saúde do homem. A sociedade brasileira tem, cada vez mais, reagido positivamente aderindo a atividades esportivas, desde caminhadas, passeios ciclísticos em grupo, dentre outras. No entanto, percebe-se que essa “moda atraente”, que afeta comunidades mais maduras, ainda não chegou com a mesma força na Escola. Ao contrário, é uma pena que as atividades esportivas estejam acontecendo cada vez com menos intensidade nas escolas. Ademais, na rede pública, alunos sedentários tem o quadro agravado com a péssima qualidade da alimentação. Muito se alimentam com carboidratos de baixo valor nutritivo, disponível em cantinas existentes nas escolas, às vezes mais motivadas pelo aspecto comercial do que pelo nutricional.

Pesquisa tem revelado que consumir carboidratos em excesso é tão prejudicial à saúde quanto gorduras saturadas, ambos sejam fartamente encontrados nas cantinas das nossas Escolas. Completando o quadro desnutricionista, junte-se o terrível refrigerante, recentemente proibido nas Escolas. Esporte e alimentação são, portanto, dois ingredientes que precisam ser cuidados numa Escola para dar “sustância” ao aluno, permitindo-lhe ter uma vida saudável... e ser feliz!

Neste contexto de vida saudável, não tem como não se discutir a droga da “DROGA”, este tsunami que tem “astravancado o poggessio” do nosso jovem. O que tem feito a Escola, além de uma tosca retórica, para evitar as cracolândias que assolam o país? Pior do que a DROGA é o crack que, devido ao seu comparativo poder destruidor, não considero droga, mas algo muito pior. O crack é um drama, uma tragédia humana que leva a pessoa a se dedicar a uma atividade autodestrutiva. E o que temos feito nós, agentes educacionais, para trocar a roda desse carro social em movimento ...desembestando ladeira abaixo?

Vamos pensar em algo sério! Peguemos o Estado do Ceará. Que tal se os 200 mil alunos de ensino superior do Ceará participassem curricularmente, como acontece no IFCE, de projetos em equipamentos sociais com jovens? A estratégia é a mesma de Piaget para crianças: ninguém melhor do que um jovem para convencer outro jovem. Além de ajudar na prevenção deste grave problema, nossos jovens entenderiam, pela prática, a mensagem holística de Nikos Kazantzaki tornado célebre no extraordinário “Zorba, o Grego”: “salvamos a nós mesmos ao nos esforçarmos para salvar os outros”.

Lembro-me do dia que acompanhei Dr Silas Monguba em sua saga contra as drogas pelos colégios de Fortaleza. Fomos “barrados no baile”, logo na entrada de uma das escolas (com E minúsculo). Dr Silas me explicava depois que algumas das escolas, por determinação dos pais, não deixavam que o tema fosse debatido em sala de aula. Como dizia minhas Carolinas: “Ahhh, uma jaula”!

Enquanto a “ficha não cai” na sociedade quando o assunto é extermínio de jovens da periferia pelas drogas, seguem quatro sugestões para tentarmos amenizar este caos social:

- Aos pais: todo cuidado é pouco. Crie “coragem” e conversem com seus filhos. Não é fácil no começo mas imaginem o dilema a ser enfrentado se o “destino” lhe aprontar uma (droga) dessa com seu filho. Então você vai perceber que o esforço para falar com ele era café pequeno! Pergunte a quem tem algum caso na

família ou trabalha com jovens dependentes químicos. Você logo vai entender as entrelinhas do recado.

- Ao jovem: deixe de ser teimoso e acredite nos seus “coroas”! Afinal, eles são seus únicos e definitivos AMIGOS PRA VALER. Nem dinheiro nem poder dismantela esta amizade! “Não é fácil no começo mas imagine o dilema a ser enfrentado se o destino aprontar uma (droga) dessa com seu pai”. Alguém já lhe disse que não tem volta, só melhoras com riscos frequentes de recaídas? Então você precisa falar com alguém. Que tal com o seu professor mais legal?
- Ao professor: o aluno confia em você, cara! Trate, vez por outra, do assunto da droga em sala de aula e se disponibilize a conversas individuais. Nem todo aluno tem “pai”! De repente, você é o ídolo do seu aluno e não sabe. ATENÇÃO! Muito cuidado com os papos que relativizam as drogas. Nem todo mundo tem a mesma reação ao uso delas. Assim, o que aconteceu a João (resistente) pode não acontecer a Pedro (vulnerável).
- Aos políticos: Educação em tempo integral para a moçada das Escolas Públicas é o melhor remédio! Eles não têm o que fazer em casa no outro expediente livre, nem grana pra pagar academia, conservatório, curso de inglês. Tá na hora dos políticos levarem este tema a sério para não nos acomodarmos a ele, como aconteceu com a qualidade do ensino público fundamental no país. Nada divide mais o Brasil em dois países do que a diferença na qualidade das escolas públicas e privadas de ensino fundamental. Uma vergonha nacional, passada de pai pra filho!

Segundo a Fiocruz, chega a 1 milhão o universo de brasileiros afetados pelo crack. Eu diria que são 5 milhões pois a família toda acaba sendo atingida por esse “câncer urbano” cuja gravidade está “jogando pra escanteio” o problema da AIDS no Brasil. É preciso tratar a droga como uma coisa grave ... um crime bárbaro para toda a família. “So’ sei, meu Deus, que é preciso fazer alguma coisa de verdade”, disse-me um dia desses um pai desesperado! Para reflexão, segue o desespero do mesmo pai, agora em lágrimas: “Dou o que tenho, mudo de religião, qualquer coisa pra livrar meu filho dessa tragédia”.

Na verdade, traficantes e seus poderosos cúmplices hediondos condenam, diariamente, à prisão perpétua esses pais e suas crianças, quando não à pena de morte. É o crack a nos conduzir, ironicamente, à Idade da Pedra.

Recomendação: Esporte não resolve tudo mas é um componente essencial para a vida saudável do aluno. Sou do tempo da Educação Física todo dia, do ginásio à faculdade. Com toda a precariedade que o esporte acontecia no passado (falta de infraestrutura, etc.) a imagem ficou impregnada em nossa geração como um algo essencial ao equilíbrio entre corpo e mente, à disposição física e do espírito. Em relação à alimentação, a existência de restaurante estudantil (e de sua manutenção) parece ser a boa solução. Muitos são os alunos que passam praticamente todo o dia na Escola (bolsistas, uso de biblioteca, falta de infraestrutura em casa, etc.). No entanto, o perfil socioeconômico do nosso aluno do interior, por exemplo, na maioria das vezes, o impede de uma boa alimentação diária.

E repetindo:

É preciso que todos os agentes educacionais de uma Escola digam a todos os jovens que não há volta fácil para quem se envolve com o crack, que há melhoras mas não uma cura definitiva, certa, segura, segundo especialistas no assunto.

FUNDAMENTO 8: STARTUP & ECONOMIA CRIATIVA

“Jamais diga aos jovens que seus sonhos são impossíveis. Nada seria mais dramático e seria uma tragédia se eles acreditassem nisso” (Shakespeare).

A possibilidade de ter um emprego público ainda é desejo profissional prioritário de muitos jovens, apesar da realidade de mercado que tem despertado estes jovens para empreender seu próprio negócio. Este desejo do emprego público tem fortes razões culturais cuja análise transcende este livro. Outro traço cultural forte que tenho observado é a falta de iniciativa dos alunos quando chegam à Escola: dificuldade na resolução de problemas, falta de criatividade na solução destes e falta de determinação em fazer completo e bem feito o que lhes é confiado. Parece que permeia no ar um sentimento de que alguém vai resolver por eles os seus problemas. É um “no stress” exagerado!

É dever da Escola ajudar o aluno a ter iniciativa, exercitar sua criatividade, zelar pela completude e qualidade das tarefas. Neste contexto, a ESCOLA PRA VALER vai ao encontro do conceito de Economia Criativa, modelos de negócio ou gestão que se originam em atividades, produtos ou serviços desenvolvidos a partir do conhecimento, criatividade ou capital intelectual de indivíduos com vistas à geração de trabalho e renda. Iniciativa, criatividade e determinação são, portanto, requisitos desejáveis em qualquer atividade profissional, mas indispensáveis para quem quer ser dono do seu próprio negócio. Preparar o aluno nesta direção faz parte do conceito da ESCOLA PRA VALER, mesmo que o aluno não tenha a vocação empresarial. Afinal, existem riquezas pedagógica e cidadã neste processo:

- Pedagógica: o conhecimento sobre os mecanismos de gestão de uma empresa pode ser importante para o futuro pessoal e profissional do aluno, mesmo que o este acabe sendo empregado no setor público ou privado. A aprendizagem da gestão de coisas pessoais, seja em casa quanto na Escola, é um primeiro benefício para o aluno envolvido nestas atividades.
- Cidadã: a medida que o aluno compreende melhor as etapas na criação e manutenção de uma empresa, ele passa a ter melhor consciência dos desafios diários enfrentados por um dono de um negócio qualquer, do “fantasma” da folha de pagamento no final do mês, et. Sua criticidade e capacidade de colaborar com a sociedade serão mais refinadas, justas e eficientes. A propósito, um ex-aluno do IFCE, empresário de sucesso, disse-me certa vez: quando se tem um produto finalizado, testado, pronto para ser comercializado, ainda não se chegou à meta da “caminhada” para se obter resultados concretos. Fazer o negócio acontecer, ou seja, vender o produto ou o serviço oferecido pela empresa, é uma parte complexa e determinante na sobrevivência de uma empresa de qualquer porte.

É dever da Escola ajudar o aluno a estas percepções e incentivá-lo a empreender, a se preparar para ter seu próprio negócio, mesmo que não seja esta a sua vocação. Nota-se que esta percepção do negócio não tem sido bem cuidada na formação do nosso aluno. Isto é um agravante para algumas instituições de ensino no interior do Estado que podem estar condenadas ao papel coadjuvante de “Escolas Dormitório”. Se ao final de seus cursos os alunos não encontram um cenário favorável para criar empresas ou para serem absorvidos como mão de obra qualificada pelo mercado, é natural que eles migrem para a capital, para outros estados ou para o exterior.

Neste contexto aparece também o conceito de startup, uma empresa recém criada, normalmente de base tecnológica, que possui espírito empreendedor e uma constante busca por um modelo de negócio inovador. Há quem defina startup como “um grupo de pessoas à procura de um modelo de negócios repetível e escalável, trabalhando em condições de extrema incerteza”. Startups envolvem investimento e risco. No entanto, existe uma série de investidores que buscam por empresas startups com boas ideias. É extremamente importante que os alunos sejam iniciados o mais rápido possível neste ambiente que envolve não somente conceitos de empreendedorismo mas conhecimentos de mercado, macro e microeconomia, aspectos jurídicos, etc.

Estes cenários de economia criativa, empreendedorismo, startups devem ser uma preocupação da ESCOLA PRA VALER, que quer melhorar a sociedade, a começar pela local, independente da sensibilidade dos agentes políticos da cidade ou do estado onde ela existe. Em não fazendo nada nesta direção, a Escola estaria “piorando”, paradoxalmente, a comunidade local ao “exportar” seus jovens qualificados para outras localidades, obrigados a procurar empregos qualificados. Assim, a apropriação do entorno social pelo jovem é uma chance concreta de mudanças em uma comunidade e ideias a partir dos conceitos de economia criativa, empreendedorismo, startups podem alavancar negócios locais. Se líderes da Escola “fogem” dessa missão, por qualquer razão, as possibilidades de avanços sociais, econômicos e culturais da comunidade diminuem.

Este e os demais Fundamentos apresentados são uma forma pragmática de se dizer aos jovens que seus sonhos são possíveis. Caso contrário, “nada seria mais dramático se seria uma tragédia se eles não acreditassem em seus sonhos”.

Recomendação: a Escola deve estimular o debate e a familiarização deste tema na Escola. Isto é possível via a existência de disciplinas eficientes sobre empreendedorismo, inovação, economia criativa, passando por estratégias de incubação de empresas, criação de startups, etc. O apoio à criação de um Polo de Desenvolvimento Local de produtos e/ou serviços com base tecnológica é desafiador. Mister se faz uma aproximação efetiva da Escola com empresas locais, entidades de classe e agentes do setor produtivo, via mostras científicas, feiras tecnológicas, workshops, rodadas de negócio, dentre outros.

E repetindo:

É extremamente importante que os alunos sejam iniciados o mais rápido possível no ambiente que envolve não somente conceitos de empreendedorismo mas conhecimento sobre mercado, macro e microeconomia, aspectos jurídicos, etc.

FUNDAMENTO 9: MERITOCRACIA & OPORTUNIDADE

“A vida é a travessia de um rio. Meu filho, não a atravesse no porão do navio”!

Os oito Fundamentos descritos atendem ao modelo proposto de uma Escola social, cidadã e interativa, com destaque à qualidade na formação profissional e intelectual do aluno, priorizando o conhecimento à informação, tratando a autoestima do aluno como força motriz de suas decisões, de sua sensibilidade social, de sua capacidade de liderança e gestão. No entanto, o modelo de uma ESCOLA PRA VALER não estaria completo sem uma reflexão sobre o conceito de meritocracia.

Recorro ao histórico recente do modelo educacional brasileiro. Considero que este modelo era o “samba do crioulo doido” antes das cotas sociais (sou contra a cota racial, contemplada na social). Nos anos 90, eu tinha dificuldade em explicar a colegas europeus porque a escola pública de ensino médio e fundamental brasileira não dava acesso à universidade pública. Ou seja, porque a universidade pública e gratuita, salvo raras (e não aplicáveis) exceções, era exclusividade das classes sociais média e alta, oriundas das escolas privadas de ensino médio e fundamental. Lembro que a meritocracia foi um dos principais argumentos usados por alguns intelectuais e pelos opositores ideológicos das cotas sociais. Com efeito, nada justifica que um diploma e/ou certificado seja concedido a quem não obteve os requisitos mínimos exigidos na profissão (quem entraria em um avião cujo piloto foi reprovado ou se submeteria a uma cirurgia com um ex-aluno relapso?).

No entanto, há uma frontal diferença entre dar um diploma e dar uma oportunidade. Os Institutos Federais sempre tiveram uma boa compreensão dialética da meritocracia & oportunidade, talvez por sempre terem convivido com uma comunidade de alunos socialmente mais eclética do que as universidades (ver Fundamento 4). Nada mais emblemático deste cenário de oportunidade (e não se trata de uma exceção) a frase do primeiro presidente da Cooperativa Pirambu Digital (CPD) em reunião com outros jovens da Associação dos Jovens Empresários (AJE), em Fortaleza. Disse ele na abertura de sua fala: “Sou empresário, como vocês, mas eu poderia ter sido um marginal!” Este jovem (presidente da CPD), técnico em Desenvolvimento de Software pelo IFCE (2003), fez estágio de 6 meses na Universidade Evry – França (2005), formou-se em Engenharia de Produção na UFC (2008) é, hoje, responsável pela logística de uma grande empresa no Ceará e aluno do mestrado em Engenharia de Aeronáutica do ITA.

Na verdade, a perspectiva de uma ESCOLA PRA VALER transcende o exemplo acima. Ela tenta alcançar a todos, desde os que nela entraram (por meritocracia & oportunidade) aos que nela jamais conseguiriam entrar. Isso nos remete à Escola Social (Fundamento 2) de uma ESCOLA PRA VALER. A entrada em 2001 dos “garotos” do bairro Pirambu, em Fortaleza, no ETFCE à época, talvez seja o primeiro caso de COTAS em instituição pública de ensino, antes da oficialização deste programa pelo governo. O resultado para os “garotos”, para seus familiares e para a sociedade foi positivamente alarmante! E a culpa de tudo isso foi dessa tal de oportunidade. Dos 120 jovens, 80 conseguiram se formar em informática e 56 decidiram criar a CPD. Passados 10 anos, a Cooperativa Pirambu Digital (www.pirambudigital.com.br) fatura, mensalmente, cerca de R\$100 mil. Sua diretoria e a grande maioria dos cooperados são residentes no bairro. Praticamente todos estão empregados e mais de duas dezenas cursaram nível superior.

É fácil falar de meritocracia quando se está do lado quem usufrui das benesses do sistema. Isso me faz lembrar uma discussão acirrada na lista BRASNET (ver pag 17), nos anos 90, sobre a obrigação ou não de bolsistas fazendo doutorado no exterior, financiados pela CAPES/CNPq, voltarem ao Brasil. Recordo o argumento de alguns que defendiam a não obrigatoriedade de voltar ao país: “esta bolsa fui eu quem consegui, mérito próprio!” Não estava no imaginário ético deste CLP (cabeçudo lesa pátria) que o povo brasileiro e o maluco modelo educacional deixaram de investir em educação básica para custear seus estudos no exterior, cerca de U\$100 mil, à época. Sem falar que, provavelmente, a formação de nível superior do CLP também tenha sido bancada pelo estado... por méritos dele, claro!

Mas, é também fácil falar de oportunidade quando se é testemunha de milhares de jovens que, mesmo injustiçados por uma escola de ensino fundamental tipo “caldo de bila”, se agarraram à alguma chance que passou selada à sua frente, e realizaram seus sonhos. Esta chance responde por poucos nomes no contexto do modelo educacional brasileiro. Um deles foi a rede de educação profissional das Escolas Técnicas Federais, ETFCE no Ceará. Os “meninos” do Pirambu Digital, professores do próprio IFCE com doutorado, milhares de profissionais liberais, centenas de empresários são mais que testemunhas! São os próprios protagonistas desta “chance que passou selada em suas vidas”, em um país preconceituoso e provinciano quando o tema é educação. Ainda, sobre os “meninos” do Pirambu, dentro do contexto dialético da meritocracia & oportunidade, muitos professores declararam que os “meninos” chegaram à Escola com nível mais baixo do que a maioria. Ao final, muitos se destacaram e terminaram com desempenho acima da média.

É papel de uma ESCOLA PRA VALER manter a memória de conquistas sociais na educação, lutar para que novas conquistas aconteçam na perspectiva de um país socialmente mais justo, mas, principalmente ficar sempre alerta para que o importante conceito de meritocracia, indispensável para uma Escola de excelência (ver Fundamento 4) não seja levemente utilizado de forma preconceituosa e provinciana.

Recomendação: Uma ESCOLA PRA VALER é uma Escola social, antes de tudo. Não tem como ser diferente para ajudar o aluno a ser feliz. Assim, ela deve envidar esforços no sentido de manter viva a oportunidade como sua característica institucional. Em não dispensando a meritocracia como referência maior da instituição, em todas as suas instâncias, a ESCOLA PRA VALER não fecha questão ao debate dialético, à inovação ousada, ao novo da oportunidade que, por vezes, pode resignificar o conceito de meritocracia. Que o mantra institucional seja a meritocracia desde que não renegue às exceções legítimas quando estas se sobrepõem às legais.

E repetindo:

É fácil falar de meritocracia quando se está do lado que usufrui das benesses do sistema. Mas, é também fácil falar de oportunidade quando se é testemunha de milhares de jovens que se agarraram à alguma chance que passou selada à sua frente, e realizaram seus sonhos.

FUNDAMENTO 10: PAIXÃO & FELICIDADE

“... ninguém é mais do que ninguém! Nada é mais bonito que a vida! Mas uma vida em que se defende a liberdade. Para isso temos que começar a pensar como espécie, não só como país”! ... “A generosidade é o melhor negócio para a humanidade... A aventura de não apenas sonhar em um mundo melhor, mas de lutar por ele, gastar a vida lutando por ele... Gastar a vida por um mundo melhor”! (José Mujica)!

Qual a missão maior da Escola e de seus professores, administrativos, zeladores, diretores?

Esta foi a pergunta que abriu os 10 Fundamentos de uma ESCOLA PRA VALER. A resposta também nós é conhecida:

“Definitivamente, é ajudar o aluno a ser feliz, ajudá-lo a fazer suas próprias escolhas pessoais e profissionais, ajudá-lo a construir um caminho que, ao final, será só seu por

mais que seja apoiado ou compartilhado por outrem. Estas escolhas, se corretas, o tornarão um sapiens digno, melhorador do planeta”!

Os 10 Fundamentos apresentados neste livro são orientados à pergunta/resposta acima. Para se atingir a missão maior da Escola, são indispensáveis mais dois ingredientes, além dos já comentados: PAIXÃO & FELICIDADE, um causa o outro efeito.

PAIXÃO: Uma Escola só é Pra Valer se seus professores, pedagogos, administrativos, zeladores, diretores, terceirizados trabalham nela com paixão, se têm orgulho do que fazem, se reconhecem a importância de seu papel na construção do ecossistema escolar, enfim, se acreditam que são capazes de ajudar o aluno a ser feliz. Senão, pode até ser Escola, mas não é pra Valer. É mais um Centro de formação profissional, de Centro de treinamento, Centro de qualquer coisa sem o compromisso com transformação da sociedade.

FELICIDADE: Derivada do grego, Escola significa “lazer”. Um dos objetivos de quem procura lazer é ficar alegre, estar tranquilo, ser feliz. Assim, Escola tem tudo a ver com felicidade! Daí a missão maior da Escola é ajudar o aluno a ser feliz. O resto é complemento! No entanto, ajudar o aluno a ser feliz não é uma tarefa fácil. Não há garantias de que isso aconteça mesmo que seja numa ESCOLA PRA VALER.

PAIXÃO: Se não há garantias do aluno ser feliz numa ESCOLA PRA VALER, então, para alguns, tudo isso é uma utopia. Mesmo que assim fosse, é quando o poeta nos socorre dizendo que a “utopia serve para que não se deixe de caminhar”. Com esta missão divina, a Escola passa a ser um espaço especial, de pessoas especiais (professores, pedagogos, administrativos, zeladores, diretores), reunidos por uma guerra de uma única batalha: ajudar o aluno a ser feliz... mesmo sem garantias. Isso só é possível com paixão pelo que se faz!

FELICIDADE: A Escola foi, provavelmente, um momento muito especial em nossas vidas quando alunos. Se todos fomos felizes, quando alunos, maior razão da Escola ser também um momento mais do que especial para aqueles que têm o privilégio (professores, pedagogos, administrativos, zeladores, diretores), de mudar o curso da história da vida de um jovem! Melhor ainda, convencê-lo de que ele pode mudar a vida de outro jovem e, provavelmente, convencê-lo de que ele é mais competente do que nós, educadores, para esta delicada e divina tarefa: mudar a vida de alguém!

PAIXÃO: Para ser professor, pedagogo, administrativo, zelador, diretor em uma ESCOLA PRA VALER tem que ser ousado, valente, pensador, criativo e estético; tem que querer ser tudo aquilo que queremos dos alunos, tem que ter o preparo e o bom senso nas tomadas de decisão. Mas, sobretudo, tem que ter a paixão em querer ajudar o aluno a ser feliz.

FELICIDADE: Se de um lado o professor não deve confundir convicções religiosas, esportivas e políticas como mantras salvadores da humanidade, por outro lado ele não pode ausentar-se de levar ao aluno o conhecimento de tudo e despertar nele o espírito crítico, ajudando-o na construção de um caminho que será só dele. Os professores, pedagogos, administrativos, zeladores, diretores que percebem isso estão no lugar certo. Não são “funcionários de repartição”, ansiosos pelo final de semana para se livrar do “fardo”. Não são capazes de dizer, achando-se engraçados e originais, que o melhor momento da Escola é no período das férias, tudo calmo, sem zoadá, sem problemas, sem alunos. Não! São pessoas felizes com o que fazem.

PAIXÃO: Professores, pedagogos, administrativos, zeladores, diretores de uma ESCOLA PRA VALER lamentam quando percebem que seus alunos não leem, desperdiçando o privilégio de absorverem em dias os pensamentos e ideias forjadas em anos por Drummonds, Borges, Marques, Suassunas... Por outro lado eles vibram quando constatarem que seus alunos se superaram, são cada vez melhores, começam a saber coisas que eles ainda não sabem.

FELICIDADE: Em uma ESCOLA PRA VALER, o receio de ter sido superado pelo aluno é diminuído pelo orgulho que o professor animador/treinador sente de sua equipe, de uma Escola moderna, viva, transformadora da sociedade. Uma Escola de vencedores, de gente feliz. Seus alunos! Professores, pedagogos, administrativos, zeladores, diretores são dignos de uma Escola quando fazem dela uma Escola na qual estudaria seu filho!

PAIXÃO: Prefiro uma escola que ajude meu filho a ser feliz! E que todo o resto gire em torno disso. Uma escola que priorize a essência da vida, na qual meu filho aprenda a agradecer a comida de cada dia e a não esquecer que os restos à mesa faltam a alguém. Que ele goste do sol que anuncia todo dia a dádiva da vida e que suas ações o tornem digno dessa dádiva.

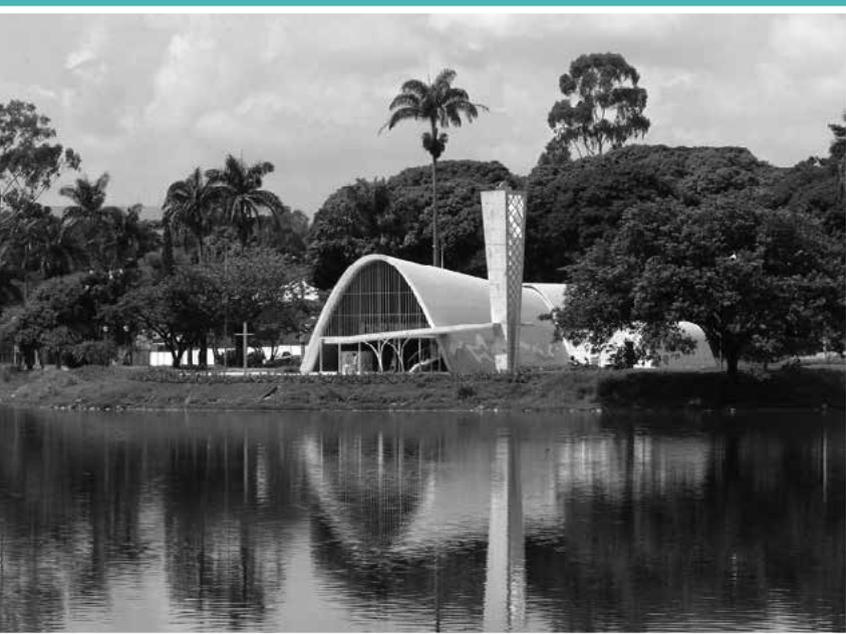
FELICIDADE: Quero uma escola que valorize cidadania e filosofia, bola e violão. E quando meu filho for tentado a mentir, a humilhar ou a ser injusto, que ele desdenhe da má política e honre sua escola, posto que ela o preparou, como bradou Mandela, para ser o “dono do seu destino, o capitão da sua alma”! (William Henley).

Recomendação: O candidato que deseja dirigir PRA VALER uma ESCOLA PRA VALER deve ter paixão em ensinar, acreditar que ele pode ajudar o aluno a ser feliz, que o aluno pode “tem a força” e que a Escola pode ajudá-lo na construção de seu próprio caminho... Sem isso, recomenda-se FORTEMENTE ao candidato procurar outra coisa pra fazer na vida. De preferência com paixão... e sendo feliz! PRA VALER!

E repetindo:

Paixão é o combustível para uma ESCOLA PRA VALER ajudar o aluno a ser feliz!





PARTE 03

ARTIGOS SOBRE ESCOLA (2016)

Prefácio: José Gomes Soares Filho

- 1. “You make me feel so young”**
- 2. Medalha de ouro vai para...**
- 3. Paixão, amor e Fibonacci**
- 4. O Lava a Jato nosso de cada dia**
- 5. Cunha Sapiens, uma breve história da impunidade**
- 6. Esta escola né pra ti não**
- 7. Dom Quixote e a Lei do Gerson**
- 8. Porque hoje é sábado**
- 9. Além do Arco Iris**
- 10. Faculdade ou Universidade**

“Trocaria toda a minha tecnologia por uma tarde com Sócrates”
(Steve Jobs)

PARTE 03

PREFÁCIO



José Gomes Soares

Durante a leitura desta obra, inúmeros momentos reavivaram meus pensamentos e alguns até me emocionaram profundamente.

Quando o professor Mauro me honrou com o convite para o prefácio desta parte 04, logo pensei na oportunidade de externar o quanto ele é querido e admirado pela família de D. Dora Lazarini, mãe do meu saudoso irmão Luiz Fernando.

Lembro-me da 1ª vez que, trazido pelo LF, nos visitou e se hospedou em nossa casa em BH. Então morávamos juntos, eu, meus três filhos, minha irmã e minha mãe. Como todo bom mineiro, olhávamos desconfiados e sem entender direito, aquele cearense extrovertido, alegre, brincalhão que parecia já nos conhecer há tempos. De onde vinha tanta descontração e energia? Invadiu nosso lar e aos poucos também nossos corações. Ficou só aquele fim de semana, mas quando partiu nos deixou encantados com seu jeito moleque e divertido, principalmente a minha mãe a quem passou a chamar de Rainha.

A partir de então, só convivência prazerosa recheada de “causos”. Poderia citar dezenas destes momentos de descontração e alegria vividos em comum. Todos inesquecíveis, mas vou me ater em apenas dois, dos quais minha mãe gostava de contar aos amigos e amigas.

Primeiro, era a maneira de se anunciar, quer por telefone ou quando chegava de visita a BH. Após tocar a campainha da casa, pegava seu pandeiro, companheiro de jornadas, e da rua, no passeio, começava a cantar “Dora, rainha do frevo e do maracatu”.

Segundo, foi de uma feita quando toda a família caminhava em direção a um restaurante na Barra da Tijuca, ele se adiantou a nós, abriu as portas do mesmo e em alto tom anunciou: “Levantem-se todos; a Rainha está chegando. Aplaudam”

Fez-se um instante de silêncio absoluto, no qual os presentes sem nada entender olharam em direção à porta. Naquele quase mesmo instante, adentrava D. Dora Lazarini nos seus mais de 90 anos, com seu jeito altivo de mineira.

O que se seguiu foi incrível, coisa que só mesmo o Mauro com seu carisma seria capaz de provocar. Levantaram-se os presentes no restaurante e de pé, aplaudiram a entrada triunfal da mãe do seu querido amigo L.F.

Ao terminar, gostaria de expressar minha profunda gratidão e ao privilégio de tê-lo conhecido.

1

“YOU MAKE ME FEEL SO YOUNG”!

“Qual a missão maior da Escola e de seus professores, administrativos, zeladores, diretores? Definitivamente, é ajudar o aluno a ser feliz, a fazer suas próprias escolhas pessoais e profissionais, ajudá-lo a construir um caminho que será só seu. Estas escolhas o tornarão um sapiens digno, melhorador do planeta. Fora disso não há Escola. É Centro de formação profissional, de treinamento ou de interesses escusos. Uma Escola que não serve para modificar a sociedade não serve a ela... nem pra ela!”

Era disto que eu ia falar nesse sábado. Afinal, os retrocessos ensaiados na “nova” república de “velha” política deveriam nos preocupar fortemente. Por ex., a proposta “Escola sem Partido” dos famigerados Bolsonaros seria nocauteada já no primeiro discurso se fosse no tempo em que a universidade ainda tinha o vigor de ir às ruas, caminhando e cantando Vandrê nos jardins de Maiakóvski de Eduardo Costa. O pior deste projeto “nonsense”, na opinião do Prof Emanuel Freitas (**O POVO**, 27/08/16), é a obrigação de professores não irem de encontro a crenças e valores dos pais. Beleza? “Nãm, mah”! Quer dizer então que a “Lei de Gerson” - levar vantagem em tudo-, a mafiosidade dos “coronéis” - aos amigos tudo, aos inimigos a lei-, a sociedade machista - o covarde que bate em mulher-, os preconceitos - de raça, grana, gênero, etc.- ficariam intocáveis. “Ó o mei, mah”! Isso não é Escola. É Centro de treinamento.

Mas a vida é uma caixinha de surpresa, já dizia Joseph Climber. Acabei não enviando o artigo acima pra minha chefe Dani Nogueira d’**O POVO** publicar: antes de apertar o ENTER, eis que Céos de Gaia (avô de Apollo) me surpreende colocando-me Bibi Ferreira cantando Sinatra no Rio Mar. Já tinha visto Bibi, nos anos 90, interpretando Piaf. Após “A quoi ça sert l’ amour”, lembro-me alguém ter comentado: a Édith aplaudiria!

“Bibi Sinatra Piaf Ferreira” mais que nos encantou! A exemplo de Édith, Frank não teria uma aura maior do que a dela quando os interpreta. Há magia em sua presença, desde o ousado decote de seu longo branco à voz que umedece nossos olhos com uma alegria singela. É uma emoção que nos entranha, perfura nossos poros e se exprime a flor da pele.

Pode uma mulher aos 94 anos ser tão provocante? Basta que ela com sua beleza, sua energia e sua graça nos faça mais jovem (“you make me feel so Young”), como na canção! Não é diferente a missão de uma Escola: surpreender seus alunos, fazê-los pulsantes!

Foi uma noite memorável. Foi demais. Foi Bibi!

(Artigo publicado no jornal **OPOVO** em 03 de setembro de 2016)

2. A MEDALHA DE OURO VAI PARA ...

Sábado é diferente. Sou capaz de reconhecê-lo pela cor do sol ou pelo delicioso vento matinal no rosto, enquanto caminho à procura dos Drummonds nos “sebos” na cidade de Raquel. Sábado tem o sabor das boas saudades, a tarde de amores densos, a magia dos encontros fortuitos.

Foi numa manhã de sábado que me encontrei com o texto de Cliff Villar (**O POVO**, 30/07/16): “A originalidade não deve ser o único eixo da criatividade. Devemos ir além. O olhar mais atento a uma cena trivial pode despertar um movimento, revelar uma ideia”. Cliff debulha o extraordinário projeto “Somos Todos Humanos”, uma sacada do jornal **O POVO** que cutuca a sociedade, estudantes em especial, estimulando a reflexão sobre o preconceito.

O “Somos Todos Humanos” tem a marca do Capitão de Mar & Paz Demócrito Dummar, um sapiens com “alma de poeta, audácia de visionário, radicalmente humano”, como o disse Fabio Campos em seu artigo “Ficamos mais pobres”, em 2008. Demócrito era definitivamente novidade, impulsivamente holístico, inevitavelmente envolvente!

E como agora “Somos Todos Olímpicos” (copyright d’**O POVO**, né não Plínio?) inventamos de inventar a “Olimpíada Somos Todos Humanos” no Aracati Digital, projeto que segue a mística do Pirambu Digital. Neste preparativo, soubemos de uma professora nossa que, desdenhando do seu recorde de aulas, foi buscar alunos da escola pública Zé Melancia no ônibus do IFCE Aracati, em Canoa Quebrada, para conhecerem os laboratórios de pesquisa e seus projetos de extensão: DIVAS (Dando incentivo às mulheres em ciências exatas) e PRECES (Profissionalização de jovens com dependência química).

Ver alunos do IFCE mostrando, com brilho nos olhos, “mil Pokémons” para os alunos visitantes teve gosto de uma medalha de luz, de um Brasil “que deveria ser bem melhor... e será”. Wellington e Lucas, bolsistas FUNCAP da Professora, disseram que os alunos do Zé Melancia ficaram fascinados. E ao sortear um chococone (smartphone de chocolate) na saída, a Professora ouviu de uma das alunas: “vou lutar por uma vaga nessa Escola”.

Demócrito, presidente do “Comitê Olímpico Somos Todos Humanos”, diria no pódio da Av Aguanambi 282, com um sorriso grego, nada lacônico, de dar inveja a Zeus:

“Parabéns, Professora Carina. A medalha de ouro é sua”!

(Artigo publicado no jornal **O POVO** em 06 de agosto de 2016)

3.

PAIXÃO & AMOR E FIBONACCI

Perguntei a Isadora sobre Fibonacci. Ela brincou dizendo: “Já ouvi falar. É bom pra asma, né não?” (quase! O da asma é Fimatosan). Leonardo Fibonacci, o mais famoso matemático da Idade Média, propôs no livro *Liber Abacci*, em 1202, o uso desta sequência mágica: 0,1,1,2,3,5,8... E depois? Beleza, você acertou: 13, 21,...

O arranjo das folhas, a reprodução de abelhas, a formação de conchas, de furações, da via láctea, etc., são exemplos clássicos da natureza que obedecem ao padrão numérico da sequência de Fibonacci. Seria essa “magia” matemática uma intriga a mais entre religião e ciência?

Na briga do rochedo contra o mar, da fé dos homens contra a matemática da natureza, os agnósticos são salvos pela metáfora poética. Enquanto Steve Jobs trocaria “toda a sua tecnologia por uma tarde com Sócrates”, tem quem prefira 51 anos, 9 meses e 4 dias com Garcia Marques em “O Amor nos Tempos do Cólera”. Nele, o Gabo descreve o cenário de amor (ou paixão) de Florentino Ariza pela estonteante Fermina Daza, em Cartagena das Índias no século XIX.

Ahh... amor e paixão! Um é certeza, o outro é combate? Um é até que a morte os separe, o outro tá nem aí? O fato é que o realismo fantástico do Gabo não obedece a nenhum padrão lógico ao tratar paixão e amor.

A lógica da matemática com regras rígidas que vence a física quando se divide uma mesa ao meio com uma faca, infinitas vezes. A lógica difusa da poesia sem regra nenhuma que dá vida à lâmina que apedreja, a mesma que afaga o cordão umbilical. Podem ser elas, a matemática e a poesia, lados da mesma moeda lançada ao acaso, frequências díspares a nos seduzirem no aqui e agora? Ou podem ser escolhas nossas que valorizem a vida! Que combinação delas seria mais fluida na ampulheta do tempo, que se esvai a nossa revelia, ao tentamos ser felizes?

Ainda bem que Isadora, aluna de hotelaria do IFCE Aracati que distribui sorridente suas poesias nos corredores, não estava com Fibonacci na cabeça quando fez esta pérola: “Desculpe-me, meu amor, ter escrito uma carta tão longa. Não tive tempo de escrever uma mais curta”. Tampouco João, aluno de computação, ao responder: “Don’t worry baby, minha paixão é o último número de Fibonacci”.

Esses meninos ... (risos)!

(Artigo publicado no jornal O POVO em 09 de julho de 2016)

4.

O “LAVA JATO” NOSSO DE CADA DIA

Prof Melo Lima, da UFC, contou-me essa. Estava no metrô em Copenhague quando apuro a vista em uma placa: “local de passagem livre para quem não pode pagar”. Depois de verificar que não se tratava de pegadinha, Dr Melo pergunta à funcionária, loira de 1m80, se alguns que poderiam pagar não “arrodeavam lá acolá” e. Ao que a baixinha, surpresa, responde: “por que alguém faria isso?”

A propósito, lembrei-me de outra do Melo na qual um artista se disfarça de cego para comprar um “sanduba” de R\$2,00. Ele paga R\$10,00 e se retira sob o silêncio ganancioso do vendedor... à moda “político brasileiro”. Em seguida, ele volta disfarçado de jornalista e pergunta ao mesmo vendedor sua opinião sobre os políticos. O vendedor diz intempestivamente: “um bando de ladrão, doutor”.

Os fatos acima ajudam a refletir sobre o “gap” entre o que queremos ser e o que praticamos. Já vi garotos brasileiros na Aliança Francesa, em Paris, tentando roubar Coca-Cola da máquina. Vejo, frequentemente, a classe média ocupar a vaga do idoso (quando ninguém tá vendo). Ricos e pobres que não retornam quando o caixa esquece de registrar um artigo comprado. Pergunto-me, curioso, por que temos (majoritariamente) esta “mania”.

Ao ler “1808” do Laurentino Gomes (Prêmio Jaboti de Literatura e um deleite para quem é “P da vida” com colonização), encontrei resquícios desta nossa “mania” na vergonhosa fuga para o Brasil da “Corte corrupta, da rainha louca e do príncipe medroso”. Ora Pois... fiquei “P da vida”! Sei que o tema é complexo; do coronelismo, ainda em nossas entranhas, à crença em um deus inventado, de quem abusamos no perigo (sem pensarmos no outro): “graças a Deus eu não estava naquele avião”.

Mas... desesperar jamais! Também temos boas histórias. Continua funcionando no IFCE Aracati a sorveteria Zé de William, um projeto criado em 2003 no qual o aluno pega o picolé e paga sem fiscalização... à moda “político de Copenhague”.

Animado com este e outros projetos (www.aracatidigital.com.br), resolvi fincar uma bandeira verde-amarela em frente à minha casa, em Canoa... à moda “cidadão americano”, talvez para dizer para mim mesmo, toda manhã ao acordar, e aos meus alunos, todo dia ao encontrá-los, que não vamos desistir deste Brasil ... apesar dos políticos que não pagam o “picolé”.

Dia seguinte, a bandeira tinha desaparecido. Fiquei “P da vida”... mas coloquei outra, e outra, e outra”! Nem pensar sermos derrotados por essa “mania” nossa de cada dia!

(Artigo publicado no jornal O POVO em 04 de junho de 2016)

5. CUNHUS SAPIENS, UMA BREVE HISTÓRIA DA IMPUNIDADE

“A 300 m da Pirâmide me inclinei, peguei um punhado de areia, deixei-o cair silenciosamente e disse em voz baixa: Estou modificando o Saara. O ato era insignificante, mas as palavras eram justas e pensei que fora necessária toda a minha vida para que eu pudesse pronunciá-las”

Tinha que ser um Borges para retratar a exuberância do Museu do Amanhã. Não sou muito alopado por museus, mas não contive a emoção diante daquele estilizado “ca-lango de arame”, diria meu avô REImundo, na praça Mauá do Rio de Janeiro.

O Museu do Amanhã é mais do que ele se diz: um espaço de aceleração de ideias no qual você é convidado a examinar o passado e imaginar cenários possíveis para os próximos 50 anos. Sua magia nos tira do imediato, eleva-nos pés do chão, instiga nossa alma. Por alguns bons momentos esqueci coisas entre o céu e a terra que incomodam minha vã filosofia. Senti-me como se em um outro planeta de menor gravidade. Percebi-me criança outra vez.

O sol desta terça de entrada gratuita parecia enxotar para dentro do Museu do Amanhã aquele bando de estudantes, aos milhares, numa agradável algazarra juvenil. Era o Rio de Janeiro miscigenado, denunciando o provincianismo de quem desconhece a história, de quem humilha semelhantes, de quem abandona o centro da cidade na qual mora.

Horas depois, ainda hipnotizado, saí da livraria da Travessa, na Rio Branco, com um “Sapiens, uma breve história da humanidade”. Um livro, como diz o New York Times, que não pode ser resumido; você tem que lê-lo. A despeito, Harari, o autor, nele discute de forma eletrizante como nós da espécie Sapiens, Primatas como os chimpanzés e orangotangos, do gênero Humano como os neandertais e os erectus, somos capazes de belas obras de arte, de avanços científicos e de horripilantes guerras. Somos a única espécie que acredita em coisas que não existem na natureza, tais como Estado, dinheiro e justiça, criadas em nossa trajetória de ingênuos primatas a donos do mundo.

Ah! Em relação ao Cunhus e sua (não tão) breve história da impunidade, quem sabe um dia ele também será encontrado no Museu do Amanhã... como exemplo de um “exímio neandertal” que enganou um Estado, propinou muito dinheiro, desdenhou da justiça e envergonhou a espécie Sapiens.

(Artigo publicado no jornal O POVO em 07 de maio de 2016)

6. “ESSA ESCOLA NÉ PRA TI NÃO... BESTADO!”

1993 (meus alunos ainda eram espermatozoides ansiosos). Valdeci de Lima, meu amigo Valdez, me apresentava Airton Barreto, o advogado dos pobres do Pirambu, sorriso abundante da cor de seu discurso e de sua coerência!

Conhecíamos, assim, o projeto Escolinha Santa Elisa no bairro Pirambu. A ideia da Escolinha era abrigar as crianças ao voltarem da escola pública. Isso as protegia, aparentemente, da convivência na rua com pobres marginais (“café pequeno” se comparado com ricos marginais da Aldeota, alguns “viciados” em merenda escolar).

Todo esse miolo de pote é para contar a melhor do Valdez. Ele “nos deixou” na Semana Santa sem a autorização dos amigos. Aos sábados levávamos a garotada da Santa Elisa para nadar na piscina e usar um tal de computador que acabara de chegar na Escola Técnica da Treze de Maio. Quando o ônibus da Escola Técnica entrava à Santa Elisa a gritaria na rua comia de esmola (“iRRRRiii”) feito vaia pro sol.

O Valdez me contou que, certa feita, um garoto na Santa Elisa desembestou atrás do ônibus gritando para um outro lá dentro: “Tu tá indo pra donde, bestado?”. O “abestado” de dentro do ônibus estufou o peito Galo de Campina e respondeu: “bestado é tu; vou pra Escola Tecs”. Aí, então, o “abestado olímpico” riu e replicou: “Essa escola né pra ti não... bestado!”.

Moral flash do episódio: uma escola pública de qualidade não estava no imaginário nem no reino das possibilidades do Pirambu.

O Prof Valdeci de Lima dedicou toda a sua vida para que a nossa Escola Técnica, hoje IFCE, fosse uma escola para todos, tal qual o Pirambu Digital, projeto que tem a sua marca. Na despedida, o Prof André Haguette, da UFC, destacou a generosidade do Valdez no seu projeto Parque do Tapuio.

De Dom Quixote de La Mancha: “dei o máximo de mim; é o melhor que o homem pode fazer na vida”. O Valdez fez mais. Deu o máximo de si com generosidade! É o que dele sentem seus amigos e os homens da Escolinha Santa Elisa que um dia foram meninos, ninados pela magia de seu violão falante: “E o futuro é uma astronave que tentamos pilotar!”.

(Artigo publicado no jornal O POVO em 09 de abril de 2016)

7.

DOM QUIXOTE, E A LEI DE GERSON

A história é mais emocionante ainda. O fato é que John Harvard legou metade do que tinha e uma biblioteca ao “New College”. A Escola mudou de nome para “Harvard College” em 1639 e tornou-se a primeira e mais famosa universidade americana.

Costumo falar de Harvard para meus alunos do IFCE Aracati, provocando-os nariz pra riba. É o caso dos Barqueiros Literários, alunos que discutem sobre livros numa versão digna da “Sociedade dos Poetas Mortos”. Talvez nossa Escola nunca seja uma Harvard mas, como diz o poeta, a utopia serve para caminhar.

Mas o que faz uma Escola ter uma mística como Harvard, ter uma atmosfera que desperte soberba & seriedade? Conheço uma bem ali, lá acolá: o Centro de Informática da UFPE (CIN). Percebe-se no CIN, do zelador ao professor, uma soberba & seriedade que não bate com “repartição pública”, como ironizava o saudoso Prof Anchieta, ex-diretor da ETFCE. Definitivamente, uma Escola não é uma repartição pública na qual “bater o ponto” é, para alguns, o ato mais nobre do dia. Uma escola é um lugar de sonhos, de ideias, de ousadias, de mudanças, de verdades.

Quem torceu pela seleção brasileira no México (anos 70), lembra do Gerson, o “canhotinha de ouro”. Em 1976, o coitado teve a infelicidade da propaganda de um cigarro que se tornaria famosa como a Lei de Gerson: “O lance é levar vantagem em tudo”, dizia ele.

Pois bem! Uma Escola não é lugar para se “levar vantagem em tudo”. Uma Escola é, como diz Dom Quixote de La Mancha, para “quem dá o máximo de si”, simplesmente porque “isso é o melhor que o homem pode fazer na vida” (in Cervantes)!

Uma Escola é um lugar onde, diariamente, “alunos saem pelo portão melhores do que entram” para mudar a sociedade, segundo o “filósofo” Jorjão, querido zelador do IFCE Aracati. De repente, Jorjão tem uma visão mais piagetiana do que muitos professores de repartição.

Na verdade, Jorjão nos remete ao amanhã: atrás do sorriso respeitoso de nosso ex-aluno haverá um olhar contabilizando se fomos um “Quixote” ou um “Gerson” a mais em sua vida!

Talvez aconteça o mesmo com nosso filho. (Ah!...e não existe ex-filho).

(Artigo publicado no jornal O POVO em 12 de março de 2016)

8. PORQUE HOJE É SÁBADO...

Sempre gostei dos sábados. As peladas com bola de pano na calçada do Cine ART, passear com meu pai nas tardes no Parque das Crianças, as tertúlias de luz negra no Clube Maguary. Lembro bem do R Mauro, nosso Peter Pan, cantarolando nas manhãs de sábados “The Sound of Silence (Simon & Garfunkel), sua preferida, antes de cumprimentar o Pe. Gaspar da igreja do Carmo e ir no rumo da venta até a Pça do Ferreira a procurar Drummonds & Borges nos sebos da Vila. O inebriante vento de sábado no rosto alimentava o mantra predileto do R Mauro: gastar um dedo de prosa com o Dr Batérico na Meton de Alencar e com os contumazes da banca do Bodinho, sempre com **O POVO** do Demócrito debaixo do sovaco, “a mode” baguete francesa. “Éeeegua do tempo porreta” em que as pessoas se conheciam pelo nome!

Porque hoje é sábado acordei com aquela intangível preguiça medieval escalafobética de que posso fazer tudo que quero e nem a isso sou obrigado (seria capaz de reconhecer um sábado mesmo se eu fosse um Mauro Crusoé perdido em uma das ilhas de Ipanema). Após um esfulepante café coado no pano, eu me percebo em estado de graça por tudo que ainda não fiz neste sábado. Tenho o privilégio de ser professor, o poder de ajudar meu aluno a ser feliz, ajudá-lo a gostar da vida que o sol matinal nos anuncia todo dia, ajudá-lo a não esquecer que os restos de comida à mesa faltam ao outro. O que adianta ser um campeão da escola se ele rouba, mente, humilha fracos e, o pior, não se percebe no que faz?

Talvez porque hoje é sábado lembrei-me de Quixote de La Mancha e sua convicção de que deu o máximo de si: “é o melhor que o homem pode fazer na vida”. Sinto que meu aluno, tal um Quixote lúcido, vai surpreender. E o mínimo que ele fizer hoje vai tornar o mundo melhor.

Podemos, sim, despertar no jovem o homem de bem que ele é, contagiá-lo com o poder que ele também tem de mudar outras vidas, convencê-lo a enfrentar e não apenas se lamentar de entreveros, para não “atravessar o rio da vida no porão do navio”. Que ele jamais tenha medo da “escuridão, nossa velha amiga, nem das luzes de neon em seus sonhos, nem das palavras dos profetas escritas nas paredes do metrô” (The Sound of Silence). E quando ele for tentado a roubar, mentir, humilhar que ele diga não à má política e honre sua escola que o preparou para ser “dono e senhor do seu destino, o capitão da sua alma” (William Henley in *Invictus*)!

Como um dia cantará a radiante Ivete (sem cordão) em Aracati, “Nossa vida vai, nossa vida vai, ... Pra frente, pra frente frente”. Porque nós queremos assim, que a vida vá. Pra frente!

Porque todo dia é sábado!

(Artigo publicado no jornal O POVO em 13 de fevereiro de 2016. Ele é dedicado ao LF, meu melhor amigo, aniversariante deste mês)

9.

ALÉM DO ARCO-ÍRIS

Oi Helena, Parabéns! Hoje, 02 de maio de 2025, tenho um presente para você: outro livro. Ah! Como qualquer criança de 10 anos, sei que você prefere brinquedos a livros. Mais tarde você vai descobrir que os livros são tão companheiros, tão mágicos, tão indispensáveis quanto os brinquedos.

Este livro é sobre filosofia. Quero que você mostre para os seus amiguinhos da sua escola (pública e de qualidade) os nossos super-heróis: o super-Sócrates, um sabichão que dizia “Só sei que nada sei” (não siga o exemplo dele e estude muito... rrsrs); o super-Platão, o discípulo que fez existir Sócrates e que, segundo a mulher de Aristóteles (invejosa do novo botox da mulher do Platão), pegou carona no mestre. Ao final, Helena, tudo é vaidade... (está escrito em outro livro).

Tem também o filósofo Lao-Tsé, o tal do “Tao”. Ele não há de lhe ensinar caminho algum, porque o caminho se faz ao se caminhar. E o seu caminho será sua maior criação, será único, só seu, será você, todo Helena Gabriela Lenz.

Com o tempo, você vai encontrar lições que não estão em livros. Aí, então, há de se ter cuidado com crenças e religiões, ideologias e dogmas, convicções e opiniões dos outros. Você vai ter que fazer suas próprias escolhas! É o seu caminho se fazendo, sua maior criação, único, seu, jovem Helena.

Você terá que ler muito, mocinha Helena, para escolher bem e entender rápido que o outro é irmão, que a felicidade é o objeto maior da existência humana, o “Conceito de amor em Santo Agostinho” de Hannah Arendt.

Muitas tarefas (menos chatas do que as da escola, é claro) lhe aguardam. A maior delas transcende crenças, ideologias e convicções: melhorar o mundo ao redor, sempre... e sempre! Aos poucos, você vai perceber que viver é um privilégio. Que tudo tem um sentido. Que a vida tem sentido.

Então, Helena mulher, você vai olhar para o caminho que construiu e sorrir dessa sua maior criação e sentir que “... além do arco-íris pássaros azuis voam e os sonhos que você sonhou em um canto de ninar se tornaram realidade”... e fizeram o mundo melhor, maravilhoso!

Benção do tio Mauro.

(Artigo publicado no jornal O POVO em 05 de janeiro de 2016)

10. FACULDADE OU UNIVERSIDADE?

“Jamais diga aos jovens que seus sonhos são impossíveis. Nada seria mais dramático e seria uma tragédia se eles acreditassem nisso”. Esta do William (aquele cara do Otelo, o mouro) ricocheteou nesses dias nas minhas lembranças feito um tiroteio de “Jerônimo Herói do Sertão” que a gente ouvia na Perrenove, antes da chegada da TV preto e branco na TV Ceará.

Este Shakespeare caiu-me em 2003, tempo em que o Prof Valdeci de Lima do IFCE (o Instituto é uma faculdade ou uma universidade?) e eu iniciávamos o Pirambu Digital, um projeto no qual jovens desse extraordinário bairro ousaram desafiar um imaginário local de que “aquela Escola Técnica da 13 de maio não era pra eles não”. E conseguiram! Passada uma década, a Cooperativa Pirambu Digital está bombando: 40 integrantes, autossustentável, fatura U\$240.000,00 ao ano além de mitigar o injusto estigma de um bairro perigoso, cheio de marginais (você ouviu marginais? Ora bolas, mas o que são miseráveis ladrões de galinha do Pirambu diante dos requintados “colarinhos brancos” da Aldeota?). Pois bem, o Pirambu Digital acaba de ganhar o prêmio nacional Banco do Brasil de inclusão social. Não é sensacional? (Pena que a mídia não tá nem aí ...)

Nesta mesma onda, tá vindo aí o Aracati Digital surfando numa Canoa Quebrada... (de droga, lixo e cachorros soltos numa praia sem lei). Os jovens do Aracati Digital percebem o privilégio de serem alunos do IFCE (faculdade ou universidade?); percebem que a vida, tal qual uma moeda, não existe com um lado só, sem “o outro”. No Aracati Digital o discurso cansado dá lugar a projetos vibrantes liderados pelos jovens, como o apoio diário a entidades que tratam dependentes químicos, os “Barqueiros Literários” que fazem semanalmente um sarau sobre livros, a música clássica troa uma vez por mês num paredão na Rua Grande de Jacques Klein e, mais recentemente, temos o NAJILA (Núcleo de Alfabetização de Jovens e Idosos do LARA – Laboratório de Redes de Computadores de Aracati).

Eita! De supetão, entra na minha sala de aula o Jorjão, funcionário de uma terceirizada do IFCE. Sem doutorado, bacharelado ou outro “Mobrado” qualquer, Jorjão aponta o dedo em riste para meus alunos e, como um príncipe, outorga-lhes uma nobre missão. “Vocês não podem sair por aquele portão do mesmo jeito que entraram aqui. O Aracati precisa de vocês”, diz ele.

Sem conhecer um tal de Paulo Freire e sua turma, o Príncipe Jorjão nos ensina, assim, com uma simples frase, a diferença entre faculdade e universidade. Precisamos cuidar do jovem de nossa escola para que ele cuide também “do outro” que está fora dela. Que o nosso jovem tente se apropriar de sua cidade (quem sabe possamos um dia voltar a andar tranqüilos pelas ruas). Que o jovem tente, a todo momento, melhorar tudo ao redor num ato puramente normal, próprio de sua natureza humana.

Sem essa tentativa diária não existe universidade!

(Artigo publicado no jornal O POVO em 08 de dezembro de 2015)





PARTE 04

ARTIGOS SOBRE ESCOLA (2015)

Prefácio: Raimundo Macedo

- 11. Para saber quem somos nós**
- 12. Demócrito para reitor**
- 13. Como se fosse possível acontecer**
- 14. A vida por um fio**
- 15. Pedro e o mendigo... e a FIFA**
- 16. Uma breve história do tempo**
- 17. O piloto sumiu! A universidade também**
- 18. Fim de tarde em Havana**
- 19. Fausto e os dragões**
- 20. O Sertão vai virar bytes**



*“... tentei tirar o máximo de mim. É o melhor que o homem pode fazer na vida!”
(Dom Quixote)*

PARTE 04

PREFÁCIO



RAIMUNDO MACEDO

Certa feita estávamos em um traslado pelas bandas de Recife, provavelmente em 1997, Mauro, LF, e outros camaradas. Conversávamos muito e eu refletia, embasbacado com a mais nova ideia genial de Mauro: esse sujeito é muito inteligente, é só prestar atenção direitinho que achamos o sentido, nem sempre óbvio, de suas iniciativas e tiradas. E disparei: Mauro é um sujeito de Inteligência Complexa. O que se seguiu foi uma enorme gargalhada de LF, seguida da afirmação: Macêdo essa é a melhor definição que já vi de Mauro. Naquele instante, percebi que tinha que pensar também, e direitinho, se quisesse entender, não somente Mauro, mas também LF. Porque ele teria gostado tanto da definida complexidade dirigida ao amigo? Percebi então que, antes de mim, ele próprio, o LF, havia percebido tudo que eu achava estava descobrindo ou começando a entender sobre Mauro. Foi uma chave para que eu também começasse a observar o famoso LF, esse tão falado amigo-irmão-orientador-inspirador de Mauro, discurso repetido a exaustão que chegava até a incomodar, com pontinhas de ciúmes por parte dos amigos carentes (por exemplo, eu mesmo).

Conhecer LF foi também uma atividade complexa, colega dos comitês do SBRC, logo vi que tratava-se de um pesquisador rigoroso em seus métodos e julgamento, não tinha meias palavras ao emitir uma crítica ou um elogio. Às vezes divergíamos em questões política-acadêmicas, mas sem nunca se perder o respeito e a admiração mútua. Como diretor da SBC tive o prazer de conduzir e intermediar um trabalho de escolha dos cinco “Distinguished Speakers” do Brazil para a ACM (talvez a mais importante associação científica da Computação), no qual LF foi um dos escolhidos (por seus pares). Fiquei contente, embora tal ação não acrescentasse em nada, nada mesmo, para a carreira super reconhecida de LF.

Estranhamente, em nosso último encontro durante o congresso da SBC em Recife (2015) dois acontecimentos me chamaram atenção. O primeiro foi a forma com que ele

se dirigiu a mim, batendo em meu ombro depois do novo presidente da SBC nos ter mencionado em seu discurso de posse. Achei que o gesto dele vinha com um quê de melancolia e solidariedade, o que me deixou refletindo na época, pois a visão de LF me importava sempre. Em um segundo momento, eu estava numa daquelas discussões político-acadêmicas com outros colegas que ocupavam papel em agências de fomento federal, quando LF se aproximou e começou a me ajudar nas argumentações. Finalmente estávamos bastante alinhados – foi um conforto contar com tal apoio. Fiquei contente, mas também melancólico, estranhamente.

Bom, mas o LF mesmo que conheci veio pelas mãos do grande Mauro, principalmente em nossos encontros nas Escolas de Rede pelo Interior do Ceará, nas quais éramos convocados a servir com muita alegria. Na verdade, eu me sentia premiado ao ser convocado. Foram momentos inesquecíveis em que pudemos nos conhecer e nos aproximar. Então pude conhecer o lado mais humano, solidário e de ativista social de LF, que fazia tudo sempre com muita modéstia e discrição.

Finalmente, e mais uma vez, sou colocado diante dessa tarefa complexa de falar de LF e de Mauro e somente assim começo também a compreender que não se pode conhecer um deles sem também conhecer o outro.

Mauro, muitíssimo grato por mais um honroso convite.

11.

PARA SABER QUEM NÓS SOMOS!

Ah, o tempo! Passa tão rápido quanto mais reclamamos. Se vivêssemos 200 anos, também acharíamos pouco. Mas tudo depende como lidamos com esse tempo; que nos passa!

Parece ontem a primeira vez que fui chamado de “Senhor”: quarentão nos anos da Lambada, vinha no meu Maverick cor de sangue quando uma garota no Romeu Martins (Gigantão da Itaoca) me pede carona e diz: o “Senhor” vai pro centro? Uma década depois, um jovem me oferece seu lugar sentado em um ônibus, em Paris (o “bourgeois” da Aldeota é provinciano demais para usar ônibus). Mais uma década, vejo-me apressado numa fila do Bradesco, ali pertinho do Romcy. Para não “perder” meu tempo, chuto os bagos da vaidade e mudo rápido para a fila rápida dos “mais de 60”!

Ah, o tempo nos passa! Mas tudo depende como lidamos com esse tempo; que nos passa! Perdi recentemente meu melhor amigo (Amizade sem fim, **O POVO** em 06/out/15). Uma dor imensa resulta em uma dúvida imensa, que só uma dor imensa é capaz. Dúvida recorrente que nos invade sempre que um querido parte: e agora? E não abuse da minha inteligência (sempre achei isso piegas) me dizendo que tudo desaparece brutalmente; amizades, sonhos, atos... Abusa-me também a clássica comédia do “Céu, Inferno e Paraíso” do brega Dante Alighieri.

Ah, o tempo nos passa sem respostas certas! Minha única certeza reside na magia da prática diária desse meu melhor amigo, prática intensa que tento transmitir aos alunos: melhorar o que surge ao redor! “*Que homem é um homem que não torna o mundo melhor?*” (do filme *Kingdom of Heaven*). Pois é na percepção da dádiva da vida, a cada dia, quando o sol nos amanhece, a possibilidade de ser digno desta dádiva; *rien de plus!*

Ah, enquanto o tempo nos passa, que tal... “*Fazer uma lista de grandes amigos/ Quem você mais via há dez anos atrás?*” (Oswaldo). Cai bem, em seguida, uma dose de Oscar Wilde: “... *Tenho amigos para saber quem eu sou*”.

É preciso entender o tempo agora, a todo momento, e não guardar o tempo para mais tarde. Também é preciso saber o que fazer do tempo que nos resta se nos interessa saber quem somos nós!

(Artigo publicado no jornal **O POVO** em 03 de novembro de 2015)

12. DEMÓCRITO PARA REITOR

“... ninguém é mais do que ninguém! Nada é mais bonito que a vida! Mas uma vida em que se defende a liberdade. É possível esparramar a vida pelo universo. Mas para isso temos que começar a pensar como espécie, não só como país”!

Na reunião semanal com os meus bolsistas do CNPq/FUNCAP decidi mostrar-lhes o vídeo com o discurso acima do Mojica, ex-presidente do Uruguai. Djavan, meu bolsista mais holístico, notou minha Hering do lado avesso. Era o mote para dizer-lhes que “o mundo está às avessas”.

Fazia tempo, não ouvia mensagens tão densas em tão poucas palavras. O vídeo chegava-me ao tempo de uma foto com a criança de Hiroshima, uma criança africana e Aylan, o pequeno sírio que abalou, recentemente, a todos nós, terráqueos pulsantes. Junto, os dizeres “Nós não aprendemos”!

“A generosidade é o melhor negócio para a humanidade. Faça da sua vida a aventura de não apenas sonhar em um mundo melhor, mas de lutar por ele, gastar a vida lutando por ele... temos, de corpo e alma, que servir e viver com os valores da maioria...”

Mojica discursou na UFRJ, trazendo vida aos estudantes. Uma escola é a cara do seu diretor, de seus professores, de seus servidores, de seus acontecimentos. E se o diretor, o professor e o servidor só acontecem em si próprios, seus estudantes jamais acontecerão quando o mundo ao seu redor estiver às avessas. A universidade foi criada para estar à frente da sociedade, “esparramar a vida pelo universo” e não para adestrar profissionais do próprio eu.

Ao ver o pequeno Aylan estendido na praia, lembrei-me da campanha d’O POVO “Somos Todos Humanos”; projeto que tem o DNA e a cor de Demócrito Dummar. Tive a sorte de ter sido parceiro em vários projetos desse Quixote de ideias largas e humanas, com “alma de poeta, audácia de visionário, radicalmente humano”, como disse Fabio Campos, em 2008.

“Gastar a vida por um mundo melhor”! Cada momento é de criação. A possibilidade que se nos apresenta. É a dica para se dirigir um condomínio, um sindicato, um país ou algo mais desafiador: uma universidade!

(Artigo publicado no jornal O POVO em 8 de setembro de 2015)

13.

COMO SE FOSSE POSSÍVEL ACONTECER

Pai, acorda, hoje é manhã de domingo! ... Sonhei com você pegando na minha mão, me levando ao colégio ... Ah! Como eu gostava de caminhar com você. Meu super-herói não era o Capitão Marvel, nem o Fantasma, nem o Jerônimo Herói do Sertão. Era você, meu velho!

Toda vez que você pegava na minha mão eu me sentia pleno, mesmo sem saber o que isso significava. Ah! Queria ser o Tim no filme “Questão de Tempo” e voltar ao passado só para pegar de novo na sua mão... e dar todos os abraços que não fiz. Passear com você nos pedalinhos da Cidade das Crianças, dar pipocas aos macacos, ver os tigres de Bengala. Já na Praça do Ferreira, assistir Oscarito e Grande Otelo no Majestic, brincar de subir na escada rolante da Lobrás, ler o Zé Carioca na banca do Bodinho. Depois, no caldo de cana na Leão do Sul, ouvir me dizer (repetidas vezes) para ter cuidado com o caroço da azeitona no pastel, ri de você contando as mesmas piadas.

Dizem que um dia a gente esquece tudo. Posso até esquecer paixões a quem jurei amor eterno, meus amigos infinitos, os carrinhos de madeira que você me deu no natal... “Ah! podem voar mundos, morrer astros” mas nunca vou lhe esquecer, meu pai!

Queria ter aprendido mais sua gramática, observado mais sua estética, decodificado mais sua sabedoria. Ai, me lembro tanto que dá uma dor danada de dor. A meninada à noite na casa de farinha esperando uma luzinha que vinha e desaparecia entre coqueiros. Era uma correria desenfreada alpendre abaixo: “lá vem ele!” Mais uma luzinha que vinha e se perdia, e com ela a esperança de você chegar mais cedo. Uma luzinha trazendo sobretudo um cheiro, cheiro de suor, suor do peito, da camisa, camisa empoeirada da estrada carroçal, um cheiro gostoso de bom. O seu cheiro, meu velho!

Quero, neste domingo, lhe dizer que estou em graça por tudo que fizemos, por tudo que sorrímos juntos!

Quero brindar com você meu pai, neste domingo de festa, o que ainda não fiz, o que ainda vai sorrir, porque você se fez meu herói!

Quero apenas ... sonhar com você pegando na minha mão, me levando ao colégio ... como se fosse possível de novo acontecer!

(Artigo publicado no jornal O POVO em 11 de agosto de 2015)

14.

A VIDA POR UM FIO

Já tive algumas chateações na vida: carro arrombado, multa no fotosensor de 40 km/h escondido no viaduto do Cocó, etc. Mas essa que me aconteceu na última sexta foi de lascar o cano, ou melhor, a lâmina. Estacionei meu “Corcel 2 azul calcinha” na ladeira do Dragão do Mar do genial Fausto Nilo. Fiz aquela inspeção visual neurótica da rua, obrigatória para quem ousa sair de casa em Fortaleza: vi apenas um jovem magrelo ao lado, mais fraco do que a selecinha do Dunga. Caminhei tranquilo, assim, como quem (ainda) não entrou no cheque especial.

“A vida por um fio” começa agora e tem somente cinco segundos: no primeiro, outro jovem, um maguila mais forte do que a seleção do Barça, me derruba por trás mais feroz que político atrás de voto. No outro segundo, a dupla Maguila & Magrela me rebola no mato, digo, na coxia afundando o asfalto com a minha cara (pense no exagero), deixando minha marca na cidade... como fazem os artistas nas ruas Hollywood. No terceiro, o inofensivo magrelo salta sobre o meu cangote Azzaro com uma trêmula Tramontina de 10 polegadas (25,4 cm). Só então você percebe que algo errado está acontecendo e que a sua situação está mais fora de controle do que o governo (da Grécia). No quarto segundo, a lâmina decisa dança embriagada sob uma voz indecisa: “Professor, passe o celular” (Professor ?). O quinto e último segundo é imperdível (até porque não dá pra escapar): a lâmina, resplandecendo o luar, é imobilizada no ar pela “reza forte” de Dona Gelita, 95 anos nos couros protegendo o rebento.

No sexto segundo, pensei na minha neta Laís e a promessa de todo sábado vermos o sol do Mucuripe fugir, lá longe, onde o navio cai; nos mágicos momentos com meus alunos; nos amigos queridos e suas mesmas piadas.

Pensei nos magrelos e maguilas da rua sendo dizimados pelo crack: na incompetência de governos e lideranças; na impotência de professores e gestores; na indiferença dos lisos e bilionários que só conhecem a Aldeota, o Pinto Martins e Miami.

Depois pensei no louco Cunha e cupinchas que, em se aproveitando de uma sociedade amedrontada pela violência, querem encarcerar jovens pobres desassistidos pelo poder público.

Pensei em todos nós que temos feito pouco por estes jovens sem educação. Jovens do nosso País, de nossa responsabilidade. Jovens de uma vida frágil e efêmera... por um fio!

(Artigo publicado no jornal O POVO, em 14 de julho de 2015)

15.

O PEDRO E O MENDIGO... (E A FIFA)

Chico Anísio, a propósito do provincianismo nosso de cada dia, teria dito em uma entrevista: “pro cabra daqui ser considerado, só depois de famoso lá pras bandas do sul”. Pedro Salgueiro é um contraexemplo. Autor de Fortaleza Voadora, Espantalho, Dos Valores do Inimigo (adotado na UFC), dentre outras obras e crônicas, Pedro é “o cara” das brenhas do Tamboril.

Articulista de marca maior do “jornal das multidões”, Pedro não é de suvinar criatividade. Recentemente, ele descreveu o cronista (O Povo, 30/5/15) como “aquele gato vagamundo que perambula pelos quintais... falsamente displicente, estudadamente arrogante; ... diz tudo o que o fiel leitor (esse canalha exigente) quer ouvir... Um quase escritor fantasma! ”.

Quando você lê o Pedro, parece que já o conhece de outras vidas. Sua inquietação com o cotidiano veio-me à pele ao ver um sax tocando numa esquina do Rio. Enquanto o grandão do sax agradecia a grana farta que eu lhe dava, eu sacava meu pandeiro aceitando o convite que ele “não” me fizera. Ao lado, uma “deusa negra” embriagava com sua voz o sábado de sol em Ipanema sem hora marcada para acabar. Éramos, agora, um trio (risos)...e selfie à vontade, direito assegurado a todo beradeiro na cidade maravilhosa!

De repente surge uma mendiga. Ela olha para a negra e diz, cintilante: “queria ter moedas para te dar, voz divina”. De supetão, apostando pra ver, ofereci 5 “mil réis” à mendiga. Ela pega a nota e, sem contemplá-la (talvez para resisti-la), deposita-a no chapéu pidão da diva; levanta o nariz e sai glamorosamente desfilando pela direita (a esquerda anda muito obscura), tal uma pantera cor de Bundchen.

Com entusiasmo, comentei com minhas Carolinas, amigos, alunos e agora com você fiel leitor, “canalha exigente” (risos), esse flagrante digno das Rolleiflex do Sebastião Salgado e do Doisneau. Com seu gesto, a mendiga se fez maior do que a própria deusa, a quem ela fizera as honras da rua. Só os anjos são capazes de nos tocar: saí de lá desejando dar abraços mais demorados e silenciosos nos amigos de sempre.

A crônica de Pedro Salgueiro me fez escrever esta crônica. Um Pedro genuinamente cearense, todo Salgueiro! Um cronista de quem as palavras têm medo e não o contrário... como os maus políticos.

(Ah, e a FIFA? Humm... O que Jose Maria Marin, ex-presidente da CBF preso pelo FBI, teria feito no lugar da mendiga? Talvez “sua” medalha embolsada, flagrada pela Band, saiba responder! Mas, deixa pra lá! Como diz o Pedro, o cronista é falsamente displicente).

(Artigo publicado no jornal O POVO, em 09/Jun/15 – Versão COMPLETA)

16.

UMA BREVE HISTÓRIA DO (SEU) TEMPO!

Stephen Hawking, autor de “Uma breve história do tempo”, é, talvez, o maior físico da atualidade. Hawking ocupou na Universidade de Cambridge a cátedra, pense, de Isaac Newton. “É o fraco”, diria Dona Mocinha, nossa eterna rainha da Praia de Iracema.

Pensei no tempo, provavelmente, devido a três breves histórias que me aconteceram, recentemente. Na primeira, um aluno, meio a uma aula sobre Internet, “desafiou” meu instinto de educador dizendo: sinto-me infeliz porque ao morrer não tenho como aproveitar tudo que tenho (?), o que fiz (??) e o que farei (???)

A segunda história aconteceu na ginástica. Um coroa com cara de Pantoprazol (40mg) me sacaneou: tentando também chegar aos 80, né? Enquanto balançava os alteres como um malabarista em aplauso e um sorriso de Citrato de Sildenafil (a maior invenção depois do transistor), ele teve uma recaída e disse: mas pra quê se a velhice é uma M...?

Depois foi na Guarderia, o point mais Teka da cidade! Tava lá consolando uma amiga semi-deprê, Absolut à mão (500ml), xingando o sol que abandonava a cumplicidade com o dia: o maridão (agora ex) a tinha largado por uma velha (30 mais jovem que ela), chata que só (rica pra C...).

Tentei analisar as histórias no estilo cosmético do Paulo Coelho de Compostela. Sem sucesso, fui buscar alento na dialética tempo-espacial do pensador contemporâneo Francisco Everardo Oliveira, o Tiririca: “Muitas vezes eu tentei fugir de mim mesmo, mas aonde eu ia, eu tava”. Desistindo de Paulos e Tiriricas apelei pra holística da disciplina Psicologia de Botequim II do Prof Airton Monte no Clube do Bode (fora do script da Aldeia Idiota), cátedra ocupada hoje pelo BLJ (Bonito Lindo e Joiado) Falção.

Lembrei-me do meu diretor da Escola Técnica, Raimundo Cesar, e de nossas conversas sobre os jovens e a inexorabilidade do tempo. Então, ao aluno angustiado pensei dizer que tão sábio quanto Hawking é aquele que devora em semanas livros feitos em anos, que encontra tempo para se melhorar e melhorar o outro, porque esta é a sua natureza.

Mas sábio mesmo é aquele que se percebe ao acordar (mesmo nas segundas), agradece ao seu Deus (quem quer que seja ele) a dádiva da vida e tenta ser digno dela. Mais “Fernando” ainda é aquele que olha pra breve história do (seu) tempo e sente que “tudo valeu a pena” porque sua vida não se fez pequena!

Vou dizer ao aluno na próxima aula de Internet. Dá tempo!

(Artigo publicado no jornal O POVO em 19 de janeiro de 2015)

17. O PILOTO SUMIU! E A UNIVERSIDADE TAMBÉM...

“Muitas vezes tentei fugir de mim. Mas aonde eu ia, eu tava!”. Esta marmota kafkiana do Deputado Tiririca, com o humor dialético da Itapipoca, nos faz refletir (após tirulipas gargalhadas) sobre a universidade brasileira. Afinal, o palhaço Tiririca é coerente em seus objetivos e, por vezes, surpreendente nas atitudes de deputado: votou contra a Terceirização, à revelia dos chamados “achacadores” (torpedaço que chacoalhou a Câmara).

Coerência em objetivos e surpreendência em atitudes parecem não estar na ordem do dia no desiluminismo por que passam as universidades no Brasil. Os destinos do país continuam reféns dos (maus) políticos quando deveriam pertencer aos seus cidadãos. A universidade deveria ser um dos guardiões, senão o melhor, desta pertença. Para tanto, a universidade teria que ser vanguarda. Uma universidade que não está à frente da sociedade não serve a ela, nem pra ela.

Universidade não é só conhecimento e diplomas que beneficiam seus portadores. O verbo universitar significa também chacoalhar o gigante em seu berço esplêndido, antes que ele seja achacado (vixe, pegou!). Não é à toa que a Academia fundada por Platão, trocentos anos a.C., é contestada como universidade por priorizar a difusão de conhecimentos ao invés do debate.

É uma pena ver nossos jovens alheios ao debate nacional. A ausência da universidade nas discussões e manifestações no país é um exemplo do seu distanciamento da sociedade. Uma universidade calada, a serviço do indivíduo e não do cidadão, é tão irracional quanto velhos bilionários que, embora saibam que um dia vão-se os dedos sem anéis, continuam fazendo tudo pelo seu magote, nenhum legado à sociedade.

Mas nem sempre foi assim. É preciso que meus alunos de hoje saibam (vou lhes dar uma cópia porque essa cyber geração não lê jornal) que a universidade teve seus dias de apetite pelas coisas e causas da sociedade. Bons tempo de DCE e seus movimentos estudantis, quando havia um sonho de “Esquerda” (o que é isso mesmo) sobre um mundo selvagem: a “universidade fazia a hora, não esperava acontecer”. Tempos do Pasquim, Vandré, Frei Tito e outros “nojentos” pro regime civil-militar. Não fossem eles e a universidade excitada, a barbárie teria demorado mais.

Neste momento de turbulência é preciso que a Universidade (em maiúsculo) Brasileira, que já se importou mais com a sociedade, se quera à frente dela para, assim, melhor servi-la. Quem sabe o piloto da nave Brasília apareça!

(Artigo publicado no jornal O POVO em 21 de abril de 2015)

18. FIM DE TARDE EM HAVANA

Ceguei numa manhã de sábado. O sol caliente no aeroporto José Martí acolhia o bienvenido Constellation da Panair, um Lockheed bimotor. Eu chegava na ilha para um rendez-vous com Ernest, la generación perdida. Tinha sido apresentado a ele por um certo De La Rosa, empresário da dupla sertaneja Niva & Balta (de Guaraciaba), no concerto “Uma Parte” do extraordinário Nonato Luiz na BARCA (Bodega de Artes Raimundo de Chiquinha de Aracati).

Fiquei “mei capiongo” em não encontrar Ernest no saguão, aquela barba Agua Velva, chapéu de palha de Itaiçaba e camisa Goiabeira de linho (com nervura). Liguei para o seu Motorola TA (Tijolão Analógico) mas a zoada era medonha em uma mesa ao lado. Ah! Pois era ele próprio e seu time de futsal: a inseparável Martha, Scott Fitzgerald, Salvador Dali, Wood Allen e mil mojitos à mão. Como quem “precisa de uma mulher a cada livro”, Ernest gargalhava com o Demócrito (técnico do time) sobre o “Meia Noite em Sobral”, produzido pelos irmãos Berg - Spielberg & Rosenberg (Cariri).

Para lavar o peritônio encharcado de mojitos, Ernest ofereceu-me uma caipirinha no quinto andar do hotel Ambos Mundos. Ao criticar a cama de solteiro do Don Juan, ele desconversou apontando o Pulitzer na parede, tinindo mais do que o Nobel de 1954. Quando fofoquei que o camarada Castro “estava de boa” com o companheiro Obama, Ernest riu e emendou: qual deles, o Minervino ou o Helano Castro? (risos). Ernest era do tipo que perdia um livro mas não perdia uma piada!

Em raro momento de distensão intelectual, falei-lhe da decepção da turma do camarada Giovanni, praia do Arpão, com a louca sina de alguns de seus compañeros brasileños “barca furada”. Além dos escândalos sem fim, incomoda o grude cerol (vídeo picado + araldite) pelo poder a qualquer custo e a nova retórica, pior do que o soneto: ruim com eles pior com os outros! ... “Neca de Pitibiriba”!

Afinal, minhas Carolinas não foram à Avenida da Universidade (época em que elas ainda pediam a benção) apenas por um País menos ruim. O País que foi às ruas pelas Diretas, deu a vez aos compañeros, estava atordoado novamente. Milhões de vozes nas ruas perguntando “Por quem os sinos dobram”. A decência política era a promessa do sonho de outono!

Ernest levantou-se de sua cadeira de balanço no terraço. Deu lentas baforadas no Cohiba legítimo que lhe fora presenteado pelo seu xará de Sierra Maestra, enquanto observava o vermelho do sol da Habana Vieja mergulhando lentamente no mar do Caribe ... qual um sonho esquecido de outono.

Obstinado como Santiago em o “Velho e o Mar”, ele que amou o que lhe era belo, que viveu mui intensamente sem temer a vida (ni la propia muerte), olhou pra mim, e aí ...

E aí o danado do Patek-Philippe despertou-me, roubando Ernest. Mas deixando-me um fim de tarde único em Havana.

Dedicado ao meu querido Myrson Lima ... que me fez gosto pela escrita.

(Artigo publicado, em versão reduzida, no jornal O POVO, em 17/03/2015)

19.

FAUSTO E OS DRAGÕES

Sempre que vejo o poeta e músico Fausto Nilo nos becos bacanas de Iracema tenho o faniquito do encontro com um ídolo. Foi assim com o Chico Buarque numa fila do BB,

com Luiz Gonzaga num avião da Transbrasil, com o Caetano na UFRJ. Só me recomponho segundos depois quando lembro, pra sorte minha, que o Fausto me conhece.

Invejo o meu amigo Ricardo Liebmann que mora no mesmo prédio deste gênio sem plumas, capaz de rir da famosa piada do Augusto Ponte no Bar do Anísio: “tenho uma notícia boa e outra nem tanto; a boa é que o Fausto tá chegando e a outra é que ele vai cantar!”.

E precisa lá cantar quem tem o faro talentoso do Chico, Gonzaga e Caê: “Pra libertar meu coração ... Eu quero o novo balancê ... Vem meu amor feito louca que a vida tá pouca e eu quero muito mais!” No artigo “Fausto Bloco do Prazer” (O POVO em 05/abr/11), dei de inventar uma ficção amorosa com Dorothy L’amour: “era miragem, fantasia de um mundo blues...”

Já que o Fausto vai ser festejado este ano no Dragão do Mar, fiquei a imaginar sua poeticidade de São Jorge guerreiro cutucando outro dragão, um Dragão que cospe tecnologia, no palavreado do secretário Inácio Arruda no dia da posse. Este Dragão Digital teria cinco bases estratégicas: o projeto Cinturão Digital da ETICE (3000 km de fibra ótica espalhadas no estado), o programa e-Jovem da SEDUC (profissionalização de jovens), os laboratórios de TICs das universidades e institutos de pesquisa (Instituto Atlântico, GREaT, LDS, LESC, etc.), os empresários do setor (IVIA, Secrel, Fotosensores, Lanlink, etc.) e o mercado “offshore outsourcing” que, segundo a BRASCOMM, superou U\$200 bilhões em 2013.

Contra o destino não há argumento: neste sábado encontrei o Governador no elevador do prédio do Fausto. Sugerí ao sempre cordial Camilo dar uma espiada no Porto Digital, esse vale do silício pernambucano que nos tem provocado: em 2010, o Porto Digital faturou R\$ 1bilhão e quer atingir, até 2020, 10% do PIB estadual.

Quem sabe a ousadia da turma boa do Silvio Meira, cientista-chefe do CESAR (Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife), bem ali, lá acolá onde o “Beberibe e o Capibaribe se juntam pra formar o oceano Atlântico”, nos motive a fazer do nosso Dragão Digital “Algo Melhor do que a Refinaria” (O POVO em 07/jul/2008).

É só pagar pra ver este Dragão cuspir bytes!

(Artigo publicado no jornal O POVO em 10 de fevereiro de 2015)

20. O SERTÃO VAI VIRAR BYTES!

“A vida é uma caixinha de surpresas”! É engraçado como as histórias de nossas vidas são construídas. Acasos ao acaso, oportunidades percebidas, pessoas que encontramos no meio do caminho e sem as quais nossa história seria outra etc. Somos, afinal, resultado de nossas decisões. E “como será o amanhã... responda quem souber”!

No “feliz ano novo”, pensei na história de ex-alunos ilustres que encontrei no “adeus ano velho”. Liduino Pitombeira foi eletrotécnico da COELCE nos anos 80. Quase mordido por um cachorro quando inspecionava uma residência, Liduino é hoje professor da UFRJ e um premiado compositor internacional. Claudio Lenz, aluno e professor da antiga Escola Técnica (nome mais bonito que esta instituição já teve), é hoje chefe do Depto de Física Nuclear da UFRJ e foi considerado pela VEJA um dos 50 brasileiros mais impactantes em 2011.

Ainda da extensa lista de meus ex-alunos mais famosos que o mestre, encontrei Inácio Arruda na reinauguração do Cine São Luiz. Lembrei-me do dia em que Inácio, eu e o Gilmar Ribeiro, Prof do IFCE, pensamos em criar uma empresa de eletricidade. Mas “a vida é uma caixinha de surpresas”! O presidente da Associação dos moradores do Dias Macedo tornar-se-ia deputado e senador. Eis que agora este mesmo Inácio tem o desafio da Ciência e Tecnologia (C&T) de nosso estado. O que esperar dele?

Tenho certeza de que esse soldado da república nos surpreenderá como ele próprio foi surpreendido pela sua história, construída no tempo de um país mais elitizado, que ele ajudou a democratizar.

Inácio tem competência e experiência para perceber oportunidades, e não está aí por acaso.

São vários os mantras: interiorizar a C&T, Banda Larga para Todos, Mais Doutores (PhDs nas empresas), protagonizar jovens da periferia, dialogar com a universidade, ... e por aí vai.

Há de se implantar o Dragão Digital, o “dragão que cospe bytes” (O POVO, em 23/04/13), uma versão descentralizada do extraordinário Porto Digital pernambucano.

Fosse Antonio Conselheiro um bolsista da Funcap, enviaria um email de Quixeramobim, via Cinturão Digital: O sertão de Inácio vai virar bytes!

(Artigo publicado no jornal O POVO em 20 de janeiro de 2015)



PARTE 05

ARTIGOS SOBRE ESCOLA (2014)

Prefácio: Thais Batista

- 21. Somente para avós**
- 22. Le colonel est encore là**
- 23. Senhor Governador**
- 24. O perigo é ter medo**
- 25. Lais e a astronave**
- 26. Os pobres e o corredor da FIFA**
- 27. Sai do “mei” que eu quero ver**
- 28. Tou morrendo**
- 29. A última lição**
- 30. Para que servem os doutores**
- 31. Cuca Neles**
- 32. A Escola no tempo do Facebook**
- 33. A Escola no tempo do Google**

“A 300m da pirâmide eu me ajoelhei, peguei um punhado de areia e o deixei cair lentamente. E disse para mim mesmo: modifiquei o Saara! O ato foi insignificante mas precisei de toda uma vida para dizer estas palavras”
(Jorge Luis Borges, Museu do Amanhã – Rio de Janeiro).

PARTE 05

PREFÁCIO



Thais Batista

Escrever esse prefácio exatamente 1 ano após a partida no nosso querido mestre Luiz Fernando é mais uma oportunidade de reverenciá-lo e um desafio de conter lágrimas e acalmar o coração.

Quando cheguei para cursar o Mestrado na PUC-Rio, em 1991, e conheci aquele que viria a ser meu orientador, Professor Luiz Fernando, ele perguntou de onde eu era. Ao responder que era Paraibana, ele disse: “Logo percebi o sotaque do Nordeste que tanto gosto. Tenho um grande amigo que é do Ceará, o Prof. Mauro Oliveira, da Escola Técnica Federal do Ceará.” A partir desse momento, e nos vários memoráveis anos de convivência com Luiz Fernando no laboratório Telemídia, o nome do Prof. Mauro sempre surgia nos momentos de descontração, quando LF contava as histórias da vida. Realmente eram amigos-irmãos, como poucos têm o privilégio de encontrar na vida. Para aqueles que não tiveram a oportunidade de conviver com eles e presenciar os inúmeros momentos de brincadeiras e alegrias que eles proporcionavam aos presentes, cada artigo desse livro mostra a essência dessa grande amizade e a bela gratidão que o Prof. Mauro Oliveira sempre teve para com seu ex-orientador.

A partida súbita de Luiz Fernando foi devastadora para todos nós, que somos privilegiados por fazer parte da sua família Telemídia. Ele partiu sem dizer adeus, encantou-se, perpetuou-se na nossa memória, e deixou um vazio no mundo. Desde então, encontrar o Prof. Mauro Oliveira é sentir a presença de Luiz Fernando, é recordar os tantos momentos alegres protagonizados pelos dois, é lembrar do sorriso largo de Luiz Fernando divertindo-se com as engraçadas invenções do grande amigo.

Parabéns, Prof. Mauro Oliveira, por esse livro, por todas as suas brilhantes realizações e por saber ser um fiel amigo que valorizou, em vida, o seu amigo-irmão-mestre e, agora, perpetua o seu legado e dá uma lição do que é uma amizade genuína. Parabéns por ser uma pessoa iluminada que teve o privilégio de ser o melhor amigo de LF. Essa grande amizade transcende a existência na terra, é eterna!

21. SOMENTE PARA AVÓS!

Ah! Somente avós entendem. São tantas as bobagens a contar, tantas as lambanças com os netos, tantos olhares atônitos a celebrar o milagre da vida, a desacelerar “minha alma que tem pressa!”.

Parece idiota ficar olhando o mesmo retrato mal batido, o sorriso saltimbanco perdido no imaginário, fitando não sei o quê não sei aonde. Parece idiota mas não é. É coisa de avô!

Guardo recortes de jornal. Descobri hoje que os guardei para um dia contar a vida para Laís, já com três meses entre terráqueos. Lerei Lewis Carroll pra “minha Alice”, evitarei histórias de Trancoso (pra não assustá-la), cantarei baixinho “Agora eu era Herói”, lerei muito pra ela, só pra nós... até me faltar a voz!

Nesse Outubro Rosa desembestei a gravar mais pra Laís. Bastou clicar no biloto da Rolleiflex de meu pai e ... 4-3-2-1: o presente que ia ser passado, agora é futuro:

Gravei Socorro Acioli na BARCA (Bodega de Artes Raimundo de Chiquinha do Aracati), antes de lançar “Cabeça de Santo” em Londres. Gravei Claudia Leitão, exuberante no seu “Cultura em Movimento”. Gravei Baltazar Neto de Guaraciaba autografando “A Camponesa”, de Fonseca Lobo. Gravei Nonato Luiz em rara cantoria do poema Uma Parte.

Não esqueci Plinio Bortolotti (O POVO, 30/11/14) execrando o editorial separatista d’O Globo. Deletei os debates pelo poder a qualquer preço, as discussões fundamentalistas irresponsáveis. Bati o martelo e virei a ponta para as promessas de educação de qualidade para todos.

Regravei lembranças de meu pai “chegando na sua rural, trazendo sobretudo um cheiro, cheiro de suor, suor do peito, da camisa empoeirada da estrada carroçável, um cheiro gostoso de bom”.

Ao final, ao gravar o sorriso de Laís, vi o Brasil de Freire, sonhado em 1926: “mais tropical, mais fraternal, mais brasileiro”! Senti que tinha gravado o sorriso de um Brasil que não se corrompe. O Brasil de nossos netos.

Ah! Somente avós entendem. Eu avisei!

(Artigo publicado no jornal O POVO em 18/nov/2014)

22.

LE COLONEL EST ENCORE LÀ!

Tenho um amigo piadista que sempre fala bem da França. Ele só faz uma ressalva: “no dia em que eles descobrirem o Leite de Rosas...”, e desembesta a rir. Certa feita, peguei-o lendo o Pasquim na pracinha da universidade de Paris: “prometi pra mamãe que um dia estudaria na Sorbonne”.

À parte o cearense que perde o país mas não perde a piada, este amigo conta dos colegas franceses que quebravam o pau disputado ideias, fumavam numa quenga com opiniões diversas, mas, ao final, as diferenças ficavam reservadas às ideias e opiniões, não às pessoas.

“Espèce de rien” (Arre-égua em francês), diz o meu amigo se reportando a falta desta prática pelas bandas de cá. Crítica construtiva, mesmo parcimoniosa, está fora do Aurélio de bolso, mesmo nos “rendez-vous” intelectuais. Agnóstico na política e religião (futebol é tolerável) não é permitido na vila desposada do sol.

Pra lascar de vez a boca do balão, é de enrubescer uma cidade campeã de concentração de renda, com seus carros importados saindo pelo ladrão (ops!); motoristas que não respeitam faixas de ônibus, lugar do deficiente, passagem de pedestres; passageiros que jogam lixo pela janela.

Nosso provincianismo vai além; se confunde com nosso individualismo. São poucos os que devolvem à sociedade o que dela receberam, seja em trabalhos voluntários ou doações. Nossos ricos nunca doaram nada à universidade. Viajam aos EUA e não aprendem: este ano um ex-aluno doou US\$ 350 milhões à Harvard. Será que nossos bolsistas (CNPq, CAPES, PROUNI, etc.) retornarão um dia à sociedade o benefício público recebido? Certo que não.

“É natal e tamo nem aí, nenão?”. E enquanto damos milho aos pombos, mais uma vez no réveillon toneladas de comida serão “reboladas no mato na vila dos ricos”. São duas nações no mesmo país!

“Interesse, tudo é interesse”! Poderia estar no Eclesiastes, se houvesse uma versão tupiniquim. Nossa educação ainda é “cada um por si”, nossa cultura ainda é “levar vantagem em tudo”, nossa política ainda é “aos amigos tudo, aos inimigos a lei”. Um filme do tempo dos coronéis.

Sáímos dos coronéis, mas parece que o coronelismo (ainda) não saiu da gente.

(Artigo publicado no jornal O POVO em 02/12/2014)

23.

SENHOR GOVERNADOR ...

Fortaleza, 01 de janeiro de 2015.

“Ao tempo em que o cumprimento” (puxa-saco burocrático), parablenzo Vossa Exce-lência pela vitória, apesar dos momentos “descartáveis” em sua campanha e na de seu concorrente. O que dizer a meus alunos? Que na política é assim mesmo... e pronto?

“Sendo o Senhor um estadista” (puxa-saco garantindo seu lugar) terá como desafio cui-dar de um povo bom e hospitaleiro... que ainda “negocia” o voto (dinheiro, amizade, interesse), lidar com os políticos que vão migrar feito “Aves de Arribação de Ipuçaba”, suportar uma elite provinciana de muitas colunas sociais e poucas livrarias, educar nos-sos “teens” que não leem mais! Só Zap Zap ...

“Tomo a liberdade de alertá-lo” (valha, o puxa-saco se arriscando) sobre um tema es-sencial para o Ceará, ausente em sua propaganda eleitoral e na de seu adversário: Ciên-cia, Tecnologia e Inovação (CT&I).

“Peço Vênia” (puxa-saco com Mobral completo) à V. Exa. Reza a lenda que o Governador Mario Covas teria dito ao secretariado: “Tirando a FAPESP (Fundação de Amparo à Pes-quisa de São Paulo), onde vocês querem reduzir o orçamento?”!

“Sugiro à Vossa Eminência” (puxa-saco devoto do Padim) assegurar à FUNCAP (a nos-sa FAPESP) os 2% da arrecadação tributária, fixados na nossa Constituição. Sem grana para CT&I vamos continuar sendo o quintal tecnológico do país, importador de prego Cabral e exportador de “meninos do ITA”.

“Sendo o senhor um profundo conhecedor” (puxa-saco apelando) de Tecnologia da In-formação (TI), sabe o prejuízo que nos traz a falta de um parque tecnológico nesta área. O Porto Digital, no Recife Antigo, emprega mais de 7000 pessoas, possui mais de 230 empresas, produz cerca de R\$ 1 bilhão/ano. É um projeto de Estado que resiste a qual-quer governo de plantão.

Então, Senhor Governador, na sua gestão a CT&I “vai ser pra valer” (puxa-saco chutando o balde) ou esta carta será reeditada em 01 de janeiro de 2019?

Atenciosamente

Mauro Oliveira

(Artigo publicado no jornal O POVO, em 21 de outubro de 2014)

24.

O PERIGO É TER MEDO!

Foi uma noite memorável na BARCA - Bodega de Artes Raimundo de Chiquinha do Aracati. Ela fica em um sobrado no “Boulevard Adolfo Caminha”, mais conhecido como Rua Grande. A beleza desta rua é tanta que outorguei-lhe o nome deste escritor da terra, um revoltado contra a hipocrisia provinciana de seu estado. Antes de dormir, costumo sentar-me na varanda da BARCA e escutar o silêncio da madrugada a correr o tempo, prazerosamente, qual a catraca da Caloi que meu pai me presenteara.

Neste 6 de setembro, o Clube de Leitura d’O POVO instalou-se no “meu Boulevard” para ouvir Pedro Salgueiro, autor de “Fortaleza Voadora”, “Inimigos”... Apresentado pela elegância singular de Inês Pinheiro, escoltada por Regina Ribeiro e Raimundo Netto, fomos hipnotizados pela poética de Pedro Salgueiro.

Na BARCA, Pedro revelou-se. “Poderia viver sem escrever, jamais sem ler” disse-nos sem a vaidade de quem teve livros no vestibular da UFC, nem a pieguice de intelectuais corcundas de pesadas auréolas.

O Clube de Leitura de Regina Ribeiro nos eleva a alma, nos transporta além do cotidiano. Nos leva daqui como espumas ao vento! Como se estivéssemos num bom sonho, na cumplicidade com a formiga Z em Antz e o seu final feliz.

De repente, a vida arremete: Fabio Campos (A verdade que se lixe) e Andre Haguette (A aposta em Marina) neste domingo (O POVO, em 14/09/14) despem a fratura exposta de outro sonho, um que infelizmente acabou: “Ameaçados de perder o poder o PT deixa o campo das ideias e parte para a calúnia, mentira e falsificação”, disse Haguette.

Quem acreditou na “esperança que vencida o medo”, envolvendo filhos e alunos neste sonho que não se curvava à maquiavelice dos fins justificando meios, sabe o quanto tudo isso é doloroso.

Sobra-nos pegar a estrada e procurar abrigo na perigosa vila Papaconha do sertão Kariano de Pedro Salgueiro e enfrentar sem medo, novamente, os “Inimigos”.

Afinal, o perigo é ter medo!

(Artigo publicado no jornal O POVO em 16 de setembro de 2014)

25. LAÍS E A ASTRONAVE

Hoje, 16 de agosto de 2024. Laís completa 10 anos e temos muito a comemorar.

Afinal, o Brasil sagrou-se hexa campeão no World Cup realizado em Gaza, palco do último conflito Israel e o Hamas, em 2014. A FIF-ONU, entidade que substituiu a FIFA após os escândalos das negociatas, inovou no jogo de abertura Iraque e Ucrânia com vítimas da guerra: o exoesqueleto do Prof Nicolelis, primeiro prêmio Nobel brasileiro (ausente devido a compromissos assumidos em Marte), deu um “show de bola”.

2024 é um ano abençoado. Acabo de ler n'O POVO que foi derrubada a lei que me proibiria trabalhar após os 70 anos, um duro golpe pra quem adora dar aulas.

Estou aguardando Laís em seu lugar favorito, o planetário Rubem de Azevedo, no Dragão do Mar. Na ala holística, mais uma invenção do seu presidente, Prof Dermerval Carneiro, o holograma do Carl Sagan adivinha a sua pergunta sobre o cosmos e “responde na bucha”.

Laís tá pra chegar no VLI (Veículo Leve sobre Imãs), integrado ao metrô mais moderno do Nordeste e ao trem bala da RFFEC (Rede Ferroviária Federal Eduardo Campos). Ela vai descer na estação do Poço da Draga, o novo point dos jovens na cidade no qual alunos do IFCE mantêm um showroom que orienta moradores na prevenção contra todo tipo de droga. O novo hit lá é o DDD (Dane-se a Droga na Draga).

Vou colocar Laís na cacunda para ela ver melhor o ensaio do nosso carnaval de rua que agora compete com o de Olinda. Vou levá-la também pra ver os comícios. Isso sem precisar me preocupar em afastá-la dos candidatas: desde 2019 é proibido o uso de crianças em campanha eleitorais.

Oba! E lá vem ela pedalando seu Jet-bike com GPS inteligente, que não deixa a criança perder o “rumo da venta”, desenvolvida no doutorado em computação do IFCE pela equipe do Prof Wendell Rodrigues. Vixe Maria; né qu' ela vem sozinha! Pois bem, Fortaleza é a primeira cidade do Brasil e a oitava do mundo em segurança pública.

Laís está com a farda do IFCE de Ensino Fundamental e Médio (IFCE-EFM), escola existente em todos os bairros do país na qual alunos praticam cidadania na disciplina Projeto Social. Violão (Prof Nonato), dança (Profa Lourdinha Macena) e Ética (Prof Vanilson Portela) são também obrigatórias. O resultado, estampado nos jornais e nos outdoors da cidade, não poderia ser outro: alunos campeões no ITA (Innovation To Aid).

A sapeca já chega me abraçando profunda e rapidamente, segundos que duram dias.

E vai logo contando a primeira fofoca: Carolina, sua mãe, está pensativa porque está sendo desativado o Hospital da UNIMED, na qual ela trabalha, devido a pouca procura em consequência da eficiência do SUS, consolidado como o maior sistema público mundial de saúde. Desconfio que Laís, quando crescer, será enfermeira ou médica. Vive remedando o pai, Dr João, explicando a seus alunos da UFC como o Ebola, o HIV e o câncer foram vencidos.

Passeando no aquário, aprendemos com as tartarugas que a vida não tem pressa... “Vou te levar no parque, Laís, pra dar pipoca aos macacos/ Vamos fugir enquanto os terráqueos dormem/ Vamos ao país de OZ ver o Mágico e os espantalhos falantes/ Voar até a Terra do Nunca, onde Peter Pan nos aguarda/Vou te fazer Alice no meu país, Laís”.

Final de tarde, pegamos o teleférico gratuito Parajana que percorre toda a orla de fortaleza, desde o CUCA Barra do Ceará, no qual Laís faz ginástica olímpica, até o CUCA do Caça e Pesca. O CUCA, um exemplo de política de Estado reconhecida pela UNICEF, tem resistido ao entra e sai de governos, a exemplo do CNPq e CAPES.

Como sempre acontece, tudo termina na casa de Dona Gelita. Flagramos a trisavó dando uma entrevista para a Amanpour da CNN, explicando o segredo de seus 104 anos nos couros: “são os telefonemas dos amigos do meu Ontoin que me mantêm assim, minha filha”.

Quando vê a Laís, Dona Gelita dá uma rabissaca na repórter e corre para pegar O POVO de 19/8/2014, guardado especialmente para o niver da bisneta. Faz um aviãozinho com o jornal “daqueles de antigamente” e, com a autoridade de quem nunca vendeu o voto... nem por amizade, empina o nariz escorrendo, limpa a canjica nos beiços, pensa no que “seu fi Ontoin” inventou de inventar, e diz pra todos ouvirem com o sorriso maroto que a acompanha desde que voltou a enxergar: esta é a “astronave que tentamos pilotar”.

Agora é com você, Laís!

(Artigo publicado no jornal O POVO em 19 de agosto de 2014)

26.

OS POBRES E O CORREDOR DA FIFA

Desculpem-me, pobres, mas faço parte da turma do outro lado. Não pego ônibus para ir ao trabalho, ando em restaurantes que vocês jamais frequentarão, viajo para lugares que vocês só veem na TV. Sou daquela turma de “gente bonita” que desfila no corredor em direção ao show da FIFA no Castelão enquanto vocês se disputam para vender três “água” por dez... e ainda são chamados de oportunistas e desonestos, por nós, os “honestos” do corredor.

Quando os vi do corredor, grunhindo duas “água” por cinco, senti-me o Dr Smith em Perdidos no Espaço: em outro mundo... tipo coluna social ao lado da vida real nas das manchetes dos jornais. Foram 200 mil pessoas assassinadas no Brasil entre 2008 e 2011, uma guerra de dar inveja aos Bushs no Iraque. Assassinatos que acontecem do seu lado, do lado de lá do corredor, do lado de vocês, pobres, protegidos que somos por policiais (pobres) na “Marcha da (nossa) Família com Deus, pela (nossa) Liberdade” de ver o show no padrão FIFA.

Ah! Os nossos filhos não serão melhores do que nós. Não estão sendo educados para isso. Estão cada vez mais individualistas, pensando em ser o melhor do Ata, do Eta, do ITA ... Eles só conhecem a Aldeota, o Pinto Martins e Miami. Só mesmo o “padrão FIFA” para fazê-los caminhar na periferia, feito Sidartas assustados que só conheciam “gente bonita” em sua vida asséptica. Uma “gente bonita” que não quer você por perto, que muda de “point” quando ele se torna popular.

Vocês são iguais a nós, os não pobres, na morte... senão em tempo de eleição. Mas, desesperar jamais, Pedro Pedreiro! Afinal, nossos políticos estão fazendo alianças decentes para as próximas eleições, pensando em você que continua esperando... “esperando a sorte, esperando a morte, esperando o sol, esperando um filho pra esperar também”.

E se um dia, Seu Pedro, se você se tornar “gente bonita” e esquecer dos seus ao marchar em “nossos” corredores, não chame de oportunista e desonesto quem, para não voltar pra casa sedento, vende uma “zagua” por qualquer preço... como você, como nós.

(Artigo publicado no jornal O POVO em 15 de julho de 2014)

27.

SAI DO “MÊI” QUE EU QUERO VER!

1963: Tarde inesquecível! Gildo cabeceia aos 47 min do segundo tempo no PV, fazendo o Ceará tricampeão com Aluísio; William e Alexandre; Mauro, Benício e Espanhol; Carlito, Gildo, Dedé e Marcos. Passadas cinco décadas, esses ídolos ainda são “show de bola” em nossa recordação sempre juvenil.

1967: Noite inesquecível! Na cacunda do meu querido Zé Mauro, me arrepio na quadra do Céu (UFC) no Benfica. Plácido, Fernandinho, Cacá, Luciano Frota e Zé Milton, sob a batuta de Aécio de Borba, nos tornavam campeões brasileiros de Futsal.

Atire a primeira bola quem, do tempo dos “rabos de burro” (cabra namoradorzin das donzelas) do Cine Art (uma demolição a mais nesta cidade sem memória), não tem em seu lobo occipital (o popular quengo póstero-inferior) dias inesquecíveis do esporte de Charles Miller!

Enquanto arte, o futebol nos excita à flor da pele, viagriza a felicidade, molda tenros poderes e nos torna (90 min) todos iguais. Enquanto magia, nos tira do anonimato cotidantesco e nos legitima na crítica áspera à escalação chula, no gol maradonamente falseado, no “adjetivo” recorrente à senhora que pariu o juiz. Enquanto prazer, o futebol tem o DNA do carnaval, a adrenalina sedutora com menos radicais livres da Mangueira na Sapucaí. É a pátria de chuteiras metamorfoseada num delirius tremulus de Nelson Rodrigues, Botafogo doente;

1980: Tinha prometido à Dona Gelita que um dia a levaria para ver o Papa e para assistir uma Copa. A primeira promessa não se deu bem em Roma, como ela anunciara (chique que só) na repartição, mas no Castelão, João Paulo II morto de lindo! Quanto a segunda promessa, não é que a Copa também vem à Fortaleza “sem lei”. E vem com o gosto da torcida misturada do “Ferrim de aço”, encangada na “carroça desembestada Tricolor”, gritando “aí é Vovozão, meu fi”!

E se ainda tivesse entre vocês terráqueos, Paulino Rocha, o “Pato Rouco”, o maior do rádio esportivo, decretaria: “Torcida amiga, carinhosamente... vai ter Copa!”

2014: No impecável artigo “Orgulho de ser Brasileiro” (O POVO, 02/jun), vale repetir Deusmar Queiroz da Pague Menos: “A hora boa do protesto é no dia 5 de outubro, quando formos escolher nossos representantes, exercendo o democrático direito do voto”;

Dia 12/jun/14: Manhã inesquecível! Dona Gelita, 94 anos nos couros, acorda e diz com seu sorriso maroto: “Ô o mêi que eu quero é ver o Pelé jogar”. E é Gooooool...!

(Artigo publicado no jornal O POVO em 10 de junho de 2014)

28. TOU MORRENDO ...

Mas quem não tá? Por que fui pensar nisso, logo agora que está tudo bem: eu adorando dar aulas; nadando 2.000.000 mm no mar de Canoa; ex-mulheres falando bem de mim; amigos cada vez mais indispensáveis?

Pensar nesta única certeza da vida remete, às vezes, a William Blake (em “A Mosca”) e ao nosso Belchior: “amar e mudar as coisas me interessa muito mais”. Coisas como a cidade, o meio ambiente, poder, dinheiro, mulher...

Cidade: para que serve uma cidade cheia de carros? Cidade é para se passear de mãos dadas, sentar num banco (e ler o Getúlio do Lira Neto), ver muita gente. Por que não “arrodar” a praça Portugal e a Dom Luiz com um espaço farto para pedestres? Danem-se as “railux” de Fortaleza!

Meio ambiente: para que serve um parque do Cocó tão verde só para os corajosos? Quero parques para me deitar no chão, ensinar minha neta Laís a andar de bicicleta, fazer pique nique (farofa à vontade), como no Central Park em NY ou no Ibirapuera em SP. Danem-se os “cocologistas”!

Poder: para que serve ter o poder e perder a ética (e o travesseiro à noite)? Coisa feia essa de juízes venderem habeas corpus para soltar bandido nos finais de semana (O POVO, 06/04/14) no Ceará. Danem-se os “tarados pelo poder... e por R\$150 mil”!

Dinheiro: para que serve entrar na Forbes e não entrar para a história da cidade? Melhor legado do que uma praça nos cafundós da Aguanambi é uma boa universidade na Washington Soares. Esquecem os milionários que, ao “baterem as botas”, dinheiro na mão dos bruguelos é vendaval; separa mais do que une: uma guerra no Parque da Paz! (By the way, doações para universidades dos EUA bateram recorde de U\$34 bilhões em 2013). Ah! Dane-se essa turma com uma “ruma de grana” guardada!

Mulher: “armaria”!

Na verdade, estou morrendo é de rir! Mas para “amar e mudar as coisas” é preciso falar delas... e contradizer o poeta do Mucuripe: “minha alucinação é suportar o dia-a-dia, meu delírio é a experiência com coisas reais”.

Porque viver é bom demais!

(Artigo publicado no jornal O POVO, em 20 de maio de 2013)

29.

A ÚLTIMA LIÇÃO

Lembro bem aquele olhar soberbo chegando à nossa sala no curso de Eng. Elétrica na UFC. Numa arrogância, onde misturava sabedoria e serenidade, ele parecia fitar o encontro de paralelas ao léu, enquanto nos falava desta vida saltimbancos, meio a circuitos eletrônicos vadios.

Cedo descobriríamos que aquele vozeirão de capitão de time camuflava um coração de estudante. Apelidado pelo Helano Castro (seu ex-aluno, criador do computador de bordo do primeiro satélite brasileiro) de Mr Milmann, alusão ao livro adotado em inglês, nosso treinador nos dizia: “a eletrônica entra pelos dedos”, pratiquem-na. Esta foi, talvez, nossa primeira lição.

O recém-criado curso recebia, então, um decano de marca maior, um pesquisador passado na casca do alho, um senhor professor com experiência pra dar, vender ou emprestar se isso ajudasse o aluno!

Por estas e outras, Mr Millmann, era presença desejável em nossos encontros anuais da nossa turma de 1982. E sempre inventava uma lorota. Na última, ao ser trazido pelo Pedro Urbano (que Millmann considerava o melhor engenheiro eletricista do Ceará), ele se fez de cego na entrada da festa, alegrando a todos com sua brincadeira.

Sempre que possível, nos o sequestrávamos para os sábados na praia, organizados pelo Giovane Barroso (segundo Millmann, o melhor filho da PUC-Rio). De lá só saímos quando a Roberta nos ameaçava: devolvam meu pai senão eu ligo pra mãe de vocês!

Mr Milman foi daqueles professores que partiram sem nossa autorização. Professores que gostam de ensinar, de se dar ao aluno, como Neiva e Jesamar, professores que deviam ter demorado mais tempo conosco ...

Toda vez que eu o encontrava, ele comentava pra todo mundo ao redor sobre minha proeza numa questão de prova tipo Dez ou Zero! Ele contava com tanto orgulho meu “êxito” que eu nunca tive coragem de dizê-lo que aquela questão era a única que eu tinha estudado à véspera da prova.

Ele nos surpreendia sempre. Em meu aniversário no Pirata Bar, li a poesia que fiz para meu pai (Uma Luzinha entre Coqueiros). Ele aproximou-se e, carinhosamente, me disse: seu danado, você me fez chorar!

Neste final de 2013, Helano, Pedro, Giovanni e eu o visitamos em sua casa. Estávamos um pouco tensos: como o olhar soberbo, vozeirão de capitão de time, descangotado em soros e remédios a aliviavam dores teimosas, receberia seus “atletas”? Quando nos viu, fez piada com a própria aparência, o que seria cômico, não fosse trágico o final (na semana passada). E desembestou a falar-nos mil ideias e projetos com o Pedro Urbano (seu ex-aluno preferido dele), com o mesmo entusiasmo da primeira lição.

Pois bem! Com a mesma arrogância, misturando sabedoria e serenidade, fitando o encontro de paralelas ao léu, assimilamos por completo mais esta grande lição: viver honrosa e intensamente cada minuto nesta vida saltimbancos!

Foi essa a última lição do nosso Prof Roberto Oscar Brasil. Valeu Professor!

(Artigo publicado no jornal O POVO em 31 de março de 2014)

30. PARA QUE SERVEM OS DOUTORES?

Alguns doutorados não servem pra nada, diria um black bloc pró-Vladimir (o Putin!). Afinal, um doutor que nunca orientou estudantes, nunca produziu inovação e nem melhorou o planeta azul, apenas locupletou-se (armaria!) com um, antes seleta, PhD, adicionando uma grana a mais no “holerite” (é o novo!) no final do mês.

Isso não nos diria respeito, enquanto reles mantenedores da “viúva”, se os doutorados que só servem aos “menestréis de si próprios” não tivessem a mão visível e generosa desta “viúva”, como satiriza Elio Gaspari ao referir-se a recursos emanados “do povo, para o povo e pelo povo”. Gattysburg neles, Lincoln!

No entanto, doutorados “retornam ao povo” quando refazem conceitos e espaços, criam oportunidades e destinos, desencadeiam sonhos e ambições. O mesmo Gaspari chamaria de doutores de Marca Maior (M2), fosse ele um cara das Antigas, como o Demetri d’O POVO, o mais premiado do Nordeste.

Em tempos de Copa 2014 (Argentina vice-campeã), vem-me, de supetão e “ad referendum”, escalar a seleção E=MC2 (Eméritos de Marca Maior da Ciência do Ceará), desconhecida nesta vila de Iracema de muita fé e pouca cultura: Martins Filho (técnico do time), num 4-3-3, com Afrânio Craveiro (Química), Diatahy Menezes (Letras), Expedito Parente (Biodiesel) e José Nunes (Biotec); Júlio da Ponte (Agrotec), Josué Mendes (Física) e Lucas Barbosa (Math); Manassés Fonteles (este salva vidas, eu vi!), Odorico Moraes (Fármaco), Tarcísio Pequeno (Filo-Bytes), Zélia Rouquayrol (Health)... São doutores, dentre muitos outros aqui não citados, “que fazem a hora, não esperam acontecer”.

Um excelente “meio-de-campo” na área de informática, que orienta estudantes, produz inovação e melhora o planeta são meus ex-alunos: Rossana Andrade (UFC), Antônio Serra (IFCE), e Helano Castro (UFC). Eles dão guarida a centenas de jovens, em dezenas de projetos captados alhures, que geram tecnologia e renda. Poderiam ser milhares de jovens envolvidos em centenas de projetos se tivéssemos uma política pública ambiciosa neste sentido, como o sonhado Dragão Digital, um “Dragão que cospe bytes” (O POVO, 23/04/13).

Vale a pena conhecer os laboratórios GREAT da Rossana (www.great.ufc.br), LDS (www.lids.ifce.edu.br) do Serra e LESC do Helano (www.lesc.ufc.br) e sentir orgulho da tecnologia “made in Ceará”.

(Artigo publicado no jornal O POVO, em 18 de março de 2014)

31.

CUCA NELES!

“Sou o professor de informática de vocês, podem me chamar de Mauro e, pelo amor de Deus, resistam a usar droga pela primeira vez!”. Bom, exageros à parte, não é bem assim que começo meu primeiro dia de aula, mas bem que deveria.

Neste abençoado 2014, ano em que a Argentina será vice-campeã da Copa, completo 40 anos lidando com jovens: Pirambu digital, o projeto e-Jovem, a Escola 24 Horas, etc. Mas nenhuma destas experiências tem me tocado mais do que o convívio com alguns jovens “derrotados pela droga” (é duro, mas é verdade). Quando pergunto que sugestões dariam a outro jovem, a resposta é uma só: evitar “usar a primeira vez”!

Acho meio idiota, “espèce de con” (diria Serge Gansbourg), o abestado que, irresponsável e gratuitamente, relativiza o primeiro contato do jovem com a droga. Estes caras-pálidas esquecem que nem todos reagem da mesma forma à droga, e que a “primeira vez” tem sido, para alguns, a porta de entrada de um caminho sem volta.

Neste contexto, tenho dúvidas se práticas adotadas por outras sociedades servem para o Brasil, 8º lugar entre os países com maior número de analfabetos adultos (UNESCO): 13 milhões (PNAD – 2012). Bom (re)lembrar: o que é bom para os EUA não, necessariamente, é bom para o Brasil. Até tu Obama? O meu ex-ídolo teria declarado, gratuitamente, seus “baseados” de outrora (“se o presidente já fumou por que eu não fumo?”).

Mas o que fazer, então, diante desse tsunami que “astravanca o pgressio” do nosso jovem? Seguem quatro palpites:

- 1) Aos pais: todo cuidado é pouco. Criem “coragem” e conversem com seu filho.
- 2) Ao jovem: deixe de ser teimoso e acredite nos “coroas”! Afinal são seus únicos definitivos amigos. Nem dinheiro nem poder desmantela!
- 3) Ao professor: o aluno confia em você, cara! Trate do assunto em sala de aula e se disponibilize a conversas individuais. Nem todo aluno tem “pai”!
- 4) Aos políticos: Educação tempo integral para a moçada e mais CUCAs (Centro Urbano de Cultura e Arte) nos bairros!

Nota 10 para o CUCA da Barra do Ceará. Na contramão do provincianismo político tupiniquim, a prefeitura manteve um excelente projeto da gestão anterior (inclusive o nome) e está inaugurando mais CUCAs. Todo bairro merece um CUCA!

Jovem ocupado é jovem sadio. CUCA neles, Prefeito!

(Artigo publicado no jornal O POVO, em 18 de fevereiro de 2014)

32. A ESCOLA NO TEMPO DO FACEBOOK... E DO “ROLEZINHO”

E a ponte inacabada do Aracati na BR-304, termina quando? (pergunte ao DNIT). É legal e legítimo “inocentar” prefeitos com contas irregulares? (pergunte ao Tribunal de Contas). Quantos quilos de comida foram pro ralo no réveillon? (pergunte a você mesmo). Pena que o debate sobre flagrantes da vida real tenha desaparecido da universidade, cuja missão é uma sociedade melhor.

No ensaio “A Escola no Tempo do Google”, publicado no O POVO, em 04/01/14, defendemos uma escola interativa na qual o aluno é um agente crítico na busca dialética do conhecimento, assumindo responsabilidades na construção da sociedade. O jovem precisa perceber na prática a importância “do outro”, sem o qual a vida não tem sentido.

Neste modelo o “professor já era” se ele for um repetidor de informações, à moda papagaio. Em tempos de Google e Wikipedia, o aluno não veio à escola para ouvir informação, mas para discuti-la, questioná-la, entendê-la. Ele veio para transformar informação em conhecimento. Afinal, a informação enquanto poder “sectário” (pergunte ao Papa Obama) tornou-se, em tempos de Facebook, também anárquica.

Portanto, o professor precisa ser um animador, orientador do jovem. Ela, a informação, antes confinada a mestres e livros, está hoje “na ponta dos dedos” do jovem com tablets, smartphones e celulares tipo P (“pebinhas”). Não há jovem que agente mais uma aula professoral (calado e obediente) do século 19, ávido que está para “datilografar” nos Facebooks e WhatsApps da vida eletrônica.

Além de interativa, a escola precisa ser excessivamente social, cidadã, capaz de envolver o jovem, tocá-lo naquilo que lhe é mais forte: sua autoestima. Trata-se de um recado que os educadores precisam aprender com as redes sociais.

São as mesmas redes sociais dos “rolezinhos” nos shoppings e parques, capazes de fazer tremer o poder dos “rolezões” nos gabinetes e nas estradas (pergunte ao DNIT).

(Artigo publicado no jornal O POVO em 21 de janeiro de 2014)

33.

A ESCOLA NO TEMPO GOOGLE



O ano de 2015 será para compensar o comprometido 2014. Afinal, em janeiro tá todo mundo na praia. Março tem carnaval e fevereiro é um mês curto (e pré-carnaval). Abril tem Semana Santa e Tiradentes. Maio é a preparação para a copa em junho. Ninguém é de ferro, então julho é pra descansar. Agosto e setembro têm horário eleitoral gratuito (e divertido) para as eleições em outubro, com um possível segundo turno em novembro. Dezembro temos que nos preparar para o ano que vai nascer, com direito ao show do RC (o da Globo e o do aterro).

E nada melhor do que começar a compensar 2014 pela educação. Que tal uma nova escola, diferente da atual, mais moderna, que aproveite melhor tanto o momento tecnológico do século 21 quanto as novas exigências dos jovens de hoje?

Para desenhar a proposta de um modelo educacional para uma nova escola em 2015, no tempo do Google, selecionamos alguns fatos e pressupostos:

1. A EDUCAÇÃO SOCIAL

Voltávamos do réveillon em Canoa no inevitável e previsto engarrafamento. Ficamos maravilhados com a tranquilidade dos motoristas no caminho de volta ao lar doce lar, ao ponto de considerarmos um fato isolado o primeiro “espertinho” que nos ultrapassou pelo

(proibido) acostamento. Quando a contagem da Luísa chegou a 183 “espertinhos” ela nos perguntou ironicamente, com razão, se o fato isolado ainda merecia esta classificação.

Tentamos convencê-la de que estes “espertinhos” são os mesmos que ocupam indevidamente a vaga do carro do deficiente, tratam o garçom como quem tange jumento, mal falam com o porteiro do prédio, acham que o grande lance da vida “é levar vantagem em tudo” (o que ficou famoso nos anos 70 como Lei de Gerson), e eteceteras (que a lista é enorme).

2. A EDUCAÇÃO CIDADÃ

Uma escola que é o reflexo da sociedade não serve a ela! Uma escola deve estar à frente da sociedade em todos os aspectos da natureza humana. Escola é para transformar a sociedade!

A escola deve ser também formadora do cidadão. Para tanto ela precisa que ser cidadã. Ela precisa ter estratégias que levem o aluno a questionar a informação que lhe chega e fazer bem suas escolhas. Em tempo de Google e celular farto à mão, informação é o que não falta.

Mais importante, uma escola cidadã deve envolver o jovem em atividade/atitude que o toque naquilo que lhe é mais forte: sua autoestima. Da mesma forma que um aluno precisa aprender na teoria e na prática fundamentos das disciplinas técnicas e prope-dêuticas para melhor exercer sua futura profissão, ele também precisa compreender na teoria e na prática a cidadania.

A velha máxima de Rousseau de que “o homem é produto do meio”, ou o ditado do Vô Reimundo de que “educação é como andar de bicicleta, tem que praticar pra aprender bem”, reforçam a importância da prática em qualquer atividade humana. Vale também pra cidadania.

A TEORIA DA CIDADANIA

Ana Miranda em seu excelente artigo “Leitura: prazer e hábito” (O POVO, 29/dez/2013) outorga com maestria de artista/escritora um dos caminhos da cidadania, o da leitura: “... a leitura, além de ser um prazer de alguns, precisa ser hábito de todos. É uma questão de sobrevivência. Para viver numa sociedade letrada, é preciso dominar a linguagem, a fala, a comunicação. Para aprender, é preciso saber ler. ... E para aprender a ler, é simples: basta ler muito e sempre. A leitura ensina a ler.”

A PRÁTICA DA CIDADANIA

A prática da cidadania é indispensável na escola que se quer cidadã. Tivemos uma experiência extraordinária em 2003. À época, instituimos o “Projeto Social” como uma disciplina curricular nas grades dos cursos de nível superior do Instituto Federal do Ceará (IFCE). Esta disciplina consistia na execução de diversos projetos sociais pelos alunos de todas as turmas do IFCE.

Ao final da disciplina, cada grupo de alunos apresentava os resultados dos projetos supervisionados pelo IFCE, mas planejados e executados por eles. Estes projetos variavam desde ações tradicionais como alfabetização de adultos, leitura para idosos, profissionalização de jovens na periferia à projetos mais originais como a BILA (uma hora de leitura dava direito a uma hora de acesso à Internet). Esta disciplina foi inspirada em um fantástico diálogo do filme Corrente do Bem (<http://www.youtube.com/watch?v=NUtlhJlgKTW>) que ocorre entre o professor (Kevin Spacey) e o aluno (Joel Osment, o mesmo garoto do filme Sexto Sentido)

BONS RESULTADOS

Mostramos este filme em todas as 54 salas do IFCE, nos 3 turnos, antes de iniciarmos o projeto, com o objetivo de sensibilizar os alunos para a filosofia do projeto: o jovem é capaz de mudar o mundo (como o diálogo do professor com o aluno propõe no filme).

Foi, sem dúvida, uma das maiores experiências pedagógicas que já vivenciamos. Lembro-me bem da emoção de todos na apresentação dos resultados, tanto dos alunos executores das atividades que eles propuseram na disciplina Projeto Social, quanto dos beneficiados com os projetos. Na verdade, o nosso aluno era o grande beneficiado nesta oficina de cidadania.

Imagine, agora, os quase 200.000 alunos de nível superior do Ceará cursando esta disciplina. Teríamos em 2015, certamente, menos lixo jogado na rua, menos “boy-zinhos” ocupando o lugar do deficiente, menos “espertinhos” ultrapassando pelo acostamento.

3. A EDUCAÇÃO INTERATIVA:

Tem aquela piada, que não é piada, da placa em um bar: “Desligue seu celular. Aqui é permitido conversar !”. Ou ainda, restaurantes oferecendo descontos para quem desligar o celular.

Pois é! O fato é que é raro vermos hoje um agrupamento social sem que seus participantes não estejam usando celular... e o mais estranho, enquanto falam entre si!!!

O que tem a ver este fenômeno comportamental com a educação de nossos jovens? Colocando de lado a discussão desta “ameaça” à socialização das pessoas, seria um erro desconhecer que o celular faz parte daquilo que um marciano com um olhar médico-pedagógico definiria como um membro constituinte da anatomia do aluno terráqueo.

É preciso, portanto, compreender que houve uma quebra flagrante de paradigma em relação a disponibilidade da informação, antes confinada aos mestres e seus livros. Ela, a informação, está hoje “nas pontas dos dedos” do jovem, ao alcance de qualquer tablet, smartphone ou até mesmo dos celulares “pebas”.

Esta quebra de paradigma tem levado alunos no tempo do Google a novas posturas comportamentais. É raro encontrar um jovem hoje que aguarde calado (e satisfeito) uma aula professoral do século 19. Aquela “carinha de anjo atento” muitas vezes abriga uma “mente perdida no espaço”, doida para dedilhar nos “Facebooks e WhatsApp” da vida eletrônica; pode ter certeza.

UMA ESCOLA INTERATIVA

Em resumo, em tempos de Google e Facebook o “professor já era” se ele for apenas um repetidor de informações. Ele precisa ser um professor diferente ... sei lá... “animador”, decidido a fazer de seus alunos seres pensante em vez de decoradores de fórmulas e cálculos que se esvaem com o tempo e não dizem a que servem (alguém lembra de uma fórmula que não seja H₂O e CO₂?).

A proposta da Escola Interativa é, portanto, fazer do jovem um ator pleno do seu processo educativo. Assim, o primeiro e único mantra da Escola Interativa seria: o aluno não veio à aula ouvir informação. Ele veio discutir a informação, questionar a informação, entender a informação.

Não é o professor que precisa ensinar, é o aluno que precisa aprender; diria, provavelmente, o nosso ilustre educador cearense Lauro de Oliveira Lima.

Compete, portanto, ao “professor animador” selecionar, sugerir temas, mas, principalmente, animar o aluno na busca dialética do conhecimento que alimente o seu sonho.

Um exemplo do “professor animador” é o nosso querido Prof. Aluísio de Castro e Silva, da antiga ETFCE. Com ele aprendemos a pensar (ciência), a criar (tecnologia), a resolver (inovação). Nos anos 70, o nosso Prof. Aluísio conhecia seus alunos pelo nome e encorajava-os em seus sonhos, característica basilar de uma escola interativa. Aprendemos mais do que eletricidade com este nosso professor que animava nossos projetos de vida. Aprendemos que poderíamos melhorar o mundo como propõe a Escola Social, Cidadã e Interativa.

AS CINCO LINGUAGENS FUNDAMENTAIS

Lembro-me bem da Escola Normal da diretora Adísia Sá, A Dama das Letras (O POVO, em 05/out/2010), e do Liceu do Diretor Boanerges Saboia. Naquele tempo o ensino médio era dividido em Normal e Científico. Dentro do ramo científico, havia tendências em se fortalecer disciplinas voltadas para as áreas de saúde, ciência exatas, da terra, etc.

O mundo da Internet e da globalização quebraram paradigmas comportamentais e profissionais criando novas exigências que devem ser observadas na formação de um jovem.

Como disse Ana Miranda, dominar linguagens é uma questão de sobrevivência. Assim, cinco linguagens nos parecem fundamentais para qualquer profissional que se pretender competitivo neste mundo capitalista e globalizado.

São as seguintes, as cinco linguagens que alicerçariam a Escola Social, Cidadã e Interativa:

- Matemática (aritmética e lógica): a lógica, presente também nas linguagens abaixo, é essencial para qualquer atividade profissional.
- Português (literatura e redação): ainda, Ana Miranda: “para viver numa sociedade letrada, é preciso dominar a linguagem, a fala, a comunicação”.
- Inglês (leitura e conversação): a globalização não deixa outra alternativa..., antes dos chineses dominarem o mundo. Sem o inglês até a própria Internet é subutilizada.
- Informática (operação e lógica): utilizar eficientemente recursos computacionais clássicos disponíveis é pré-requisito para qualquer atividade profissional.
- Música (flauta e violão): Pitágoras, que descobriu as sete notas musicais, percebeu que a música obedece leis de harmonia matemática. Música, arte, filosofia ...

A recém-criada Universidade Federal do Sul da Bahia foi mais ousada: instituiu a disciplina de programação de computadores em todos os seus cursos. O Pró-reitor de ensino, Prof Raimundo Macedo, justificou que a prática de programação leva necessariamente ao desenvolvimento do raciocínio lógico, o que é fundamental para o desempenho profissional de qualquer área.

4. EDUCAÇÃO SOCIAL, CIDADÃ e INTERATIVA

A escola precisa mudar e colocar o jovem e seu sonho cada vez mais como o cerne do processo educacional. É o que se propõe numa escola que ser social e cidadã, e que não pode deixar de ser interativa em tempos do Google.

Qualquer aluno que tenha a oportunidade de dominar as cinco linguagens acima numa Escola Social, Cidadã e Interativa (onde o “porquê” das coisas do “professor animador” substitui a “decoreba” do “professor papagaio”) terá mais oportunidades de enfrentar os desafios profissionais que, em geral, não são os mesmos estudados nos livros nem nas salas de aula.

É bizarro ver em pleno século 21, cursos de pós-graduação com metodologias que insistem em modelos arcaicos de ensino, em uma época que a informação não está mais confinada a livros. É de se colocar na ordem do dia a releitura do clássico de Humberto Eco, “O Nome da Rosa”, no qual o conhecimento era um privilégio do clero.

Esta escola Social, Cidadã e Interativa só existirá com o “professor animador”, decidido a fazer de seu aluno um ser crítico; um aluno que não veio à aula para ouvir informação, mas para discuti-la, questioná-la, entendê-la. Um aluno capaz, ele mesmo, de buscar o conhecimento.

Assim, uma Escola Social, Cidadã e Interativa deverá ter como prioridade o sonho do jovem!

O sonho do jovem é como pólvora: pode mofar, pode explodir, mas, se bem cuidado, pode ser o estopim de sua plenitude.

Afinal, “a vida é a travessia de um rio; não vale a pena atravessá-la no porão do navio”!

(Este artigo foi publicado no jornal O POVO em 04 de janeiro de 2014)





PARTE 06

ARTIGOS SOBRE ESCOLA (2013)

Prefácio: Chico Mauro

- 34. Papai Chegou**
- 35. Ao infinito e além dos políticos**
- 36. Dor de uma saudade sem fim**
- 37. Shakespeare, He-man e o Prof Pardal**
- 38. Agente de Saúde, um artista do Cine Holliude**
- 39. Aí dentro Vossa Excelência**
- 40. A Internet burra e a inteligência americana**
- 41. O espelho de Dorian Gray**
- 42. Um dragão que cospe bytes**
- 43. Ele em primeiro lugar**
- 44. No meio da crônica tinha um caminho**
- 45. “And the Oscar goes to... Dona Mocinha”**

*“O Perigo é ter Medo”
(Motorista de um taxi quando lhe indaguei se a Lapa no Rio era perigosa)*



PARTE 06

PREFÁCIO



Chico Mauro

A vida continua... O LF estará sempre em nossas vidas... E a vida continua.

Tristeza ZERO, vamos manter a chama da alegria, mesmo com o vácuo que extingue o fogo.

O Magrão na sua yoga ou dançando a ópera do malandro, está a nos esperar com um pandeiro na mão, um grito de guerra...!!! E a vida continua.

Vamos abrir esta bandeira do luto, para o nosso abre alas passar e seguir seu caminho, que é o de todos.

Escutemos o samba enredo batendo em nossos corações no ritmo da esperança e no compasso; E a vida continua.

A vida continua, o tempo não para, a saudade bate, a esperança chora, olhamos para o outro lado, qualquer que seja... Damos um até breve, um adeus pequeno e eterno... A vida continua.

Simplez como voar, amar é a saudade na perda, não controlamos apenas sentimos e se muito repassamos aos mistérios da Vida como ela é. A vida continua.

Estudar o passado e fazer o futuro é, antes de tudo, revelar problemas, hoje a vida continua.

Para quem gosta de certezas e seguranças, tenho más notícias, a vida continua.

Para quem gosta de desafios, tenho boas notícias, a vida continua.

Um mundo de questões e problemas continua sem solução, à espera de novas ideias, novas teorias, novas análises, novas cabeças e novos desafios, a vida continua.

A vida é bela, humanizar-se em cada partida de..., nos faz, meditar e praticar a fé individual, na confiança de um coletivo próspero.

A Vida é como ela é... A vida continua!

34.

ACORDA, PESSOAL.

PAPAI CHEGOOOU... !!!

Dostoievski nos diz que não há nada mais nobre, mais forte, nem mais útil do que uma boa recordação em nossa memória. Então lá se vai ...

Esta historia tem pra lá de 40 anos. Passávamos nossas férias na fazenda do tio Manezin, uma casa de alpendre lá pras bandas do Aracati. Os tempos difíceis dos anos 60 não permitiam a papai acompanhar nossas férias.

Tempos de um Brasil com medo, com a “boca escancarada esperando a morte chegar”. Brasil do “afasta de mim este cálice... e tome cale-se”! Tempos de silêncio, sim... de pais e mães acuados pelo medo do invisível. Um Brasil “observando hipócritas, disfarçados rondando ao redor... amigos sumidos assim”, torturados, morridos. Tempos de Frei Tito Alencar e do carrasco que o “enforcou” na França. Um Brasil que meus alunos e minhas Carolinas sequer imaginam. Tempos que não podemos jamais esquecer... para que o Brasil “Não chores mais”.

Sertanejo forte, antes de tudo, papai não tinha hora certa para chegar no seu Jipe. Ficávamos toda noite no alpendre aguardando ansiosos sua chegada, uma luzinha que se aproximava ... e se perdia entre coqueiros!

Ai! Me alembro tanto seu menino, que dá uma saudade lascada. A “negada” no alpendre da Casa de Farinha, esperando uma luzinha entre coqueiros! Qualquer luzinha, a “mundiça” gritava logo: “lá rem ele”! Era uma correria desenfreada alpendre abaixo. Ah! Como a gente adorava a enganação.

O tempo parou naquele de 24 de dezembro. Tio Manezin, touca na cabeça, camisolão, lamparina de querosene, berrava sem convicção: “rão dromir magote. Ele só chega menhan de menhan”!

Entre grilos e vagalumes, na minha mente só havia a luzinha, promessa de presentes, muita zoadada, galinha assada... que desapareciam entre coqueiros! Uma luzinha trazendo sobretudo um cheiro, cheiro de suor, suor da camisa, camisa empoeirada da estrada carroçal, um cheiro gostoso de bom! O cheiro de papai!

Acorda, pessoal...

(Artigo publicado no jornal O POVO em 17 de dezembro de 2013)

35.

“AO INFINITO E ALÉM”... DOS POLÍTICOS!

De repente, interrompi os dois no meio de “Toy Story” e pedi uma entrevista para o jornal. Segue parte da conversa com Francisco e Samuel, 12 anos, do jeito que eles falaram:

- “Ah, se eu pudesse fazer uma mágica, todos teriam oportunidade de ser educados. Não é possível fazer nada sem uma boa educação. Isso é um direito e nem todas as crianças tem esse direito. Acabaria o comércio e voltaria ao tempo onde tudo era de todo mundo.”

- “Se eu fosse presidente eu melhoraria a educação porque ela é a base da pirâmide ... (hummm, deleta essa pirâmide, tio) ... é a base da sociedade. Não daria dinheiro como o governo vive fazendo. Eu melhoraria a escola pública e ajudaria os pais a sustentar essas crianças.”

- “Se eu fosse dono de um jornal? Ah, eu divulgaria essas boas ideias ... e perguntaria o nome dos autores (risos).”

- “Eu desejo educar bem o meu filho para que ele se torne uma pessoa de bem!”

Buzz, o astronauta de “Toy Story”, especularia: “se as crianças pensam assim, imagine os adultos”! Mera ingenuidade de Buzz. Desconhece o amigo do cowboy Woody que os adultos esquecem rápido os sonhos de criança, principalmente quando se tornam políticos! Esquecem que o sonho do jovem é como pólvora: pode mofar, pode explodir, mas, se cuidado, pode ser o estopim de sua plenitude. Afinal, “a vida é a travessia de um rio; não vale a pena atravessá-la no porão do navio”!

É vergonhoso que a oitava economia do mundo conviva com a escola pública de ensino fundamental e médio do pobre e a escola privada do rico. Né não, deputado? Então por que você não coloca o seu filho na escola pública como propôs o senador Cristovam Buarque (ideia do cearense Atilano Moura)?

“Ah, se eu pudesse fazer uma mágica...”. Francisco e Samuel não pediram para si. Pediram oportunidade para todos. Um pedido digno do convés do navio a Netuno, à revelia do Capitão Gancho!

Uma escola que é reflexo da sociedade não serve a ela! Uma escola deve estar à frente da sociedade. Assim como Francisco Sampaio e Samuel da Ponte, 12 anos, estão à frente de nossos políticos. Mais que à frente! “Ao infinito e além”... né, Buzz?

(Artigo publicado no jornal O POVO em 19 de novembro de 2013)

36.

DOR DE UMA SAUDADE SEM FIM!

Todos podem ler este artigo, menos ela! Seus dedos veem o que os seus olhos não tocam. Sua pele denuncia o tempo, este inexorável que por vezes descuidamos. Aos 93 nos couros, sei que ela, mais cedo do que tarde, vai partir. E a partida sempre nos remete aos píncaros, tanto os da corte quanto os que o destino pariu.

Todos podem ler este artigo e até contar a ela, mas ela não compreenderá. Já compreendeu demais em seu chão de terra batida, de muita estrada carroçal, dos cafundós secos da Itaiçaba às noites mal dormidas na capital para alimentar a ninhada.

Todos podem ler, contar a ela e até tentar explicar. Ela vai sorrir e fazer uma pergunta, a mesma pergunta, e perguntar de novo. Como se o dedo de Deus a regesse! O que passa mesmo naqueles cabelos brancos do tempo? Que planeta a envolve que não deciframos? Que diria aos tolos que pensam que ela não pensa? Diria, talvez, que tolos são os que desperdiçam o tempo, não se percebem na sua loucura cotidiana; que teimam em acumular cada vez mais, e mais; tolos que tudo traem por podres poderes; tolos que não sabem que “navegar é preciso, amar não é preciso”. Tolo de branco que humilha irmãos cubanos; doutores a envergonhar uma cidade; que mal sabem que amar não é preciso, mas respeitar é!

Todos podem, menos ela. Ou não! Quando me deito em seu colo sem medo, eu colo todos os meus medos, todos os meus segredos. Ela crava-me seus dedos, gigantes ferrolhos, coça-me todos os piolhos, caça-me os desejos. Neste colo sem pecado, colo todos os meus pecados, todos os segredos. Ela criva-me de conselhos, cochilo, e ela não termina, coça todos os meus cabelos, caça-me céu acima. Invente-me mil metáforas: “o mar corre pro rio”, coça-me minhas estórias, caça-me desafios. Pergunta-me pelo seu grande amor, cumplicidade enfim, coça-me até passar sua dor, dor de uma saudade sem fim.

(Artigo publicado no jornal O POVO, em 15 de outubro de 2013)

37. SHAKESPEARE, HE-MAN E O PROFESSOR PARDAL!

Ele é o meu super-herói. É também o herói preferido do senador Inácio Arruda, do físico Claudio Lenz do CERN, do professor Valdeci de Lima do IFCE e de outros dez mil ex-alunos, seus fãs.

Embora nunca tenha frequentado um curso de didática, ele era um “Airton Senna na sala de aula”. Como Senna, além da competência no ofício ele tinha paixão pelo que fazia e a magia do carisma.

Para nós ele era, carinhosamente, o inventivo Prof. Pardal (Disney) nas aulas de eletricidade da antiga Escola Técnica Federal, tempo em que se aprendia fazendo. Com ele aprendemos a pensar (ciência), a criar (tecnologia), a resolver (inovação). Aprendemos, mais do que eletricidade, que poderíamos melhorar o mundo.

Em tempos de Google e Facebook, o “professor já era” se ele for apenas um repetidor de informações, tipo “professor papagaio”. Nos anos 70, o nosso Prof. Pardal já interagia com seus alunos, conhecia-os pelo nome, encorajava-os em seus sonhos.

Artista que é artista “tem que ir onde o povo está”. Isso vale também para o professor (e para o médico... cubanos incluídos). Professor que é professor “tem que ir onde o sonho do aluno está”, diria Hipócrates (médico) se ouvisse Milton (artista) e fosse aluno do nosso (professor) Pardal.

Nesta quinta (19/09/13), o nosso herói, criador dos cursos de Eletrotécnica e de Telecomunicações do IFCE, será homenageado na BARCA (Bodega das Artes Raimundo de Chiquinha de Aracati). A sala na qual funciona o Aracati Digital, uma extensão do Pirambu Digital, receberá o seu nome.

De Shakespeare, “nunca se deve dizer a um jovem que seu sonho é impossível; nada seria mais dramático e seria uma tragédia se ele acreditasse nisso”. Adoro também aquela do He-man (“você tem a força”): o jovem tem a força!

Mais valiosos do que as palavras de Shakespeare e de He-man são os atos de professores que marcam nossas vidas, como o Prof Aluísio de Castro e Silva, o nosso querido Prof. Pardal.

(Artigo publicado no O POVO em 17 de setembro de 2013)

38. AGENTE DE SAÚDE, UM “ASTISTA” DO CINE HOLLIÚDY

Poucas vezes me senti dentro de um filme. Uma delas em Veneza, um filme romance, naturalmente. Outra vez foi, recentemente, na favela da Rocinha a convite de uma amiga médica que trabalha no PSF do SUS-Rio. Um filme drama!

Meu coração “assulou” quando desembestei morro acima numa, até bem pouco tempo, “guerra civil”. Coloquei o “gibão” (teve tiroteio na noite anterior) e acompanhei Raquel, Agente de Saúde do posto 199 do SUS-Rio, nas ruelas dantescas da Rocinha.

Eu controlava, vergonhosamente, meu estômago desobediente que enguiava nas ruelas imundas, enquanto ela respondia com um sorriso sereno às ovações da turba: Raquel, Raquel, Raquel...

Feito a “Gata cuidando das Galinhas contra o Barão” em Saltimbancos, Raquel lembrava à Dona Marta a consulta de amanhã, reclamava do Seu Geovani o exame esquecido. “Marquei sua preventiva; passa lá”, gritava à Vera, filho a tiracolo, no alto, enquanto caminhava à casa de Seu Helano, na qual tinha visita marcada ... e cafezinho, na certa!

O contraste da favela com as mansões ao pé da Rocinha parecia uma ficção de Azimov. Difícil um ET acreditar que favela e mansão eram habitadas por semelhantes terráqueos. Lamentei minha Fortaleza, a maior concentração de renda do país com suas madames “ispilicutes” (she’s pretty cute) e a cafonice provinciana das “babás de brancos” nos restaurantes, os “boyzin” de carro importado que derrubam postes do boulevard, os alunos outdoor “adestrados para vencer a qualquer preço”, e que só conhecem Aldeota/ aeroporto/ Miami.

Ah, um dia com um Agente de Saúde! Foi um dia de Gilberto Freire: “Eu ouço as vozes ... de um outro Brasil que vem aí mais tropical mais fraternal mais brasileiro”. Um país com vozes que desmatam “Sob a Sombra” (O Povo, 14/8/13), mas que também preservam vidas, como as vozes de Raquel que continuam a ressoar na minha alma.

“Ó u mêi, macho” (Excuse me, Sir)! Entonces este Agente de Saúde que o cearense “Caba do Bem” Dr Carlile Lavor deu de inventar é um “Astista contra o Caba do Mal”, como no Cine Holliúdy (recorde de bilheteria)? Sucesso nacional! Armariiii, Suricate!

Este artigo é dedicado à médica do PSF SUS-Rio, Isa Haro Martins. Sempre que eu a vejo trabalhando, ”Eu ouço as vozes ... de um outro Brasil que vem aí mais tropical mais fraternal mais brasileiro”.

(Artigo publicado no jornal O POVO, em 20 de agosto de 2013)

39.

“AÍ DENTRO VOSSA EXCELÊNCIA!”

“Uma campanha política é a arte da fofoca, da mentira e do achaque. Como na guerra, o ser humano se despe de suas máscaras... Pessoas por mim consideradas dignas, justificam a necessidade de receber dinheiro, benesses futuras E isso atinge tanto a elite, viciada na mamata dos bens públicos, quanto os escravizados pela ignorância... Uma campanha política é a incubadora da corrupção. Nela se reatualiza o sistema onde criam-se compromissos que serão pagos ou ressarcidos com o erário. E o ciclo se eterniza viciosamente sem se saber quem veio primeiro: o corruptor ou o corrompido”.

Estas e outras “pérolas” estão documentadas no livro “4.581, Sobras de Campanha”. Repleto de citações corajosas e inteligentes, do “cabo eleitoral com idade suficiente para criar vergonha...” a Nietzsche, a obra nos remete à execrável realidade da política de amizades traídas, de princípios quebrados, da ética esquecida; tudo em nome da governabilidade do sistema, ou “sobrevivência do eu”, diria Freud de porre!

“4.581, Sobras de Campanha” é o relato de um empresário vencedor vindo dos cafundós do sertão, que um dia deu na “telha de entrar num galinheiro pastorado por raposas”. Escrito pelo cearense “Frabane”, em tempos de Joaquim Barbosa, o livro expõe verdades que todos sabem, enojam nossas consciências, coça nossa goela, mas que por descuido, indiferença ou conveniência pessoal, nos deixamos calar.

Impresso em fevereiro último, ele preconizou, de certa forma, as recentes manifestações, essa “marcha sem família e sem deus pela liberdade”, com baderneiros fodidos e com jovens nutridos dizendo basta à corrupção a partidos ausentes.

São novos tempos. É a era da Internet e das redes sociais não entendida por alguns políticos que flagrados no avião da FAB ainda zombam do contribuinte: “É, tive azar... mas eu pago”. Paga e tá resolvido, né cara-pálida? E a moral pública?

“Aí dentro Vossa Excelência”, é o grito de pré-carnaval de qualquer bebum no bloco, de mesmo nome, do Boteco Praia! Serve também para o eleitor desafogar!

(Artigo publicado no jornal O POVO, em 16 de julho de 2013)

40. A INTERNET BURRA E A INTELIGÊNCIA AMERICANA... “ARMARIA”!

Perguntei quem era o cara da informática mais importante para eles. Véspera de prova, proibi os alunos de me incluírem na resposta (risos!). Após arriscarem “os Gates e os Jobs”, resolvi dar uma dica: “Lee, Mr Lee”! Um aluno, fã do Suricate (cearense, com 650 mil acessos na Internet), desembuchou logo: deve ser bem o Bruce Lee, “né não? Armaria”!

Poucos conhecem Tim Berners Lee, o Leonardo da Vinci da Internet. Mr Lee inventou a revolucionária World Wide Web (WWW), bem ali depois de Sobral, lá acolá no CERN em Genebra, no qual trabalha o físico Cláudio Lenz, meu ex-aluno do IFCE.

A WEB é o “2001 - Odisseia no Espaço” da Internet. Nesta obra de Stanley Kubrick, criada em 1968 quando os gringos fizeram de inventar ir à lua (meu vô REImundo diz que foi invenção de Roliude), o “shuasneguer” do filme é o HAL, um supercomputador que apronta porraloquices no rumo da venta, digo, de Júpiter. São 100 bilhões de clicks por dia na WEB. Diz a NASA que, em termos de processamento lógico, em 2030 a WEB superará os terráqueos. “Armaria, Nãm”!

A despeito do surrealismo cibernético de Kubrick, a Internet do futuro não será um grande computador. Será a Big WEB, uma ruma de computadores interligados pela WEB de forma inteligente. Ela será uma espécie de buraco negro de onde nenhum bit escapará (“Zagerou, Mah”)!

A Big WEB será capaz de entender o significado das nossas frases. Se digitarmos no Google “qual o restaurante perto lá de casa com a melhor peixada da cidade?”, ele retornará milhares de links que não respondem à pergunta. Na Big WEB, teremos apenas uma resposta: A Cantina do Faustino, “nenão”?

Se com a WEB burra de hoje, os órgãos de inteligência americana já andam raparigando (sentido lusitano) a privacidade dos cidadãos, imagine a farra (sentido sacanagem) amanhã com a Big WEB. Basta conferir o impecável artigo do Plínio Bortolotti, “Espionagem por Atacado” (O POVO, 13/6/13).

Como nos Jardins de Maiakovsky, primeiro invadem nosso email, na segunda noite roubam nossa senha. Até que um dia já não podemos digitar mais nada!

(Artigo publicado no jornal O POVO em 18 de junho de 2013)

41.

O ESPELHO DE DORIAN GRAY

Para alguns, a chegada aos 50 é um desastre com data marcada. Para outros, com FCC (Felicidade Compulsiva Crônica) “nos couros”, a vida está sempre começando. O cabra com FCC sempre acorda sorrindo (acha o máximo estar vivo). O presidente da FCC-50 me passou 7 dicas:

1) “No stress”: saia de casa com, exatamente, uma ruma de moedas no carro. Experimente o relax de dar um “meréis” a cada adorável “sujador” de vidro, no sinal. O lance é não se irritar, mesmo se você perder a metade do show do Paul por causa do trânsito caótico.

2) Natação: toda manhã nade no mar (é com boia, abestado!). Desaparece a “dor no quarto”, cai o PSA, melhora o humor e até o jeito de namorar. Você esquece até que vai ser assaltado na Beira-Mar.

3) Flores: pare de discutir com a mulher. Ter razão é um detalhe quando se quer ser feliz. Compre-lhe rosas de R\$10,99 do Mercantil (é o novo!). Aproveite e compre um Leite de Rosas, um CD do Safadão e bote R\$5,00 de crédito no celular da operadora que funciona (qual é mesmo, hein?).

4) Cabelo (se você ainda tem): nada de deixar o quengo “Omo Total”. Vale de nada dizer que a cor é original (né nem banco de fusca).

5) Viagrar ou não viajar... eis a indecisão! Se o nariz tá entupido e tem um “Sorine” ao lado, fazer o quê?

6) Amigos: festeje esta dúzia que lhe considera um cara legal. Cultive-os com suas histórias. Amizade é ter história para contar! Crie sua redoma virtual onde você “é amigo do rei, tem a mulher que quer e na cama que escolhe”. Na sua pasárgada não entram fantasmas, só os amigos.

7) Domingo à tarde: seja áspero com seu espelho e, dedo em riste, ordene-lhe “no stress”, nadar feito um bombeiro, comprar flores pra ela(s), passar um Glostora no cabelo e ligar à vontade para os amigos. De repente, você tem uma FCC e “rebola no mato o Sorine”.

O importante é não descuidar da vida, do espelho nosso de cada dia. Diferente de Gray, que não sabia “arrodar” as marcas do tempo, saia por aí melhorando o mundo!

Há sempre alguém à nossa espera.

(Artigo publicado no jornal O POVO em 21 de maio de 2013)

42. UM DRAGÃO QUE COSPE BYTES!

Se você esbarrasse com o governador no show do Paul McCartney, e o Cid lhe pedisse uma sugestão para o grande salto do Ceará?

Uma ideia “quente” seria um Dragão cibernético! Algo parecido com o Porto Digital, esse complexo de Tecnologia da Informação (TI) que, em breve (2015), responderá por 10% do PIB Pernambucano e requalificou o Recife Velho: onde havia lixo agora tem 200 empresas, 7 mil empregos e 8 km de fibra ótica.

Pura sorte a política que pariu o Porto Digital? A “sorte” chama-se Cláudio Marinho, Silvio Meira e Paulo Cunha, “cientistas, poetas, excêntricos” da UFPE que convenceram o governador a embarcar neste sonho avatar. Nos anos 80, os piratas digitais Paulo e Silvio alavancaram um espetacular centro de Informática na UFPE (CIN), um dos mais importantes do Brasil. O resultado, na década de 90, foi o CESAR (Centro de Estudos Avançados do Recife), embrião do Porto Digital.

Enquanto exordiamos o “sermão aos peixes” no Mucuripe do Fagner (TI deixou de ser área prioritária no último edital da FUNCAP), lá em Boa Viagem de Alceu “La Nave Va... e Allegro”: a prefeitura do Recife decidiu construir, além do Porto Digital, outro polo de TI. E quem vai dar de mamar a esta nova Marina Eletrônica é o “cientista, poeta, excêntrico” Silvio Meira (lá no Recife santo de casa faz milagre), também zabumbeiro do bloco “Eu acho é Pouco”. Se nosso “forró Analógico” já estava a léguas deste “frevô Digital”, agora ... !

Na verdade, o projeto Dragão Digital, com sede no Cine São Luiz, existe desde o primeiro ano do governo Cid. Ele é a sinergia de outros quatro projetos, em um modelo diferente do Porto Digital: o Cinturão Digital, o e-Jovem, a Universidade do Trabalho Digital e um polo de TI. Os três primeiros já existem. Falta chamar os empresários de TI do Ceará pra conversar.

Resta cutucar, governador, este Dragão que cospe bytes, antes que nossos empresários de TI amarrem a “jangada em outro Porto”.

(Artigo publicado no jornal O POVO em 23 de abril de 2013)

43.

ELE, EM PRIMEIRO LUGAR!

E se você esbarrasse com o Prefeito na Praça do Ferreira (ali perto do Majestic da Adisia) e ele lhe pedisse uma ideia para melhorar a cidade? Qual sua resposta na “ponta da língua”?

Eu sugeriria um polo de informática, a exemplo do Porto Digital, este magnífico conglomerado de empresas de TI em Pernambuco, que mudou radicalmente o Recife Velho e que nos deixa, a nós cearenses, de “calças (bem) curtas” no setor .

Humm... Pensando melhor, tem algo mais importante e urgente para a nossa cidade. Lembrei-me das frases de um pai desesperado no artigo “Na Idade da Pedra”, que publiquei no O POVO, em 08/02/11:

... “É preciso dizer a todos os jovens que não há volta. É preciso, meu Deus, fazer alguma coisa de verdade”.

... “Mudo de religião, faço qualquer coisa pra livrar meu filho dessa tragédia”.

A Fiocruz avalia em 1 milhão os afetados pelo crack, esse “câncer urbano” que está “jogando pra escanteio” o problema da AIDS.

Portanto, uma boa ideia para o Prefeito seria um programa visivelmente audacioso, focado na socialização (lato sensu) do jovem necessitado. E a fórmula é fácil: tudo começa no trato da sua autoestima. O resto vem no vácuo.

Afinal, não faltam experiências exitosas em Fortaleza (Edisca, Pirambu Digital), no Eusébio (ITEVA), em Nova Olinda (Projeto Casa Grande), e-Jovem (SEDUC), etc., que podem ajudar na definição de uma política pública eficiente.

Jamais esquecerei a palestra de um ex-presidente do Pirambu Digital: “Sou um micro-empresário, mas poderia ser um marginal”. Uma análise desta frase, sem emoção, tem muito a nos revelar. Quais os ganhos quando se dá ao jovem a oportunidade de realizar seus sonhos?

Só sei que é preciso fazer algo sério antes que o crack acabe com muitos de nossos jovens... E urgente! É o crack a nos conduzir, ironicamente, à Idade da Pedra.

Assim, em uma frase “na ponta da língua”, eu diria ao Sr Prefeito: “Ele, o jovem, em primeiro lugar.

(Artigo publicado no jornal O POVO em 26 de março de 2013)

44.

NO MEIO DA CRÔNICA TINHA UM CAMINHO

Já se falou “um Monte” sobre ele. Ah! Faz mal não. Mas juro que não vou repetir o lenga-lenga da falta que ele nos faz, ... em especial aos sábados. Nem dizer que ele “deixa a rua deserta (a Dom Joaquim, do Flórida Bar) quando atravessa e não olha (mais) pra trás”... onde veria na calçada ensolarada da livraria Ao Livro Técnico alguns comensais do Clube do Bode: Sérgio, Mônica, Lucio, Aldifax, Ubiratan, Falção e outros.

Conhecia-o mais pelo canto superior esquerdo do Vida & Arte do que pessoalmente. Sua identidade bairrista, sempre de top-less nas crônicas, retirava-lhe o direito linguístico-constitucional de heterônimos, posto que era um fingidor, “fingia tão completamente/ que chegava a fingir que era amor/ o amor que deveras sentia”.

O talento, se não lhe cabia na goela (“intertido por direito numa loira”, estupidamente), escapava-lhe pelos dedos na fluidez de uma pena enamorada por uma cidade, que se queria bela e faceira. Certa feita, escreveu uma crônica sobre não ter assunto para escrever naquele dia. “Um Monte” de crônicas, todo dia, durante 10 anos! Sempre me impressionou essa sua vontade que não se contentava com pouco, este jeito danado de menino de Iracema “que Deus deu, que Deus dá”.

Achei-o a própria crônica, “casada e cuspada”, ao encontrá-lo pela primeira vez quando saía da saudosa “hora do pobre” do Presidente Vargas. O Vovô de Porangabussu festejava-se tri-campeão naquela tarde com um gol “volibolístico” (dizem os torcedores do Tricolor de Aço) do maior craque alvinegro de todos os tempos, Gildo (gol imitado por um tal de Maradona, anos depois). Lá estava ele, o poeta-cronista, lá acolá, na divisa entre o Reino Unido do Jardim América e o Condado da Gentilândia, sentado à mesa embaixo da árvore, entre acordes dos pássaros solidários e um sol se esvaindo, mais precisamente em frente ao Bar do Chaguinha, a melhor panelada de Fortaleza e (se pernambucana fosse) do “mundo, vasto mundo... se eu me chamasse Airton, seria “um Monte” de crônicas, não seria uma solução”.

Como os holísticos da Praça do Ferreira, versão Maia da turma que um dia vaiou o sol, afirmam que o mundo acaba agora em dezembro (mas continuam economizando pro réveillon) e que coincidência é coisa do “bode loiô”, lembro-me de ter citado Airton Monte no artigo “Ao gosto de todos” (O POVO, 14/08/12), sobre o Augusto Ponte (poeta da mesma tribo). Até então, não tinha me dado ciência de que ele, antes de nós, nesta única certeza que nos acomete a todos nós, nos “mandaria notícias do lado de lá/ diz quem fica... coisa que gosto é poder partir sem ter planos”.

“No meio da crônica tinha um caminho. Tinha um caminho no meio da crônica !”.

Já que a utopia serve pra caminhar, oxalá os Augustos e Airtons, que nós, prepotentes terráqueos de meia tigela, temos o privilégio de esbarrar em meio a nosso caminho, nos seduzam a um melhor trato com o tempo. Quantas amizades se diminuem pela vaidade do ser? Quantos momentos felizes se esvaem pela vaidade do ter? Quantos amores se perdem pelo “ter ou não ser ... eis a confusão”.

Cuidar melhor do tempo, este indelével e indisfarçável companheiro, cuidar de nossos amigos e ter sempre por perto “um Monte” deles. Foi o que nos aprendeu, diariamente, Airton Monte.

Valeu, poeta!

(Artigo publicado no jornal O POVO em 26 de fevereiro de 2013)

45.

AND THE OSCAR GOES TO ... DONA MOCINHA

Quanto mais O POVO inova, mais fica a cara de seu guardião. Tive o privilégio de conviver com Demócrito Dummar, parceiro do IFCE em vários projetos: Pirambu Digital, Escola 24h, etc. Ele era de espalhar-se num abraço amigo e decretar: “em janeiro o Rio é o melhor lugar do mundo... depois de Fortaleza”.

“Raios me partam” (e a chuva caia no sertão) se eu soubesse por que Demócrito fiascou no meu sábado de pré-carnaval, esta fantástica invenção parida nos anos 90 pelo caboclo Dilson Pinheiro, no Benfica do cabra-da- peste Airton Monte. Talvez seja porque o Pré-Carnaval é uma ideia ousada, holística e genial como Demócrito, um inventor compulsivo.

Sáimos, então, fantasiados de carioca “experto”: chapéu de R\$5 “made in China” (e haja trabalho infantil), Ray-ban “dos legítimo” (comprado na praia) e uma Hollyflex “nos peito” (estilo me rouba que eu gosto). Fomos das “Cachorras” às “PiriQUITAS da Madame”, passando pelo “Quem é de Bem Fica” e “Aí Dentro, Vossa Excelência”. Em cada canto, Demócrito outorgava o “dez, nota dez” das escolas de samba no Rio. Os foliões aprovavam cada nota com o irreverente “iiiiirri...!!!”.

Mas no bar da Dona Mocinha, a “bat-caverna” do bloco “Que Merda É Essa”, o entusiasmo era de “noivo em véspera”. Era a “felicidade geral da nação”... como se ninguém ali tivesse (ainda) sofrido assalto no sinal, não houvesse edifício invadindo o parque do Cócó e o apoio da esquerda ao Renan fosse apenas uma piada.

Dona Mocinha, retrato grudado no muro da Fábrica Fortaleza, pastorava a turba com o seu charme de porta-estandarte da União da Ilha. Fiquei imaginando-a ao lado do Demócrito e Joaozinho Trinta, lá emriba, lendo a edição de hoje: “Viu aí, Seu Dummar? Sou notícia no seu jornal!”.

O guardião sorrindo lhe diria, após Joaozinho entregar-lhe o Oscar do Pré-Carnaval: “É, Mocinha, O POVO é feito de pessoas como você, pessoas que gostam do povo feliz!”.

(Artigo publicado no jornal O POVO em 29 de janeiro de 2013)





PARTE 07

ARTIGOS SOBRE ESCOLA (2012)

Prefácio: Marcus Rodrigues

- 46. Criativa, justa e solidária**
- 47. Em nome do pai**
- 48. Em nome da mãe**
- 49. A universidade é do povo como o céu e do...**
- 50. Carta ao Supremo**
- 51. Ao gosto de todos**
- 52. As partículas de Deus**
- 53. O Kamarada e os camaradas**
- 54. Braziliam Dream**
- 55. O Pirambu Digital de Hélio**
- 56. Michelângelo para prefeito**
- 57. Uma tarde com Sócrates**
- 58. Capitão da minha alma**
- 59. Entre tablets e lousas digitais**

*“O sonho do jovem é como pólvora: pode mofar, pode explodir,
Mas, se bem cuidado, pode ser o estopim de sua realização plena!”*
(Mauro Oliveira)

PARTE 07

PREFÁCIO



Marcus Rodrigues

Há um ano o dia amanhecia diferente... Mais triste.
Em Fortaleza, o Céu parecia chorar com essa chuva leve, quase sereno.
E é mesmo uma manhã mais triste. Acordei com a notícia da perda de um grande amigo... O Prof. Luiz Fernando Gomes Soares se foi. Prof. LF!

Caramba!

Estou a um tempão tentando pensar em algo bem legal para escrever para ele, mas não consigo... Choro!

LF, junto com o Prof. Mauro Oliveira, despertaram em mim o amor pela docência. Além de professores sensacionais, são exemplos de pessoas.

LF, além de professor, foi amigo. LF e Isa (sua esposa) me adotaram quando estive no Rio. LF, além de redes de computadores e sistemas multimídia, me ensinou a ser uma pessoa melhor. E sem sombra de dúvidas, devo a ele um pedaço do que sou hoje.

Não consigo...

Vou curtir a saudade do meu amigo, e chorar mais um pouquinho...

Desculpa, LF se não consegui ser justo com essa mensagem traduzindo o que você foi pra mim. Mas tenho a certeza de ser abençoado por ter tido a honra de ter sido seu aluno, seu orientando, seu pupilo, seu amigo...

Valeu, Profe! Muito obrigado por tudo!

46. CRIATIVA, JUSTA E SOLIDÁRIA!

Dia de eleição. Motivando os alunos à extraordinária invenção greco-romana (o voto secreto), eu perguntava se já haviam votado. Um deles me respondeu: “Votei professor, já perdi o meu valor!”

Tinha já ouvido esta “conversa fiada” do cidadão achar que “perdeu o valor” após votar, mas nunca numa escola! Seria, então, a escola um reflexo da sociedade, certo?

Está errado, de “cabo a rabo”! Uma escola que é reflexo da sociedade não serve para ela, nem a ela. A escola deve ser crítica à sociedade, seu substrato ético. Ela pode até ser sua antítese, mas jamais seu reflexo!

A escola deve ser coerente, pois o aluno percebe e, o pior, assimila quando seus mestres e gestores não praticam nos corredores o que dizem na sala de aula. Tem que ser transformadora, no palavreado do indispensável Paulo Freire. Para tanto, a escola deve ser criativa, justa e solidária, como “A invenção de Hugo Cabret” (cinco Oscars).

Decidi convencer o aluno de que nas eleições daquela escola ele “não perdera o valor”, como se costuma blasfemar nos “toma-lá-dá-cá” eleitorais. Ao contrário, seu voto agregava-lhe valor ao torná-lo (e aos demais) “cúmplice” da futura gestão dos eleitos. E se uma escola pública assim não se comporta, se ela não é criativa, justa e solidária, ela deve mudar de nome. Talvez “repartição pública” lhe caia melhor.

Dia 28 último, a comunidade do IFCE escolheu Virgílio Augusto como seu primeiro reitor eleito. Filho de Cesar Araripe, primeiro diretor da antiga Escola Técnica, Virgílio foi diretor de administração em minha gestão no IFCE (CEFET, à época). Como reitor, sei que terá o mesmo compromisso com a educação cidadã. Como ex-aluno, continuará honrando a memória centenária deste Instituto predestinado a ser uma Universidade Tecnológica... criativa, justa e solidária!

E nas próximas eleições quando perguntado se já votou, o aluno certamente dirá: “Votei, já ganhei o meu valor”!

(Artigo publicado no jornal O POVO, em 04/dez/12)

47.

EM NOME DO PAI!

Preparava a aula para o curso de computação no IFCE. De repente, me aparece Francisco (com sorriso de vereador eleito). Após ele me arrodar, sorrateiro (tipo militante querendo cargo), caiu a ficha de que Francisco queria, em um minuto, confidenciar-me 18 anos. Vi-me entre o vício do professor e o carma do mestre: melhorar a aula de informática ou escutar Francisco com a energia de noivo em véspera.

O que fazer? “Paulo Freire deixou Bill Gates no chinelo”: desliguei, então, meu PC e me “pluguei” na saga de Francisco. Com a determinação de uma Raimundinha (vereador Paulo Diógenes e seu projeto com dependentes), Francisco começou nosso jogo de xadrez pelas beiradas, dizendo de um certo Joaquim, cor da sua cor, que o encorajava a tirar a poeira de planos adormecidos ao longo.

Depois, avançou peão e Cavalos no tabuleiro, com a frase do primeiro dia de aula: “Daria toda a minha tecnologia por uma tarde com Sócrates”.

Atacou com o bispo e me deu um “Xeque Pastor”: tal Steve Jobs, autor da frase acima, ele fora criado por um padrasto. E emendou: “meu pai biológico nunca pôde me ajudar, mas queria que eu tivesse uma profissão”.

Sobre a cota de 50% na universidade para a escola pública, ele guilhotinou minha pergunta com seu sorriso largo e um “Xeque Mate”: “se meu pai tivesse tido a oportunidade que estou tendo no IFCE, ele teria me ajudado”.

Lembrei-me, então, de um outdoor da prefeitura de Paris: “Nós não estamos construindo apenas mais uma escola, mas a igualdade das oportunidades”.

Roberto Cláudio, prefeito e pai, compreende bem, de berço, a “igualdade das oportunidades” de que fala seu colega de Paris. É o substrato sobre o qual Franciscos podem edificar sonhos escolhidos ... (e dar um chega-para-lá no hediondo crack que sufoca nos jovens)!

Nada mais valioso para o futuro de uma cidade do que seu jovem! Dê-lhe a oportunidade, jovem prefeito, que ele, o jovem “Francisco” da periferia, nos surpreenderá... em nome do pai!

(Artigo publicado no jornal O POVO em 06 de outubro de 2012)

48.

EM NOME DA MÃE!!!

Entreí “com todo gás” na volta às aulas em Aracati. E lá estava Raquel, soberba, filha de Carolina, aluna do curso de Hotelaria (nomes fictícios). Achei meio holístico, mãe e bebê na minha aula. Pensei, então... “Hoje é a semente do amanhã!”

De quando em vez, eu pastorava os dois com aquele olhar “de revestrés” dos terráqueos, que o computador (ainda) não consegue modelar. Como tinha dado um crachá a cada aluno com o nome, achei justo também dar um crachá para Raquel (o bebê), provocando risos ao luar. Cantei-lhe, em segredo: “Nunca se entregue, nasça sempre com as manhãs!”.

Como uma bailarina do Hugo Bianchi, Carolina (a mãe) sincronizava o balanço da “mini-ferrari” de Raquel com anotações do primeiro dia de aula. De repente, Carolina já segurava Raquel em seus maternos, ao tempo que ansiava responder a questão do dia: uma TV é um computador? Noutro relance, Raquel já saltara a braços vizinhos, num “pas-de-deux” digno de Jorge Donn no Bolero de Ravel (Balé do Século XX de Dom Helder e Maurice Béjart, Ópera, 1987).

Quando todos estavam ocupados com tarefas, não vacilei: aliviei Raquel dos braços da mãe, certo da rejeição natural ao “bruto” que a tentava ninar. Receoso em precipitar-lhe um choro tipo “chega-pra-lá”, fechei os olhos e ensaiei devolvê-la à mãe. Foi quando senti mãos miúdas, em busca, tentando-me o rosto. Abri os olhos e “Deixei a luz do sol brilhar no céu do seu olhar!”.

Ufa! Não sabia mais quem ensinava a quem! Carolina, mãe determinada, nos aprendia a ter “fé na vida, fé no homem, fé no que virá... Nós podemos mais. Vamos lá fazer o que virá” (<http://letras.mus.br/gonzaguinha/46281/>).

De súbito, fui tentado a sugerir à Carolina procurar o Juiz do caso Militão (O POVO, em 26/09/12) que legalizou uma forte escolta policial para que o sentenciado por crime hediondo frequentasse o curso de Geografia na UFC. Quem sabe, Carolina conseguiria também o direito a “escolta” de uma babá em sala de aula, mais em conta do que 11 policiais para Militão. Quem sabe se criaria jurisprudência para a situação em que se encontram milhares de mães alunas, “Carolinas heroicas” deste Brasil, vasto Brasil.

Não sei se seria legal; posto em nome da lei. Mas seria legítimo... em nome da mãe!

(Artigo publicado no jornal O POVO em 09 de setembro de 2012)

49.

A UNIVERSIDADE É DO POVO COMO O CÉU É DO ...

Exagerei no título. Deve ser resquício do tempo em que eu bandeirava na Avenida da Universidade como voluntário, esta espécie em extinção substituída por “desnutridos e mal pagos”, feitos zumbis filosóficos ostentando candidatos tão evidentes quanto “Rosebud”, em Cidadão Kane.

Mas é curiosa ou sintomática, no dizer do excelente Haguette em “Bravo Dilma” (O POVO, 09/09/12), a tenacidade com que se tem criticado o STF e a Presidenta por sancionar 50% das vagas nas universidades públicas para jovens da escola pública. O argumento é a manjada meritocracia!

Causa espécie, no dizer do excelente Barbosa (STF), que uma universidade pública servindo, historicamente, aos filhos da escola privada, nunca tenha atizado os doutos dessa “Marcha da Família (rica) com Deus pela Meritocracia”. Soube, lá pelos anos 90, que dos 120 de medicina da UFC apenas 1 era de escola pública.

Acertam Aires de Brito e sua plêiade (desconsiderem o Tóffoli) quando oportunizam uma luz no final do túnel (sem ser outro trem de lá pra cá) aos “desafortunados da sorte” (decreto 7566 que instituiu o IFCE, em 1909).

E não duvidem da capacidade de superação do jovem diante da oportunidade. Talvez os 54 jovens que criaram o Pirambu Digital, em 2005, continuariam “desafortunados”, não fosse a ousadia do IFCE em fazer sua “cota”. A elitizada e republicana (será?) meritocracia os teria impedido ao IFCE.

É fácil modelar um Brasil ideal quando se escreve a própria história. Que tal ouvirmos, também, o Airtton Barreto do EMAÚS, Dora Andrade da EDISCA, Preto Zezé e outros doutos do povo?

Melhor ainda! Pergunte a um pai do Brasil de Paulo Freire (não vale o do Maluf) se ele quer esperar a escola pública melhorar para seu filho ser “meritório” da universidade?

É o mesmo que perguntar ao namorado da minha filha, torcedor do Atlético, qual o melhor time da Via Láctea: “Ora, direis, perdeste o senso?”; Claro que o céu é do avião!

(Artigo publicado no jornal O POVO em 11 de setembro de 2012)

50. CARTA AO SUPREMO – ANO 2018

Exmo Ministro Aires de Brito.

Hoje, 04 de setembro de 2018, meu pai faria 100 anos. Ele gostava de escrever cartas. Lembro-me de uma para o “Cabra da Peste” que, “não sabendo que era impossível”, construiu Brasília. O Senhor não me conhece, assim como Juscelino não conhecia meu pai. Mas isto não consta. Certa feita, nos encontramos numa fila simples no aeroporto de Brasília. Senti-me, naquela ocasião, o ministro e o professor, terráqueos da mesma tribo. Achei bacana e lembrei-me de meu pai, um homem terno, sem arrogância, que gostava do correto e respeitava o direito do outro. Fiquei orgulhoso. E esse é o tema desta carta: um orgulho que meu pai me encomendou.

Meu pai me educou acreditando no Brasil de Gilberto Freire, sonhado em 1926: “Eu ouço as vozes, eu vejo as cores, eu sinto os passos desse Brasil que vem aí”. Ele me ensinou a rejeitar a prosaica do galalau francês quando disse não sermos um país sério (aqui pra nós, De Gaulle nunca disse isso!). Aprendi também, desde cedo, a “rebolar no mato” o carimbo ianque de país de segunda categoria, apesar do “samba do crioulo doido” que um dia foi o nosso modelo educacional, estratificado que era em escola dos ricos e a do “povão”.

Mauro Oliveira, meu pai, não deixava “sem troco” o féla “metido à besta” que falasse mal do “Brasil estrelado de Bilac”, nem o gringo no aeroporto do Cocorote, onde ele amarrava seu velho Hudson, que zombasse desse Brasil pai d’égua, “Brasil brasileiro/Aonde eu mato a minha sede/E onde a lua vem brincar”, resplendido na singeleza da piauiense Sarah Menezes à sua família, ao receber o ouro, em Londres 2012.

Ah, 2012! Foi inesquecível, Ministro! O Senhor e o seu time: Joaquim, Peluzo, Gilmar e Marco; Carmén, Celso, Luiz e Rosa; e mais outros dois com nomes (e jogadas) de “causar espécie” (copyright Joaquim Barbosa) à torcida.

O país mudou de canal para ver o jogo da sua Corte Suprema. Era o país de Pelé “abrindo alas” ao de Peluso: “... que os ministros sejam graves. Pois grave é sua responsabilidade perante a opinião pública, a nação e a história”.

Quando tudo parecia um “0x0”, a Corte “encontra-se” com o Povo que informa, porém não forma a decisão do Supremo. Este Povo passou a compreender melhor a tripartição dos poderes, princípio do ordenamento constitucional do País, que se quer republicano (termo banalizado, infelizmente, em muitos discursos).

“Show de bola”, Ministro! O povo vibrou! O Brasil mudou para melhor (além de sermos bicampeões da Copa de 2018... rrsrs). Ficamos orgulhosos em 2012. Tenho contado isso aos meus netos e alunos!

E para dizer-lhe que valeu, Ministro, “lá se vai” Bilac e Freire que meu pai me recitava e, principalmente, fazia por onde um dia chegaríamos lá: “Não verás país como este... mais tropical, mais fraternal, mais brasileiro! “.

Atenciosamente

Prof Antonio Mauro Barbosa de Oliveira

Filho de Dona Gelita e Seu Mauro Oliveira, Eletrotécnico da Escola Técnica Federal do Ceará

(Homenagem à memória de meu pai, Mauro Oliveira)

51.

AO GOSTO DE TODOS!

“Vida, vento, vela, leva-me daqui”! Você sabe de quem é esta magia que faz de Mucuripe o épico alencarino? Errou feio! Eu também.

Esta cruviana poética, dizem, é do mesmo autor de “A união só se faz à força”, ou ainda “Estou do seu lado, mas não me olhe de banda”. Mago das frases arretadas, ele transpirava nas noites do Bar do Anísio e territórios além-bar nos quais houvesse vida inteligente... ou não.

Dizer que o conhecia criava marra nos iniciantes prosaicós. Não citá-lo nas rodas denunciava falta de erudição tupiniquim. Não encontrá-lo na sexta era “rebolar no mato” uma noite de lua cheia.

Myrson Lima me apresentou. Ele me deu um suculento abraço (à moda candidato a prefeito). Ao cumprimentá-lo, evitei o “muito prazer” (seria sacaneado, na certa). Ah! Senti-me artista, tipo o psicodélico Falcão, um Ricardo Guilherme (em “Bravíssimo”), um Airtón Monte (cronista-mor desta cidade de Adísia Sá), honoráveis do Clube Del Bode do Comendador-em-chefe Sérgio Braga (todo sábado ao lado do Flórida Bar).

Ousei fazer-lhe um poema. Sorrateiro feito um “morcego”, ele revidou em miseráveis segundos, o meu esforço de horas.

Impressiona como perdura na metafísica dos contumazes de Iracema o que dele disse o incansável militante Pedro Albuquerque: “Ele fez da desobediência e da rebeldia suas virtudes mais originais. Daí extraía seu humor inteligente, humano e sarcástico”.

Hoje, 14 de “Augustus” de 2012, uma terça tímida que bem poderia ser uma sexta boêmia, estamos a “rebemorar” dois anos, alguns meses e uma porrada de dias sem Augusto Pontes. Um dia sem lógica alguma, a mesma do “Vento, Vela...que o levou daqui” sem nossa autorização.

Augusto deixou-nos Lupcínica... “Au gusto de todos”:

“Vamos acabar com essa briga, amor/... E não balance essa chave/ Vai/ Pra não falar/... Triste como um peixe afogado/ Na madrugada sonolenta.”

(Artigo publicado no jornal O POVO em 14 de agosto de 2012)

52. AS “PARTÍCULAS” DE DEUS!

“É a peça que faltava para explicar como a matéria adquire massa”. Esclarece o físico Claudio Lenz Cesar, meu ex-aluno do IFCE pesquisador do CERN, laboratório que inventou a “www” da Internet e investiu US\$ 6 bilhões para “desembeitar” o Bóson de Higgs, a chamada “partícula” de Deus”.

Agraciado pelo jornalista Luiz Sérgio como um dos “30 Cearenses mais Influentes em 2012”, Claudio Lenz considera este momento histórico: a exemplo do elétron que produziu usinas elétricas, o Bóson de Higgs poderá dar contribuições à humanidade, além de ajudar na busca por uma melhor teoria sobre o início do Universo, “The Big Bang Theory”.

Na saída da Festa dos 30 encontramos “Jão Valtin” pastorando meu jipe. Nunca tinha visto aquela frágil figura, mas arrisquei um “tudo bem?”. Conversa vai e vem, fiquei sabendo que ele faz tratamento de HIV. Disse não ter família nem amigos (Ah! Nem candidato a prefeito). Ele toma AZT diariamente, graças ao SUS (o maior programa de saúde pública do mundo). Soube pelo Valdetário Monteiro, presidente da OAB, que ele tem direito a benefícios do INSS. Mas Jão Valtin caminha “sem lenço nem documento”... nem moradia. O fantástico é que ele ainda sorri, soberbo, ao reafirmar sua saga: viver cada dia!

“Cada Dia”...hum! Fiquei a resmungar com meus “anjos e botões”: Jão Valtin vive “Cada Dia”, enquanto muitos vivem o “Todo Dia”, do Chico: “Todo dia ela faz tudo sempre igual”. Ou ainda, do nosso Caetano maior (depois do Chico), em Tieta: “Todo dia a vida é tão tacanha”.

Mas um resmungo não quis calar na minha cucuruta onde Dona Gelita, 92 “nos couro”, dá cafuné “Cada Dia”: Jão Valtin, apesar da situação de risco e miséria, era feito de matéria, de massa. Portanto, de “zilhões” de Bósons de Higgs.

Como pode, então, um “bilionário”, com bilhões de “partículas” de Deus, que faz de “Todo dia” seu “Cada Dia”, não ter importância alguma para a sociedade?

(Artigo publicado no jornal O POVO em 17 de julho de 2012)

53.

O “KAMARADA” E OS CAMARADAS

O título seria “Uma Noite de São João”. Preparei-o com esmero, até porque a data é propícia.

Mas o fazer cede ao espírito! Não resisti em revisitar o sonho. Diretor da Escola Técnica Federal do Ceará, em 1998, eu abria o auditório para o “Kamarada” Lula mostrar a que veio. Não foi simples. O “patrulhamento” à época não poupava “gregos nem samangos”. Pagaria caro por esta “ousadia” em nome da democracia, o que ficaria visível no orçamento da instituição. Pasma em ver hoje “Lulistas de última hora” que o desprezavam. Perceberia, mais tarde, que oportunismo não tem credo. “A política é dinâmica”... Hum!

Era 2002. Desfraldávamos nas ruas o “sem medo de ser feliz” à procura do Brasil de Gilberto Freire: “Eu ouço as vozes, eu vejo as cores, eu sinto os passos de outro Brasil que vem aí, mais tropical, mais fraternal, mais brasileiro”.

Em 2005, tive a sorte de ver nosso “Kamarada”, já presidente, ser aplaudido no London College of Business. Foi emocionante ver um brasileiro, mais fraternal, mais tropical, sobrevivente de secas e porradas, ser reconhecido por “gringos e troianos”.

2007. O “Kamarada” Lula se fez. O metalúrgico mostrava ao mundo que a genialidade política não era prerrogativa da academia. Afinal, o Luiz forjado na escola da vida investira em educação, saúde e C&T muito mais do que o Fernando formado na Sorbonne, afetando sobremaneira a base da pirâmide social e a economia.

O tempo passa. E ficamos nós, voluntários de outrora, constrangidos com uma tal de “flexibilização”, uma perigosa zona cinzenta entre o ético e o amoral praticada por certos camaradas do “Kamarada”.

Mas o fazer, dizia meu pai, cede ao espírito! O abraço recente entre Lula e Maluf, o imoral, nos distancia do Brasil de Freire. Faz-nos sentir na “república de Nicolau” onde fins justificam os meios.

O “Kamarada” fica a nos dever essa... para não o confundirmos com alguns de seus camaradas!

(Artigo publicado no jornal O POVO em 25 de junho de 2012)

54.

BRAZILIAN DREAM

Até os norte-americanos riem quando você diz que vai para Las Vegas a trabalho. Enviado pela Fortalnet e O POVO para cobrir a NAB Show, uma feira mundial de TV, cheguei a Las Vegas mais animado que matuto “Das Antigas” do Dimitri Túlio (O POVO, aos sábados).

Tive a “sorte” de pegar no aeroporto o taxi do Emílio, argentino que transmitia tanta confiança quanto a aliança PT/PSB. A corrida custou 48 dólares (preço da “meia” no show do Chico) e ainda tive que ouvir: “Attention man, tem taxi que gusta enganar los matutos”. Não me lembraria mais do “muy amigo” Emílio, caso não tivesse pago na volta, em outro taxi, apenas 12 dólares.

Mix de Waldik e Cauby, Las Vegas é mais brega do que chique... ou não! Lá tem mais máquinas caça-níquel do que acidente de moto no Brasil (23 mortes/dia em 2010). No aeroporto você já avista “a\$ mortífera\$”. Elas usam inteligência artificial para identificar o sujeito. Só pode ser. Apertei o botão de um caça-níquel e saiu uma voz de pirata: “cai fora professor liso!”.

Por falar em caça níquel, dizem que “Carlinhos Waterfall” propôs ao Capitólio, no qual ele possui fortes relações com “gregos” e “troianos”, a jogatina dentro do voo da “Delta” ao som do novo hit em Brasília: I have nothing to say.

Ei! Nada de American Dream! Eu tava era “doidim” pra voltar pra casa. Toda noite eu sonhava com o nosso formidável “Brazuca”, classe média aumentando, mais respeitado no hemisfério Norte, apesar dos mensalões resistentes, dos recorrentes C&PA (Cachoeiras e Políticos Associados), dos maus juízes “punidos” com aposentadoria, da péssima telefonia com tarifa top mundi, dos deputados “lenhadores” (veta mais Dilma!), dos...

No último dia, vi o ônibus escolar americano. Sonhei de novo. Um Brasil que faça valer o princípio da equidade de Aristóteles com os seus “desiguais” e acabe com esse vergonhoso apartheid na educação: a escola do rico e a do pobre. Nosso Brazilian Dream!

(Artigo publicado no jornal O POVO em 29 de maio de 2012)

55.

PIRAMBU DIGITAL DE HELIO PINHEIRO

Acontece rápido, como um carro virando. De repente, fechamos os olhos e oramos para que seja apenas um sonho.

Aconteceu comigo quando meu Raimundo “partiu”. Não acreditei! Já na segunda vez a “virada do carro” foi anunciada. Minha Raquelzinha mal nascera e só lhe restavam 24h. O frio espinhaço adentro me garantia não se tratar de um sonho, antes mesmo que eu pudesse fechar os olhos e orar.

Semana passada, o “carro virou” para a família de Hélio Pinheiro, Diretor de Tecnologia da Pirambu Digital. Como acreditar que um jovem correto, profissional exemplar, tenha seus sonhos interrompidos brutalmente por mãos que ceifam vidas levemente, como na “Pequena Mosca” de Blake. Foi o mesmo com o Professor Vicente de Paula na Praça da Gentilândia, com o Engenheiro Arnaldo Belchior na Aldeota, com...

O que esta acontecendo neste País onde a violência é mais audaz do que sua economia? Onde estamos errando,... hein “Demóstenes”?

A propósito, no final de abril, na universidade de Washington, Bill Clinton abriu a palestra “The Power of Education” propondo dar aos jovens a oportunidade de se envolverem.

“O Poder da Educação” de que fala Clinton está no DNA da Pirambu Digital de Hélio Pinheiro! Foi o envolvimento de jovens como o Hélio, formados no IFCE, que deu identidade a este inusitado projeto, capaz de gerar renda com tecnologia da informação em um bairro estigmatizado pela sociedade. Lembro bem, Joviniano Jr, ex- presidente da Pirambu Digital, apresentando o projeto a meus alunos: “Sou um empresário, mas poderia ter sido um marginal”. Este ano, Joviniano, que fala inglês e francês, torna-se engenheiro pela UFC. Outros treze, que tiveram a mesma oportunidade de Joviniano, seguem caminho parecido.

Definitivamente, a crueldade com o nosso Hélio tem relação com a falta de perspectiva profissional que acomete alguns jovens. Urge, portanto, uma política pública, pra valer, que crie oportunidades para jovens e os distancie dos perigos dessa vida, em especial, do “invençível” crack.

Como fazer isso? Pra valer? Não precisa do Clinton. Basta o exemplo de Hélio Pinheiro e de seus companheiros do Pirambu Digital. Estes estão acostumados a “desvirar o carro” e continuar a honrar a vida do jeito que ela vem.

(Artigo publicado no jornal O POVO em 01 de maio de 2012)

56. MIGUELÂNGELO PRA PREFEITO!

É de “lascar o cano” o sorriso “cara de pau” de quem é flagrado estacionando indevidamente na vaga do deficiente. Perde só pro abestado que pára a “Railux no mei” do cruzamento... ou pro Eike, o da McLaren, culpando (sem provas) Wanderson, o da bicicleta!

Também parece provinciano todo tipo de preconceito. Certa feita, ouvi um sonoro “vixe” quando apresentava o Pirambu Digital. Retruquei e disse à platéia que o Pirambu é um bairro fantástico, de pessoas de bem. Quando perguntado se lá não havia marginais, respondi “na bucha”: deve ter, mas são amadores, estilo “ladrão de galinha”; nada comparável com alguns “respeitáveis” do outro lado de lá; estilo “merenda escolar”.

É responsabilidade da escola desenvolver nos jovens o criticismo dos fatos e a criticidade das coisas, de Kant a Paulo Freire. Ela deve servir à prática cidadã do aluno, da cultura da paz à solidariedade ao outro, da negação às falácias à adoção do direito, indispensáveis à formação de nossos futuros líderes.

Seriam, então, falha da escola algumas aberrações do cotidiano político como a troca de farpas nas redes sociais e adjacências? Ou será apenas mais um descuido provincianístico tupiniquim? Afinal, o cidadão não merece ser espectador de “briga de foice” que não lhe diz respeito.

Assim, título à mão, sugerimos aos candidatos a prefeito da cidade que não gastem o tempo público com querelas partidárias. Apresentem-se como administrador ousado, transparente, conhecedor do orçamento na “ponta do laptop”, capaz de escolher a equipe também por critérios técnicos. E isso é possível, nós o sabemos!

“Uma escultura? Apenas retiro do mármore o que não é necessário”, disse Miguelângelo. Faz lembrar o sanfoneiro Zé de Manu, à radio Universitária: “música e poesia não se faz... se encontra!”.

Ah! Como seria mais digna a política se exigisse de sua prática a nobreza das artes e dos políticos a percepção dos artistas!

(Artigo publicado no jornal O POVO em 03 de abril de 2012)

57.

UMA TARDE COM SÓCRATES!

“Trocaria toda a minha tecnologia por uma tarde com Sócrates! “

Steve Jobs, o “cara” do tablet, deixou este recado para as escolas. Para Sócrates, o “cara” do diálogo, educação é o desenvolvimento da capacidade de pensar, o que conduz (ou deveria) à essência da escola.

Como será que nossas escolas têm encarado esta invenção socrática? Os diretores de nossas escolas “levariam este papo cabeça” do Mr. Jobs com seus alunos?

Enfim! A escola existe para melhorar o mundo. E isso somente é possível educando o homem. Educar significa “trazer pra fora”. É um ato transformador, ensina Paulo Freire. É ajudar o jovem a decidir bem a construção da sua história. Para tanto, ele precisa reconhecer-se capaz e sentir, na solidariedade ao outro, o mantra do He-Man, o “filósofo” da TV: “Eu tenho a força!”.

Educar é aprumar “no rumo da vida” o poder do jovem no comando da nave de sua vida. Presenciei esse poder em um projeto social realizado por jovens do IFCE. Os “meninos” organizaram um teatro em uma escola da periferia na qual os alunos desta escola eram os atores. Um dos atores, meio acabrunhado, me chamou a atenção.

Dei “uma de Xuxa” e na intimidade de uma cutucada no cangote dele, perguntei se tinha gostado da peça. Encruado e com a voz encruada, ele respondeu: “Foi massa, fessô. Deixei de ir prum assalto pra vir prêsse teatro!”

Estatelei na hora! Lembrei-me da música do Gil na qual o super-homem muda o curso da história. Naquela noite de sol, os jovens do IFCE mudaram o curso da história daquele “jovem ator”, evitando que ele roubasse, talvez matasse ou morresse.

É isso! Escola tanto salva quanto “arremeda”! Ela deve despertar no jovem sua autoestima, sua melhor versão. E em se percebendo na sua plenitude humana, que ele se sinta “numa tarde com Sócrates” e diga a si mesmo como Dom Quixote a Sancho na cena final: “tentei dar o máximo de mim; é o melhor que o homem pode fazer na vida!”.

(Artigo publicado no jornal O POVO em 06 de março de 2012)

58.

CAPITAO DA MINHA ALMA!

“Um país se faz com homens e ... tablets (vixe!)”. Esta frase, atribuída a um certo “Steve Lobato”, denuncia um “vírus” na cidade! Tablets e lousas digitais viraram commodities educacionais, embrulhadas em uma cognição cibernética de fazer Piaget ter chique no “Parque da Paz”.

Nada contra essas “rapaduras digitais”, mas não é de hoje que esse “festival eletrônico” assola algumas escolas da vila. Ele carrega a mesma teimologia que expõe estudantes nos outdoors e jornais com aquele ar “de quem quer levar vantagem em tudo”, um relod peba da “lei do Gerson”. Primeiros lugares disso, os melhores daquilo... Humm, mas será que esses jovens são mesmo felizes com essa pedagogia mercantil que, por vezes, confunde educar com adestrar?

Pois bem! Prefiro uma escola que ajude meu filho a ser feliz! E que todo o resto gire em torno disso. Uma escola que priorize a essência da vida, na qual meu filho aprenda a agradecer a comida de cada dia e a não esquecer que os restos à mesa faltam a alguém. Que ele goste do sol que anuncia todo dia a dádiva da vida e que suas ações o tornem digno dessa dádiva.

Que adianta ter um campeão da escola que joga lixo na rua, ocupa a vaga do carro do idoso, rouba biscoito sem necessidade, se diverte queimando índio em ponto de ônibus? Não! Quero uma escola que desperte no meu filho o homem de bem que ele pode ser. Uma escola com professores apaixonados pela sua arte, que contagiem meu filho a não se lamentar dos “entreveros” e a jamais “atravessar o rio da vida no porão do navio”.

Às favas! Claro que quero tablet e lousa digital para todos! Mas prefiro uma escola que valorize cidadania e filosofia, bola e violão. E quando meu filho for tentado a mentir, a humilhar ou a ser injusto, que ele desdenhe da má política e honre sua escola, posto que ela o preparou, como bradou Mandela (William Henley), para ser o “dono do seu destino, o capitão da sua alma”!

(Artigo publicado no jornal O POVO em 07 de fevereiro de 2012)

59. ENTRE TABLETS E LOUSAS DIGITAIS... SALVARAM-SE (QUASE) TODOS!

“A única maneira de salvar você mesmo é salvando os outros”. Parece coisa de religião, mas esta frase é, na verdade, um convite à luta, de Nikos Kazantzaki tornado célebre no extraordinário “Zorba, o Grego”. Relia-o, sorratamente, quando vi perplexo o telejornal dando conta da comercialização e consumo de drogas, em plena luz do dia, nas imediações do Palácio da Abolição.

Meio a estes fatos aparentemente desconexos, perguntei-me novamente (O POVO, em 26/07/11): qual a proposta “pra valer” da sociedade brasileira para que milhares de jovens envolvidos com drogas fatais, como o crack, retomem seus rumos e sonhos?

O que nós, terráqueos cibernéticos, temos feito, além de nossa tosca retórica, para evitar as cracolândias que assolam o país? Felizmente, o governo Dilma lançou no mês passado o Plano de Enfrentamento ao Uso do Crack e outras Drogas. “O crack é um drama, uma tragédia humana que leva a pessoa a se dedicar a uma atividade autodestrutiva...”, disse a presidente.

E o que têm feito nossas escolas para “trocar a roda desse carro social em movimento”, ...desembestando ladeira abaixo? Vamos pensar em algo sério! Que tal se os 200 mil estudantes de ensino superior do Ceará participassem curricularmente, como acontece no IFCE, de projetos em equipamentos sociais com jovens? A estratégia é a mesma de Piaget para crianças: ninguém melhor do que um jovem para convencer outro jovem.

Além de ajudar na prevenção deste grave problema, nossos jovens entenderiam, pela prática, a mensagem holística deste grego, “discípulo” de Nietzsche: “salvamos a nós mesmos ao nos esforçarmos para salvar os outros”.

Em assim procedendo, talvez um dia a educação deixasse de ser tratada como commodities e veríamos nossas escolas panfletarem nos outdoors da vila o desejado INFALível (Índice de Felicidade de seus ALunos) no lugar de tablets e lousas digitais.

(Artigo publicado no jornal O POVO em 10 de janeiro de 2012)





PARTE 08

ARTIGOS SOBRE ESCOLA (2011)

Prefácio: Arthur Bezerra

- 60. Se ele for eu não vou**
- 61. O povo está nu**
- 62. Política e paixão**
- 63. Quando vier a segunda-feira**
- 64. PhD do mal... na idade da pedra**
- 65. É preciso e urgente**
- 66. Tablet e o último dos moicanos**
- 67. IA, 10 anos de muito Axe na terra do forró**
- 68. Fausto e o bloco do prazer**
- 69. Prisão perpétua na Idada da Pedra**
- 70. O despertar da diferença**

*“Jamais diga aos jovens que seus sonhos são impossíveis. Nada seria mais dramáticos e seria uma tragédia se eles acreditassem nisso”
(Shakespeare)*

PARTE 08

PREFÁCIO



Arthur Bezerra

Com certeza foi uma grande perda para sociedade a partida do Prof Luiz Fernando. Um pesquisador com enormes feitos e vitórias para o nosso país e para a nossa comunidade acadêmica. Embora não tenha sido seu aluno, ele foi um grande professor que nos orientou na tecnologia e na vida, através de seu amigo e orientado de mestrado na PUC-Rio, Prof Mauro Oliveira.

Tenho em orgulho de ter conhecido o Prof Luiz Fernando, o mestre do meu mestre, em suas diversas visitas ao nosso IFCE, em Aracati. A última aconteceu em janeiro de 2015, resultado de uma viagem de férias que ele, Prof Mauro, Prof Guido e mais dois amigos decidiram fazer de João Pessoa à Fortaleza. Lembro que o nome do grupo era “Os Viajantes” e Viajantes e nós, os bolsistas do Prof Mauro, tivemos um encontro muito legal na BARCA (Bodega das Artes Raimundo de Chiquinha do Aracati) com eles.

Na verdade, já o conhecia antes de vê-lo pessoalmente. Não só pela sua importância na área de computação no Brasil, em especial nos trabalhos com a TV digital mas também pelos elogios dos meus professores Reinaldo Braga e Carina Oliveira, integrantes do LARA (Laboratório de Redes de Computadores e Sistemas Multimídias de Aracati), faziam dele. E, principalmente, devido as histórias hilárias e sempre animadas que o Prof Mauro Oliveira contava em sala de aula de sua convivência com ele.

Apesar dos poucos dias que falei com ele, aprendi muito com o Prof Luiz Fernando e ainda continuo apreendendo com a sua história e suas lições de vida passadas para seu amigo, aluno e agora também meu professor, Mauro Oliveira.

Os ensinamentos do Prof Luiz Fernando não terminam com a sua partida. Eles ainda estão sendo passados para nós alunos assim como será passado para as próximas gerações por todos nós que um dia tivemos o privilégio de ser, diretamente ou indiretamente, seu aluno.

Obrigado por tudo, Professor Luiz Fernando.

60. SE ELE FOR EU VOU!

Gilberto Freyre, o pernambucano mais arretado do mundo (depois de Alceu em “La Belle de Jour”), ao ser convidado para uma solenidade, arremedou: “se ELE for eu não vou!”.

O que levaria nosso sociólogo mor aos píncaros de uma desfeita desta? Ah! É um tal de “coffee-break” na programação do evento, nos conta divertidamente o Professor Pinheiro, nosso deputado cidadão.

Freyre tem razão. Por que nossos eventos insistem neste chato anglicismo? Melhor que “coffee-break” seria merenda, intervalo, ou outro palavreado sem aspas ... (né não?). Mas o que deprender de Freyre com este “piadismo colonizatório” ?

Sábado passado, em um restaurante da vila, vi uma cena de fazer corar Freyre e sua democracia racial: entra uma “madame” com berimbelos dourados, “marido rico” na pesada maquiagem, dois bruguelos e uma babá acintosamente de branco. A bronca na babá deixou o recado de que a “de branco” não pertencia à mesma tribo. Freyre teria arremedado: “se ELA, a madame, for eu não vou”.

Fiquei a lamentar a “Casa Grande e Senzala” que ainda nos persiste. O porteiro a quem sovinamos um simples “bom dia”. O “você não sabe com quem está falando” que nos escapa. A idolatria ao poderoso... que “nunca está nu”. O indefeso garçom destrutado (cuidado com a vingança do cuspe na comida).

Felizmente, neste mesmo sábado, estive na Escola Técnica do meu diretor Cesar Araripe, hoje IFCE, onde o reitor Cláudio Ricardo homenageou um super ex-aluno que anima a nós terráqueos, orgulha os cearenses, sinaliza novos rumos para uma Fortaleza menos provincial, sem “babás de branco”.

Trata-se de Cláudio, filho de Hulda e Homero Lenz Cesar, educadores por excelência. Claudio Lenz Cesar foi listado pela VEJA como um dos 50 brasileiros mais inovadores (O POVO, 26/11/11). Sua humildade em sentir-se embaraçado por estar na mesma lista de João Gilberto faria Freyre arremedar prazerosamente: “Se ELE for eu vou!”

(Artigo publicado no jornal O POVO em 13 de dezembro de 2011)

61.

O POVO ESTÁ NU!

“Tu né daqui não, né?” Muitos de nós, terráqueos fortalezenses, já alertamos turistas com vidro aberto na Via Expressa. Ou na Beira-mar, passeando com um reluzente cordão “18 que late”, sem saber que serão “mordidos” por trombadinhas náuticos (nível Olimpíadas 2016) que se lançam mar adentro, fora do alcance dos PMs e seus patinetes “Miami beach”.

“You are not from here, macho véi!”, diria o Falcão em noite de Waldik, em um recomendável cartão de boas-vindas no Pinto Martins, prevenindo turistas sobre o que pode lhes acontecer na Fortaleza Bela ... e insegura. Cômico, não fosse trágico, é o caso dos indefectíveis normândicos com suas bochechas tostadas e a inconfundível meia no meio da canela, uma placa na testa “me roube que eu gosto”, uma Roliflex nos peitos, que mais parece uma boca de metrô, fotografando o Dragão do Mar.

Pois bem, chegou o meu dia! Até sábado passado eu o único da minha tribo que ainda não tinha sido assaltado na cidade do saudoso Júlio Pirata de Iracema! O meu caso foi o manjado “preda-no-vrido do fusca” onde a expectativa é um tête-à-tête com o passageiro, seguido de um diálogo nem sempre cordial: “passa tudo, otário”. Pior foi o primo Reimundo que, além de ser depenado com um 38 nas coronárias, teve que “negociar” com sua mulher, no banco ao lado: “minha bolsa Luiz Viton, do Paraguai? Dou nada! ... Nenh!”.

É! No final, fui mesmo um irresponsável (teria insinuado o escrivão quando fiz o BO)! Senti-me o grande culpado em ter sido vítima de uma tentativa de assalto. Um “moribundo movendo a mão à piedade de Zaratrusta” enquanto fugia dantescamente de uma bala que, felizmente, não veio.

Mesma sorte não teve nosso amigo Vicente de Paulo Miranda Leitão, do IFCE, professor e pai (O POVO em 22/set/11), vitimado em plena luz do dia ao tentar proteger sua esposa!

É! Ninguém diz nada mas parece que o povo está nu!

(Artigo publicado no jornal O POVO em 18 de outubro de 2011)

62.

POLÍTICA E PAIXÃO

Sou do tempo de uma Fortaleza sem igual! Tempo dos “rabos de burro”, das peladas com bola de pano dentre cadeiras de balanço na calçada do Cine Art. Final de tarde, escutávamos “Jerônimo Herói do Sertão” na PRE-9. Noite adentro, na TV Tupy, as novelas do Ary Sherlock, o Bonanza e Bat Masterson... (“No velho oeste ele nasceu...”).

Queria nadar de novo nas piscininhas de Iracema. Arengar com os leões do Parque das Crianças. Pular, novamente, o muro do Clube Maguary só pra brechar as colombinas dando volta no salão... Que tempo bom, meu Deus!

Sou do tempo do Liceu do Boanerges Saboya quando o Parangaba, feito um cangaceiro no cio, promovia o “quebra-quebra” contra o aumento das passagens; tempo dos movimentos estudantis do Chico Passeata, defensor do SUS. Tempo em que não entenderíamos o verbo relativizar na política: jurávamos que jamais cometeríamos os erros éticos da direita quando chegássemos ao poder. Tempo em que seria “nonsense” pagar necessitados da periferia para bandeirar nossas convicções em época de eleição ou pensar em controlar a mídia. Éramos honestos ou ingênuos? (“Ergue os olhos Hannah!”).

Visto que hoje é meu aniversário, preservei-me o dia como um terráqueo feliz. “Rebolei no mato” vários escrachos do cotidiano: nada de falar do DNIT; muito menos da deputada flagrada recebendo dinheiro sujo e absolvida por “famigerados” que a pouparam em causa própria; nem da farra dos mensaleiros.

Não, hoje escolhi sonhar de novo e rever no Youtube a manifestação, no 7 de setembro, contra a política sem ética, como fizemos um dia. A indignação de jovens apaixonados, como fomos um dia, essa formidável “sociedade civil desorganizada” (Fabio Campos

em O POVO, 08/09/11). Hoje, escolhi ouvir Vandrê dos velhos festivais e me dei, resto de meu dia, recordações de uma Fortaleza sem igual. Tempo em que se fazia política com paixão.

(Artigo publicado no Jornal O POVO em 20 de setembro de 2011)

63.

QUANDO VIER A SEGUNDA-FEIRA...!

“Foi bonita a festa, Pá...!”. A igreja estava lotada com terráqueos de várias freguesias. Parecia a segunda-feira mais famosa do mundo. Estavam todos lá: o dançarino malabarrista, o Gordinho forrozeiro, a “quadrilha” do Zé Testinha; da “socialite” que nunca pisou no Pirata ao ex-governador que não faltaria à despedida do Júlio de Iracema. “Sacanagem desse Pirata nos deixar”, teria pensado o padre falastrão. Tinha razão: como fica agora a segunda-feira de Iracema?

“Tanto mar, tanto mar...!”. Não sei eu se era mais amigo do criador ou da criatura. Lembro-me bem do seu trejeito, inquieto, de balançar as pernas alternadamente, perdidas nas calças de pirata, enquanto suas mãos eram cúmplice de um sorriso que não cabia em seu bigode, a conversar com todo mundo, a convencer todo mundo, a abraçar todo mundo!

“Navegar é preciso ...!”. Só um Pirata maluco beleza, surrealista, para construir um navio encravado no chão de Iracema. Tive o privilégio de ver os mastros sendo alçados no Pirata Bar como se fossem mesmo partir da ponte dos Ingleses. Júlio era um inovador total. E se não fosse do jeito dele, se acorrentava na Rua dos Tabajaras feito uma Joana d’Arc dos mares bravios.

“Ó musa do meu fado, ó minha mãe gentil, te deixo consternado ...!”. Enquanto o Armando entoava o “Forró no Céu”, o canto final, a garganta engasgou de saudade. O lenço vermelho do Pirata na cabeça do neto na primeira fila, filho do Rodolfo, parecia a bandeira fincada na ilha conquistada nos corações dos amigos. Por isso, pedi licença ao conterrâneo, Fernando Pessoa, para parafraseá-lo em “Quando vier a Primavera”:

“Na próxima segunda-feira, se eu estiver morto/ A banda do Pirata vai tocar da mesma maneira/ E os dançarinos não serão menos alegres do que na segunda feira passada./ Isso prova de uma emoção enorme que a minha morte tem muita importância./

(Arigo publicado no jornal O POVO em 23 de agosto de 2011)

64.

O PHD DO MAL ... NA IDADE DA PEDRA!

Neste último domingo os fãs da Amy Winehouse foram surpreendidos com a triste notícia de sua morte. Alguns jornais chamaram a atenção para o fato da cantora de “Rehab” e “Back to black” ter seguido o mesmo roteiro trágico de Jimi Hendrix, Janis Joplin, etc., cujas carreiras foram encerradas por envolvimento com droga. Tudo bem! O que mais? Ah! Um jornal italiano destacou que a venda de seus discos aumentaram mais de 37 vezes no fim de semana. E daí, cara pálida? ...

Esperei, em vão, encontrar uma mídia que paralelo ao fato jornalístico comovente também aproveitasse para abrir um amplo debate sobre essa batalha em que a sociedade mundial está perdendo feio para a indústria das drogas, este “competente” inimigo público, o “PhD do mal”.

Contentei-me em reler os artigos “Prisão Perpétua na Idade da Pedra” e “É Preciso...E Urgente”, publicados no O POVO em 08/fevereiro e em 27/junho últimos, respectivamente, resumidos a seguir:

... “É preciso dizer a todos os jovens que não há volta, não há cura. É preciso tratar isso como uma coisa grave, ... um crime bárbaro. Só sei, meu Deus, que é preciso fazer alguma coisa de verdade”, disse-me um pai desesperado!

... Segundo a Fiocruz, chega a 1 milhão o universo de brasileiros afetados pelo crack. Eu diria que são 5 milhões pois a família toda acaba sendo atingida por esse “câncer urbano” cuja gravidade está “jogando pra escanteio” o problema da AIDS.

... Para reflexão, o desespero do mesmo pai, agora em lágrimas: “Dou o que tenho, mudo de religião, qualquer coisa pra livrar meu filho dessa tragédia”.

É preciso fazer algo sério antes que o crack acabe com nossos jovens... E urgente! Na verdade, traficantes e seus cúmplices hediondos condenam diariamente à prisão perpétua esses pais e suas crianças, quando não à pena de morte. É o crack a nos conduzir, ironicamente, à Idade da Pedra.

(Artigo publicado no jornal O POVO em 26 de julho de 2011)

65. É PRECISO... E URGENTE!

“É preciso dizer a todos os jovens que não há volta, não há cura. É preciso tratar isso como uma coisa grave, ... um crime bárbaro. Só sei, meu Deus, que é preciso fazer alguma coisa de verdade”, disse-me um pai desesperado!

Ano passado, um consultor da Unesco me perguntou qual o principal problema da educação brasileira. Por impulso, arrisquei que seria o crack. Existe um “competente” inimigo público na nossa cara devastando nossos jovens, um “PhD do mal”. Segundo a Fiocruz, chega a 1 milhão o universo de brasileiros afetados pelo crack. Eu diria que são 5 milhões pois a família toda acaba sendo atingida por esse “câncer urbano” cuja gravidade está “jogando pra escanteio” o problema da AIDS.

Em 8 de fevereiro deste, o jornal O POVO publicou o artigo “Prisão Perpétua ... Na Idade da Pedra”. Alguns não gostaram do título. Posso até ter sido infeliz no título, mas não na urgência do tema: ... traficantes e seus cúmplices hediondos condenam, diariamente, pais e suas crianças à “prisão perpétua”, quando não à “pena de morte”. É o crack a nos conduzir, ironicamente, à Idade da Pedra!

A revista Veja, de 22 de junho último, estampa a epidemia do crack como matéria de capa, de forma honesta e competente. Honesta por não existir nada mais legítimo do que o depoimento de pais “em suas prisões perpétuas”; competente por tratar essa “catástrofe” que agoniza nossa sociedade de forma responsável e popular. Trata-se de uma leitura que o indispensável Dr. Silas Monguba recomendaria, certamente, como obrigatória (e conjunta) entre pais e filhos, entre educadores e seus jovens.

Segue, para reflexão, o desespero do mesmo pai, agora em lágrimas: “Dou o que tenho, mudo de religião, qualquer coisa pra livrar meu filho dessa tragédia”.

É preciso fazer algo sério antes que o crack acabe com nossos jovens... E urgente!

(Artigo publicado no jornal O POVO em 27 de junho de 2011)

66. TABLET, O ÚLTIMO DOS MOICANOS!

Comprou um tablet? O Galaxy ou o iPodão do Steve? Tanto faz, você acaba de comprar o “top” de um velho modelo (Von Neumann), o último de um conceito em extinção. O tablet é descendente do famoso PC (computador pessoal), essa “rapadura eletrônica” que vem colonizando nossas vidas desde a queda do império IBM (mainframes), nos anos 90.

Nada de pânico! Você tem ainda, humm... 100 semanas (fez as contas, né?) pra curtir o seu tablet sem precisar resistir ao iPCd-2, o imPessoal Computer descartável (o 2 é só charme). É isso aí! Aquilo, que o chato com ar de inteligente (camiseta de Harvard) chamará no boteco de “meu computador de última geração”, virá descartável, contextual e nas “nuvens”!

O iPCd-2, uma interface de serviços “on-line” (processados a distância), será distribuída feito pipoca por provedores dos novos serviços, como hoje o fazem as operadoras com os celulares tipo P (os Pebinhas). Segundo, estes serviços serão adaptados às suas características ou contexto (context-aware), sensíveis ao seu perfil (pense no “lixo” que hoje obtemos da Internet). Terceiro, como a banda larga será igual a oxigênio, seus dados estarão “nas nuvens” (cloud computing), algo parecido com o Dropbox (www.dropbox.com). Quinto, sistemas inteligentes monitorarão 24h sua saúde, segurança, agenda, geladeira, etc., (Internet of Things) integrando tudo de relevante no iPCd-2. Ah! Ia esquecendo o quarto: o iPCd-2 será dobrável e responderá a comandos de voz com a mesma facilidade com que dedilhamos nosso tablet (ótimo pra quem tá na cozinha). Disponível em hotéis, repartições (é o novo!), escolas, etc., será só pegar, usar... e devolver! O iPCd-2 estará “novo de novo”!

Enquanto os “Googles da vida eletrônica” não lançam o iPCd-2 (eu adoro o meu tablet), é lamentável pensar que a oitava economia do mundo é um desastre em inclusão digital. Que tal um bolsa-tablet? ... VIXE!

(Artigo publicado no jornal O POVO em 03 de maio de 2011)

67. INSTITUTO ATLÂNTICO, 10 ANOS DE MUITO “AXÉ” NA TERRA DO FORRÓ!!!

Com o artigo “Quando o Forró venceu o Frevo”, saudamos, há 10 anos, a chegada do Instituto Atlântico (IA) ao Ceará. Como o título insinua, o artigo fazia alusão à conquista alencarina ao atrair o IA para o nosso estado. Denominado estrategicamente CPQD, a época, a instalação do IA teve sua articulação liderada por Lenardo Castro e pelo então titular da SECITECE, o deputado Ariosto Holanda.

A chegada do IA suscitou, naturalmente, tanto na academia quanto no mercado, algumas interrogações. Na verdade, o IA agregou duas destacadas contribuições à área de Tecnologia da Informação (TI) do Ceará. De um lado, o IA serviu de referencial na gestão de processos de desenvolvimento tecnológico, característica engravado em seu DNA herdado do CNPQ da antiga Telebrás. Por outro lado, o IA estimulou reações desenvolvimentistas fortes no estado. Os empresários cearenses TI reagiram positivamente e formaram o Instituto Titan, logo em 2003. Criaram corpo também o ITTI do Instituto Federal do Ceará, o NATI da UNIFOR, e vários outros laboratórios de P&D em TI pertencentes à UFC e à UECE. Alguns desses laboratórios tiveram uma parceria inicial com o IA para, logo em seguida, passaram a formar suas estruturas próprias de gestão, facilitando-os a captar recursos da Lei de Informática, em especial, e se tornarem autônomos.

A competente gestão de Eduardo Bernal abriu caminhos para que seu sucessor, o não menos brilhante José do Atlântico (viche Maria! Pois não é que eu esqueci o nome do meu amigo Zé, frequentadores que somos do Pré-carnaval da Dona Mocinha). O Zé, com o apoio do Chico do Atlântico (acho que esses paulistas são filhos de cearenses), transformaria o IA na primeira instituição do Norte e Nordeste a ter o respeitado CMMI-5 (Capability Maturity Model Integration), o nível máximo da certificação internacional de desenvolvimento de software, o mais importante do mercado.

Passados 10 anos, é de se reconhecer que o IA e os seus parceiros cearenses (empresas Secrel, Avicena, etc., laboratórios LDS do IFC, LESC e GREAT da UFC, etc.) têm muito a festejar ao terem contribuído efetivamente para o desenvolvimento da TI no estado, projetando uma imagem positiva da competência cearense no setor, tanto de nossas instituições de ensino que formam seus técnicos, quanto a de pesquisadores envolvidos em seus projetos. Nesse contexto, vale lembrar também a participação do IA no consórcio cearense do Sistema Brasileiro de TV Digital (SBTVD), em parceria com a UFC, a UECE e o CEFET-CE.

Se hoje, 2011, o “forró está vencendo o frevo” na corrida tecnológica de TI, bem,... rhum-rhum (coceirinha na garganta)... há de se tirar o chapéu para a “grande sacada” do Porto Digital de Silvio Meira, enquanto perseguimos no Ceará uma iniciativa semelhante. De repente, a questão não seria quem vence quem, “Forró, Frevo ou Axé” ... (psiu, acreditadas nessa? Eu não!). Talvez, mais relevante, é o fato do setor de TI do Nordeste crescer a taxas superiores à média nacional, liderado pela terra de Dodô & Osmar, aonde o IA se instalou recentemente.

Sendo assim, como entre “forrozeiros, cirandeiros e Olodunistas” de TI estão salvando-se todos, só nos resta agradecer ao seu superintendente do IA, Claudio Violato, a significativa contribuição de uma década no desenvolvimento tecnológico na área de TI no Ceará.

Parabéns a todos que fazem o IA, no qual sempre fui muito bem tratado!

(Artiho publicado na Revista Infobrasil – abril 2011)

68.

FAUSTO, O BLOCO DO PRAZER!!!

A caminho do pré carnaval, encontrei Dorothy Lamour. Caminhamos pela enseada do Mucuripe, ombros dados, pés na areia, espuma ameaçando. Suas velas explodiam ao vento, tal a saudade dentro de mim!

“Quando fevereiro chegar, saudade já não mata a gente. A chama continua. No ar, o fogo vai deixar semente, a gente ri a gente chora, fazendo a noite parecer um dia... O teu amor faz cometer loucuras.”

A luz do sábado rasgava os céus da baía do Náutico, energizando meus sonhos adolescentes. Já no aterro do Ideal, o arco-íris acodia uma montanha de nuvens que saía de dentro do mar!

“O azul de Jezebel no céu de Calcutá, feliz constelação. Reluz no corpo dela, ai tricolor colar! Az de Maracatu no azul de Zanzibar, ali meu coração, zumbiu no gozo dela...”

Em frente do Estoril, as ondas hipnotizavam ao beijar a areia, remetendo-me à lembranças das piscininhas de Iracema. Saltitávamos, braços dados, ao som do bloco do prazer:

“Pra libertar meu coração, eu quero muito mais que o som da marcha lenta. Eu quero o novo balancê e o bloco do prazer que a multidão comenta.... Vem meu amor feito louca que a vida tá pouca e eu quero muito mais.”

O pôr-do-sol despencava da Ponte Metálica, desdenhando a velha briga do rochedo contra o mar!

“Atravessei os sete mares e por todos os lugares por onde andei você me dava a vida. Foi uma dádiva da natureza essa coisa acesa que hoje vejo em ti.”

Chegamos, mãos dadas, ao Dragão do Mar. A lua bela holofotizava o planetário em vigília aos foliões dançando na praça.

“Meu amor que ficou, nessa dança meu amor, tem fé na dança. Nossa dor meu amor, é que balança nossa dor, o chão da praça...”

Mais que de repente, em meio a turbas e batucadas, descuidei-me milisegundos sua mão. Procurei-a faustivamente, como uma “caravana do deserto ao atravessar um coração”:

“Era miragem, fantasia de um mundo blues. E eu fui chorar na areia Dorothy Lamour”

(Artigo publicado no jornal O POVO em 05 de abril de 2011)

69.

PRISÃO PERPÉTUA ... NA IDADE DA PEDRA

Nesse domingo de sol, uma alegria diferente me invadiu, aproveitando o desleixo de um acordar desprevenido. Sem me consultar, acompanhou-me durante todo o dia. Encontrei amigos pelo caminho, entrei em suas casas sem avisar. Contamos piadas, das antigas, rimos com vontade rir! Sonegamos notícias tristes.

Visitei Dona Gelita e nos abraçamos em suas lembranças. Deitei-me em seu colo “pena de ganso” e cochilei ao ritmo dos cafunés de seus dedos ferrolhos. Revi o livro de meu saudoso pai. Rolou um aperto no lado esquerdo, de um cheiro a mais que não lhe dei. Utilizando suspeitas teorias da física, tentei explicar o assobio do vento ao vibrar renitentes janelas; as crianças riram fingindo acreditar. Terminada a oração do dia, entre crentes e saudáveis salvaram-se todos!

Li manchetes no jornal ao lado enquanto o farol vermelho cedia lugar ao verde. O sorriso da pobre senhora no sinal, com míseros centavos à mão, seguiu-me no retrovisor do carro, até desaparecer na curva! Pensei nas vezes que não nos damos conta da dádiva da vida que o sol nos anuncia toda manhã e nos chateamos com um “Colgate novo apertado no meio” pela mulher...ou vice-versa.

Agradei aos céus mais uma manhã de domingo, os amigos que tenho, a amizade de minhas Carolinas! De repente vi um jovem com um andar sem rumo, perambulando ao encontro do nada. Era mais uma das milhares vítimas do crack, provavelmente a pior das drogas, por ser barata e trazer um dano brutal à saúde.

Se você pertence à privilegiada classe dos que não têm nenhum dependente químico próximo, curta mais a vida, “sem muita frescura”. Faça isso pois alguns pais não têm esse direito dominical. Na verdade, traficantes e seus cúmplices hediondos condenam diariamente à prisão perpétua esses pais e suas crianças, quando não à pena de morte. É o crack a nos conduzir, ironicamente, à Idade da Pedra.

(Artigo publicado no jornal O POVO em 08 de fevereiro de 2011)

70.

O DESPERTAR DA DIFERENÇA NUMA MANHÃ DO POVO

Pense naquele dia em que tudo dá errado, tipo uma manhã no Detran sem despachante. Agora imagine uma manhã tinindo de boa, pessoas que você gosta de ver, palavras que fazem bem ao espírito; tudo isso numa sexta-feira de sol. Pois bem, foi assim a soleidade de 83 anos do nosso jornal, o jornal do Povo.

Dos corredores já dava pra sentir a determinação ante os desafios, embarcados na fidelidade à tradição, vindos do punho daquela mulher que martelava no ar sua convicção, feito um Consul Romano. Teria ela dito, com os trejeitos legitimados no DNA de Demócrito: “O POVO é uma casa de ousadias e alegrias”. “É a cumplicidade com o leitor”, completaria Valdetário, presidente da OAB.

Foi bom demais! Vânia Dummar me colocou em dia seus projetos com os índios; Baltazar Neto fez piada com minhas muletas de aluguel; Nelson Martins disse-me de seus planos para o meio rural e perguntou-me sobre o Pirambu Digital; Ferrúcio sorriu-me como quem garante a Copa de 2014; abracei Ubiratan Aguiar, Judicael e Marcelino Pequeno; conheci a Manoella; convidei o Plínio, o Elcio e o Jocélio para uma festa lá em casa. Reverenciei o mestre Bonavides, meu aluno de informática por um dia (está no meu CV); tentei, sem sucesso, ser reconhecido pela Adísia Sá (mas valeu só ter visto a “Dama das Letras”). Estava radiante, como todos! Myrson Lima, então, me intimou para uma carona amiga.

Antes de partir, cumprimentei Luciana. Nosso abraço demorou mais do que nossas palavras!

Não precisei dizer-lhe de Demócrito, que sempre nos recebia com um abraço por cima do ombro, e nos conquistava com seu sorriso abastado em recorrentes sonhos, coloridos com a ousadia de sua inventiva,... tal qual a filha, estonteante em sua manhã festiva.

Não precisei dizer-lhe: “Imagine o Ceará sem o jornal O POVO”. Todos o disseram naquela manhã de Sol !

(Artigo publicado no jornal O POVO em 11 de janeiro de 2011)





PARTE 09

ARTIGOS SOBRE ESCOLA (2010)

Prefácio: Carlos Salles

- 71. O astronauta cearense**
- 72. O cronista da cidade**
- 73. A TV do tiririca**
- 74. A Dama das Letras**
- 75. Navegar é preciso**
- 76. A Escola da minha vida**
- 77. O valor da ética**
- 78. A TV da inclusão digital**
- 79. A Ginga cearense na TV da inclusão digital**
- 80. A TV de Casemiro**

*“A vida é a travessia de um rio. Meu filho, não a atravesse-a no porão do navio!”
(Autor desconhecido)*

PARTE 09

PREFÁCIO



Carlos Salles

Devo confidenciar que tentei fazer este texto de muitas formas diferentes até chegar à conclusão de que não saberia fazê-lo de outro jeito. O Luiz Fernando - e vou chamá-lo de LF - me educou para escrever textos formais e rigorosos, impessoais e com muita ciência. Este texto não está na minha zona de conforto, pois ele fala de meu orientador e de seu trabalho para ajudar a formar um laboratório no Maranhão, onde acho que ele esteve duas vezes. O texto fala de generosidade e de gratidão. O mais importante, já faltando à impessoalidade típica, o texto fala de meu segundo pai que me escolheu como filho (ou que o escolhi como pai já que a recíproca vale). Não sei lidar com este texto sem paixão, desculpem.

Em 2001 fui fazer mestrado na PUC-Rio, o que era um sonho de graduação e algo que achava impossível de correr. Fiz minha graduação na UFMA e era comum falar nos corredores que faria mestrado em quase todas as áreas, exceto Redes de Computadores. Por essa razão não era de se assustar que o fato de ter sido matriculado por procuração na disciplina de Redes com o LF fosse um susto pra mim. Fui assistir a primeira aula apenas para, educadamente, explicar que tinha sido um engano e que a cancelaria para fazer outra disciplina. Foram três horas intensas e nunca vi um professor tão dedicado e apaixonado. Achei que seria idiota pedir cancelamento e fiz a disciplina. Meses depois, o destino fez com que ele virasse meu orientador e estava eu fazendo mestrado em Redes, logo essa área. Foi assim que conheci o LF. Sempre generoso, ele me convidou para participar do TeleMídia, o laboratório que coordenava. LF deu para mim um lugar para trabalhar e minha vida mudou para sempre num gesto.

71.

O ASTRONAUTA CEARENSE

“Poeira, você é só poeira”! Esse brado, tipo Ivete no cio, ficou zunindo à moda cantiga de grilo. Há tempo, não assistia a palestra tão excitante! “Responda pertinho, mas me cuspa não, meu fi”, implorava piedosamente o astronauta cearense ao sortear livros de Marte entre os terráqueos presentes na palestra do fantástico projeto e-Jovem.

Convidei a Adísia Sá, minha vizinha aí do andar de cima, para visitar o nosso astronauta. Saí de casa todo arrumado, Glostora nos fios, Leite-de- Rosa nas partes e Lifeboy nos couros. Estacionei meu Simca Chambord e fomos “di-a-péis”. A caminho, Adisia deu-me um corretivo sobre o incêndio do Majestic em 1956, que, desastrosamente, eu disse haver sido coberto por ela em 1968. Já na Barão, procuramos, em vão, o cine Diogo e a Aba-Film, na qual a gente revelava a rolleiflex. Dobramos na Senador Alencar, defronte da boate Guarany, o Bataclan alencarino, palco de políticas e causos policiais, desde a oligarquia dos Aciólis.

Atravessando empedernidos o “Tatazão”, chegamos lá! Ele nos aguardava com seu sedutor sorriso einsteiniano, ... literalmente nas estrelas, todo dia, toda hora, com um gigantesco telescópio a tira-colo, familiar como se fosse de algibeira. Antes de nos cumprimentar ele já mostrava as luas de Saturno captadas pelo Hubble e o artigo da Nature sobre antimatéria no CERN, na Suíça, cuja equipe brasileira é coordenada pelo cearense Cláudio Lenz (O Povo, 26/11/10).

Ah, ... foi bom demais! Pois bem, se um dia você tiver “se achando”, do tipo que não agradece ao garçon nem diz “olá” ao vigia, mas adora lavar o 4x4, ... dê um pulinho no Dragão do Mar para perceber que, até você, também é poeira... só poeira! Basta olhar pro céu que tem lá e “viajar” com o Diretor do planetário mais moderno do Brasil, o extraordinário Prof. Dermeval Carneiro, discípulo de Rubem de Azevedo, o astronauta cearense.

(Artigo publicado no jornal O POVO em 27 de novembro de 2010)

72.

O CRONISTA DA CIDADE!

Era janeiro de 1968. Tinha combinado com o Cronista da Cidade, “jogar conversa fora” na Praça do Ferreira, único lugar do planeta no qual o rei Sol, dizem, teria sido vaiado com um sonoro e bem cearense “iiiiirre”. Começaríamos com um cafezinho Valcan no saguão do Excelsior, a maior construção em alvenaria do Brasil. Lamentaríamos, mais uma vez, a derrubada da Coluna da Hora e do Abrigo Central, nos quais éramos habitués da Bananada do Pedão.

Rumo à Leão do Sul, daríamos uma ciscada na Vox para pastorar o novo LP do Trio Irakitan... e, de quebra, xeretar os duros boatos da “dita”. Volteando na praça, - ele de Vulcabras e num elegante Nycron (não perde o vinco), eu de “fonabô, boca de sino e volta ao mundo”- desejaríamos que toda essa Fortaleza de Rodolfo Teófilo não fosse soterrada, tal o poço da praça; que a juventude, no futuro, soubesse dos cafés e quiosques, da Padaria Espiritual, da retreta da bandinha no coreto.

O Cronista da Cidade não escondia sua predileção nostálgica pelos bondes que um dia desfilaram na Fortaleza de Jader de Carvalho: “o deslizar das rodas sobre os trilhos, ...dava a sensação de que estávamos seguindo sempre em linha reta com o olhar na paisagem ... como uma cena cinematográfica”. Seduzido por esse filme, imaginei-me com ele em pleno Passeio Público, rota do bonde da Prainha. Ao barulho do mar, pediria ao maestro Orlando Leite para reger os passarinhos onde a Fortaleza de Bárbara de Alencar nascera.

De repente, alguém gritaria: incêndio no MAJESTIC! Da Banca do Bodinho, em frente, veríamos alguém, lápis e papel à mão, atravessando a fumaça do imponente prédio, de ponta a ponta, coisa de “foca”, diria um jornalista. Perguntaria ao Cronista da Cidade: Quem poderia ser?

“Ah! Só pode ser aquela menina, a Adísia Sá... “, responder-me-ia, sorridente, Blanchard Girão, o Cronista da Cidade!

(Artigo publicado no jornal O POVO em 02 de novembro de 2010)

73.

A TV DE TIRIRICA ...

Na metade do século passado, nascia no Brasil a idéia de uma indústria aeronáutica. Era um sonho que fascinava o oficial do Exército Casimiro Montenegro, “cabra da peste” nutrido nas cercanias de Fortaleza. Montenegro cutucava seus alunos: “Um dia, vocês implantarão a indústria aeronáutica no Brasil”. Partiu, então, para a criação do ITA e do CTA, presentes no DNA da Embraer.

O reconhecimento recente da TV digital brasileira pela União Internacional de Telecomunicações (UIT) remeteu-me à personalidade multifacetada e ousada de Montenegro. A partir de 2010, o software Ginga, coração do Sistema Brasileiro de de TV digital (SBTVD), desenvolvido por Luiz Fernando (PUC-Rio) e Guido Lemos (UFPb), com importante contribuição cearense (UFC, Unifor, IFCE e IA), passa a ser o quarto padrão mundial de middleware, ao lado dos similares americano, europeu e japonês.

“Middleware, num sei bem o que é não, mas quando eu fizer um curso em Brasília eu conto”, diria o Deputado Francisco, de Itapipoca! Entretanto, Luiz Fernando e Guido Lemos já sabiam há mais de quinze anos. Em abril de 2009, a UIT já havia aprovado a linguagem NCL e o ambiente Ginga- NCL, tecnologias criadas no Brasil de Montenegros, e Tiriricas, para oferecer interatividade plena à TV Digital.

Na verdade, em 2003, o Brasil resolveu consultar seus pesquisadores para decidir se era melhor comprar um dos padrões de TV digital já existentes ou se deveríamos desenvolver um modelo tupiniquim, adequado aos interesses e características do país. A lógica era simples: considerando que a TV analógica (atual tecnologia), presente em todas as residências brasileiras, seria substituída pela TV digital (tecnologia do computador), por que não aproveitar essa nova tecnologia para oportunizar a todos os brasileiros o acesso a serviços digitais? Agregue-se o fato de apenas 20% da população brasileira ter acesso à Internet. Portanto tudo levava a crer que com uma TV digital desenvolvida na terra do Tiririca “a inclusão digital pior não fica”!

Essa foi uma “grande sacada” brasileira, digna do Marechal Montenegro, uma idéia capaz de criar uma nova indústria. Acontece que, a época, “essa coisa de TV digital brasileira mais parecia invenção de abestado”! Não foi fácil! Que o diga o Ministro das Comunicações em 2004, Eunício Oliveira, que enfrentou pressões de vários matizes e interesses diversos que desdenhavam da competência nacional em produzir tecnologia no setor, inflamados por uma baixa autoestima incompatível com a saga de Montenegro.

Se o Ceará exerceu papel político e tecnológico decisivo no SBTVD, temos hoje, com um modelo já sendo exportado para a América Latina e África, o desafio de pragmatizar o discurso de uma TV Digital concebida para o social. O projeto LARIISA, por exemplo, coordenado pelo Dr. Odorico Andrade no Instituto CENTEC, fará uso da TV digital para beneficiar, na área da saúde, comunidades excluídas do mundo digital.

É essa “teimosia” cearense de acreditar no Brasil, herdada de Casimiro, que permitiu ao Ceará contribuir para a TV digital brasileira, uma TV que queriam de Tiririca, que acabou, porém, sendo a TV de Montenegro

(Artigo publicado no jornal DIARIO DO NORDESTE em 17 de outubro de 2010)

74.

A DAMA DAS LETRAS

Leitor amigo, leia antes o artigo acima. Não interessa o tema de hoje, você irá gostar. Ela é a Dama das Letras!

Se eu a conhecesse, eu a convidaria para uma matineé no Maguari. A pegaria em casa no táxi do meu pai, um Ford Hudson 46 do velho Cocorote, só para abrir-lhe a porta como nas carruagens de Disney. Assistiríamos o Gordo e Magro no Cine-Art. Almoçaríamos no Caravelle, no Flórida ou no Tocantins, a sua escolha.

Começo da tarde, passearíamos no Parque das Crianças. Após voltarmos nos pedalinhos do lago engarrafado de “qua-qua-quás”, daríamos pipoca aos macacos e enfren-taríamos os leões em suas jaulas de barro. Não esqueceria de pagar-lhe um sorvete no Tony’s, na Praça do Carmo.

Quase noite, arremataria uma galinha assada na quermesse enquanto escutássemos, lado de fora, a rouca pregação do Padre Gaspar alertando as moças da vila sobre os “rabos-de-burro”. Comprar-lhe-ia uma lembrancinha na Loja de Variedades ou, se ela preferisse, na 4400 onde subiríamos a escada rolante, tantas vezes ela quisesse. Riríamos do Oscarito e Grande Otelo em cartaz no São Luiz,... minto, no Majestic.

Um dedo de prosa logo ali, na Banca do Bodinho, antes de merendarmos um pastel com caldo de cana na Leão do Sul. A caminho do Anísio, onde encontraríamos Fausto Nilo, Augusto Ponte e os meninos, daríamos uma parada na Escola Normal, na qual ela foi Diretora, dia desses. Ao deixá-la, surpreenderia com flores e uma colônia (das boas) compradas na Eva.

Sempre que minha vaidade apela, pergunto ao meu amigo Myrson Lima se leu o meu artigo publicado logo abaixo do artigo dela, na mesma página, na página dela, do jornal dela, da cidade que é dela. Por que Fortaleza pertence a alguém, pertence a quem se inquieta como ela pela cidade, com o que nela acontece. Pertence a Adísia, a Dama das Letras.

(Publicado no jornal O POVO em 12 de novembro de 2010)

75. NAVEGAR É PRECISO...!

Navegar na Internet é preciso, diria Fernando Pessoa nos tempos do Google! Desde 1º de julho, o acesso à Internet em alta velocidade passou a ser um direito de todos. O governo lançou um programa em que todas as residências, escritórios e administração pública estarão a menos de 2 km de um cabo óptico de 100 Mbps.

Pena que esta notícia não diga respeito (ainda) ao Brasil. Isto acontece na Finlândia onde mais de 96% das residências já têm banda larga, o que certamente contribui para que ela seja a nação mais próspera do mundo, segundo o Legatum Prosperity Index de 2009, publicado na Economist. Pras bandas de lá, banda larga é assegurada por lei!

Enquanto os finlandeses dão show de bola em inclusão digital, a pergunta que não quer calar é quando, nós brasileiros, chegaremos lá? Afinal, tivemos crescimento recorde em TICs, recentemente. A Pricewaterhouse anuncia que o setor de entretenimento eletrônico deverá crescer 8,7% ao ano no Brasil, ficando atrás apenas da China, com 12%. No entanto, a nossa banda larga, hein?

O Brasil tenta reagir a esse “devagar quase parando” na expansão da banda larga no País. A reativação da Telebrás é uma dessas estratégias. Seu Presidente, Rogério Santana, promete a ação do Plano Nacional de Banda Larga (PNBL) em todo povoado no qual as operadoras não quiserem chegar ou chegarem com seus exorbitantes preços.

Presente no SECOP 2010, há 15 dias em Fortaleza, Santana destacou a sintonia do PNBL com o projeto Cinturão Digital. Esta infraestrutura de 2500 km de fibra óptica é, decididamente, uma ação pioneira para a universalização da banda larga no Ceará.

É no PNBL e nos cinturões digitais que navegarão a esperança de milhões de jovens das periferias, das brenhas aos cafundós brasileiros, reafirmando o poeta que, neste caso, navegar na Internet também é preciso!

(Artigo publicado no jornal O POVO em 07 de setembro de 2010)

76.

A ESCOLA DA MINHA VIDA!

Em 1970, Mauro Oliveira, meu saudoso pai, levava-me à primeira aula na Escola Técnica Federal do Ceará (ETFCE). Escola Industrial do bairro do Prado, seria ela transformada em CEFET para tornar-se hoje Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE).

Passados quarenta anos, despeço-me dessa Escola única, sem conter lágrimas esparsas. Qual um filme, entrego-me a lembranças: o bosque que daria lugar à piscina que mantém sempre juvenil o coração da instituição; César Araripe, nosso diretor; João Jacaré, o fazedor de tudo; Mestre Bernardo das Oficinas; Myrson Lima e Aluísio de Castro e Silva, o mestre dos mestres.

Sob a supervisão de Diogo Siqueira, José de Anchieta e Maria Mercedes, já em 1974 iniciava eu as atividades como professor sem saber que um dia seria seu Diretor-Geral. Com a cumplicidade de Demócrito Dummar, a ETFCE foi palco de experiências fantásticas, como a Escola 24 Horas (das 23h às 5h da manhã), a Sorveteria Zé de William (todos se serviam e pagavam sem controle pessoal ou eletrônico), a disciplina Projeto Social (alunos praticavam cidadania em seu bairro), a Cooperativa Pirambu Digital (jovens do citado bairro que se tornaram empresários de TI), a BILA (Biblioteca & LAN House), em que uma hora de leitura dava direito a uma hora de internet. Dentre os quase 10 mil alunos com quem tive o prazer de conviver, vêm-me à mente, agora, o físico internacional Cláudio Lenz, o compositor clássico Liduíno Pitombeira e o Senador Inácio Arruda.

Que a plenitude dessa despedida seja o meu MUITO OBRIGADO à ETFCE, cujo diploma de Eletrotécnico figura como o mais significativo no meu Currículo LATTES do CNPq, dentre outros não menos importantes. Afinal, tal colo de mãe, essa Escola da minha vida tem sua marca em tudo que fiz, em tudo que tenho, em tudo que sou!

(Artigo publicado no jornal O POVO em 10 de agosto de 2010)

77.

O VALOR DA ÉTICA!

Corrupção, traição, apropriação indevida são temas, dentre outros não bem digeridos, que afloram em tempos de eleição. E onde fica a ética?

Paulo Bonavides, de quem tive o privilégio intangível de iniciá-lo na parafernália digital da Web, nos socorre com seu pensamento doto proferido em palestra magna para juízes no Recife, essa cidade que, à moda cruviana sabida, tem abarcado tudo, de refinarias desejadas a estaleiros órfãos.

Decreta Bonavides: “Onde há ética há valor... A ética, os valores e os princípios fazem, em verdade, a dignidade constitucional da pessoa humana”. Desde Platão, vem a idéia de que o único caminho para a ética política é a educação do povo. Já Sócrates, mestre de Platão, queria que os jovens pensassem com senso crítico, participando dos problemas do Estado. Enquanto Platão sonhava com uma sociedade ideal, Aristóteles, seu discípulo, mais cético, propunha que a Lei deveria ser capaz de compreender as limitações éticas do ser humano, ...com ficha limpa, suponho!

Liberando, por enquanto, Bonavides, Platão, Sócrates e Aristóteles, veio-me, de rompante, a Sorveteria Zé de William. Literalmente uma geladeira com picolés exposta no pátio da Escola Técnica. Nesse projeto pedagógico, alunos podiam se servir e pagar sem nenhum controle pessoal ou eletrônico. Havia, para tanto, um acordo implícito, em harmonia com o pensamento de Bonavides e, de imediato, bem compreendido pelos estudantes daquela Escola: “Onde há ética há valor!”.

Corrupção, traição, apropriação indevida! Mister se faz, nesse momento de escolhas nacionais, exercitar o valor da ética de Paulo Bonavides, nosso constitucionalista mor, bem definido por Dimas Macedo: “Se o Brasil não o tivesse parido e o Ceará não o tivesse adotado, creio que o teríamos inventado como totem... “.

(Artigo publicado no jornal O POVO em 10 de julho de 2010)

78.

A TV DA INCLUSÃO DIGITAL!

“Uma grande vitória para o País!”. Foi em clima de Copa do Mundo que o Fórum do Sistema Brasileiro de TV Digital (SBTVD) recebeu a notícia do reconhecimento do Ginga pela União Internacional de Telecomunicações (UIT), a agência das Nações Unidas que dita padrões no setor. Significa dizer que o Ginga, coração do modelo brasileiro da TV digital, desenvolvido por Luiz Fernando (PUC-Rio) e Guido Lemos (UFPB), com importante contribuição cearense (UFC, CEFET, UNIFOR, IA), passa a ser, em 2010, o quarto padrão mundial ao lado dos similares americano, europeu e japonês.

O fato assume maior dimensão se considerarmos o contexto da TV digital brasileira desde 2003, quando o presidente Lula decidiu convocar a seleção Canarinha de pesquisadores para saber se era melhor comprar um destes padrões citados, como ensaiou fazer o governo anterior, ou se o Brasil deveria desenvolver um modelo próprio. A decisão pioneira e patriótica de Lula baseava-se na lógica de primeira ordem que o seu antecessor não alcançara, ou não era de seu feitio. A idéia era simples: considerando que a TV analógica (atual tecnologia), presente em todas as residências brasileiras, será substituída pela TV digital, por que não aproveitar a universalização dessa moderna parafernália eletrônica (que tem todos os apetrechos de um computador) e oportunizar serviços digitais a todos os brasileiros, além, é claro, da melhor qualidade de imagem e som?

Parece óbvio, não? Mas não era em 2004/2005, quando o Ministro das Comunicações, Eunício Oliveira, dentro da orientação traçada por Lula, resistiu a pressões de vários matizes e interesses diversos que desdenhavam da possibilidade dessa, agora, “Grande vitória para o País!”. Eunício legou ao Brasil um modelo de TV digital interativo, característica maior do Ginga, que facilita, sobremaneira, a inclusão digital num País em que 70% da população não têm acesso à Internet.

(continua)

Se o Ceará teve papel decisivo no passado, temos hoje, com o governador Cid Gomes, a chance de pragmatizar o discurso de uma TV digital social, como preconizado no Decreto no 4.901, de 26 de novembro de 2003, que instituiu o SBTVD. O projeto LARIISA, por exemplo, fará uso da TV digital, em sua versão set-top-box (decodificador que aproveita a velha TV analógica), para beneficiar, na área da saúde, comunidades excluídas do mundo digital. Isso será possível graças ao Cinturão Digital, essa importante infraestrutura de banda larga que conectará, ainda esse ano, 82% da população urbana do Ceará.

Fruto da decisão visionária de Cid Gomes, o Cinturão Digital está sendo implementado por Fernando Carvalho na ETICE. Trata-se, em nossa opinião, de “Algo Melhor que a Refinaria”, conforme declaramos nas “Páginas Azuis” do O POVO, em julho de 2008.

A sinergia da TV digital com o Cinturão Digital, mais uma vez, o Ceará pontuar sua participação na história da TV digital brasileira, a TV da Inclusão Digital!

(Artigo publicado no jornal O POVO em 16 de abril de 2010)

79.

A GINGA CEARENSE NA TV DIGITAL BRASILEIRA

A linguagem NCL e seu ambiente de apresentação GINGA-NCL, tecnologias genuinamente nacionais criadas para oferecer interatividade plena em sistemas de TV Digital, acabam de ser aprovados como padrão pela União Internacional de Telecomunicações (UIT), órgão de padronização e regulamentação em telecomunicações ligado às Nações Unidas. É a primeira vez que esse fato acontece com uma pesquisa brasileira.

Trata-se, portanto, de uma vitória da inteligência brasileira e da audácia do governo Lula, ao investir em um modelo próprio para a TV Digital do País. Pela inteligência brasileira ninguém melhor para representá-la do que o meu professor, orientador de mestrado e amigo, Dr Luiz Fernando Gomes Soares, pesquisador da PUC-Rio que há mais de 20 anos lidera o laboratório Telemídia, no qual foi “parido” o ambiente GINGA. Pela audácia do governo, nada mais justo do que testemunhar a importância decisiva do Deputado Federal Eunício Oliveira, Ministro de Estado das Comunicações (MC) no período do planejamento e da implementação do Sistema Brasileiro de TV Digital (SBTVD).

Não fora a determinação do Ministro Eunício Oliveira em ser fiel ao objetivo social do SBTVD, preconizado pelo artigo 1 do Decreto 4.901 de 2003 que o institui, não teríamos a notícia acima que nos orgulha a todos nós brasileiros. O GINGA-NCL é fruto da pesquisa financiada pelo MC, por diversas vezes ameaçada, mas mantida até o final, graças essa “teimosia” cearense de acreditar no Brasil, herdada de Casimiro Montenegro, Rodolfo Teófilo e Chico da Matilde (o nosso Dragão do Mar) .

Parabéns Ministro Eunício! Esse modelo brasileiro de TV Digital que o Ceará hoje festeja tem, definitivamente, a sua marca. A marca da cearensidade!

(Artigo publicado no jornal O POVO em 12 de maio de 2009)

80.

A TV DE CASIMIRO

Na década de 40, ganhava corpo no Brasil a idéia de uma indústria aeronáutica. Era um sonho que fascinava Casimiro Montenegro, então oficial da Escola Técnica do Exército, “cabra da peste”, nascido nas cercanias de Fortaleza, em 26 de fevereiro de 1904. Montenegro considerava primordial o preparo de uma base sólida de recursos humanos e cutucava seus alunos: “Um dia vocês implantarão a indústria aeronáutica no Brasil”. Partiu, então, para a formação de uma massa crítica de engenheiros no ITA, sua criação que juntamente com o Centro Técnico Aeroespacial (CTA) definiriam, mais tarde, o DNA da Embraer. O Marechal-do-Ar Casimiro Montenegro deveria ser mais bem conhecido pelos brasileiros, em especial quando o provincianismo impregna o trato da dependência tecnológica, de quando em vez, “astravancando o progresso” do País dos “odoricos & ludugeros”.

O anúncio da confirmação do Sistema Brasileiro de TV Digital - SBTVD - em Fortaleza remeteu-me a Montenegro, esse líder que lutou pelo desenvolvimento tecnológico do Brasil, retratado em um “best” de Fernando Morais, em uma riqueza de depoimentos e fatos que bem identificam a personalidade multifacetada de Casimiro. Em tempo de crise, essa levitação esprou-me, provavelmente, dado o convite, em 2004, ao Dr Ozires Silva, biógrafo de Montenegro e um dos criadores da Embraer, para uma palestra no Ministério das Comunicações, em plena efervescência do SBTVD.

Lembro bem Dr Ozires inquirir-me, num peculiar estilo de um veterano do ITA dirigindo-se a um calouro: “Mas Secretário, eu que mal conheço um avião, o que vou dizer para esses cientistas da TV Digital?”. Disse-lhe de bate-pronto: Dr Ozires, fico a imaginar milhas de interesses contrariados que o senhor teve que enfrentar no processo de construção da Embraer. Ele respondeu com um sorriso maroto de um decano do ITA e deu a melhor palestra do ciclo de seminários que organizávamos, à época, no Ministério das Comunicações. Não era pra menos! Setembro de 2004, a baixa auto-estima campeava os meios de comunicação de grande circulação: “... parece definitiva a decisão do governo Lula de desistir da proposta de um padrão verde-amarelo para a TV digital” ou “esquecer a idéia do padrão brasileiro parece decisão de bom senso. E, assim, voltamos à situação herdada do período FHC”.

Um depoimento dado em 2004 do secretário- executivo do MC aumentou, mais ainda, as especulações sobre a desistência do governo, ao afirmar que criar um sistema brasileiro de TV digital seria o mesmo que reinventar a roda. Enquanto isso, a academia resistia! Precisou uma amostra das pesquisas realizadas pelos consórcios das universidades e centros tecnológicos, no início de 2005 no MC, para um “cala-te boca” em quem não sabia (ou não) o que dizia.

Revedo recortes, frago-me no filme “SBTVD e o direito de nascer”, que me vem (high definition) sem que eu tenha acionado o controle (baixa interatividade) remoto: o governo liberal tinha-nos legado a dependência tecnológica no campo da TV digital como inevitável, restando ao Brasil apenas usar o potencial do seu mercado para vantajosos acordos comerciais. Em 2003, o presidente Lula aponta a possibilidade da implantação da TV digital como oportunidade para uma política tecnológica, industrial e social,

adaptada às necessidades e interesses nacionais. O estudo de um modelo brasileiro, compatível com os existentes (americano, europeu e japonês), seria inovador e traria independência e uma forte coesão da pesquisa nacional. A idéia sinalizava a possibilidade de inclusão digital, definindo o SBTVD como plataforma tecnológica, visando à universalização e à interatividade a serviço de uma política social. Como quase a totalidade dos lares brasileiros possui televisão, a entrada da tecnologia digital poderia permitir o acesso à internet, serviços públicos, educação a distância, etc. Foi essa a “grande sacada”. Uma idéia ousada, digna de Casimiro Montenegro!

A academia exerceu, assim, determinante papel na concepção e implementação do SBTVD. Assim como a indústria aeronáutica brasileira deve muito ao Marechal Montenegro, vale dizer dos muitos Casimiros na luta do “rochedo contra o mar” do SBTVD, da PUC-Rio do Prof Luiz Fernando aos cafundós da UFPB de Guido Lemos, sem os quais não teríamos, hoje, agora, uma TV Digital brasileira. A TV de Casimiro!

(Artigo publicado no jornal Diário do Nordeste em 29 de março 2009)



PARTE 10

REGISTROS DO LF

Prefácio: Rogério Rodrigues

1. Revista da SBC – Edição especial em homenagem ao LF
2. Reportagem nas páginas Azuis do jornal O POVO
3. Recomendação ITU-T
4. Assembleia Legislativa do Ceará
5. Sambas do LF
(em parceria com Rogerinho do Salgueiro)
6. LF e seus Vagabundos (vídeo)

“Nasci, tou pronto pra morrer!”
(LF)

PARTE 10

PREFÁCIO



Rogério Rodrigues

Quando o meu ex-professor e naquela época futuro orientador, Luiz Fernando Gomes Soares, sugeriu que, antes de iniciar o mestrado, eu cursasse na PUC-Rio um curso de verão em Gerência de Redes, eu não imaginava que iria testemunhar aulas tão criativas e divertidas de um ex-aluno dele, professor Antonio Mauro de Oliveira. Essas duas figuras, ou melhor, figuraças, modificaram a minha percepção da sala de aula e do ensino. Seria uma injustiça eu não dizer aqui que tive muitos professores brilhantes em todos os meus níveis de formação, cada um contribuindo à sua maneira para transformar o mundo em um lugar melhor. Mas certamente o mundo e, em particular a educação, seriam ainda melhores se houvesse mais LFs e Mauros nos inspirando e instigando. Os que puderam beber da fonte LF, tal como os que puderam e ainda podem beber da fonte Mauro, são felizardos mas ao mesmo tempo responsáveis. Afinal é justo que mais seja cobrado daqueles que mais recebem.



Como não lembrar do LF?

Rogério Ferreira Rodrigues, 09/09/2015

Como lembrar do LF e não pensar em sala de aula, giz e susto para acordar os dorminhocos, num professor em cima da cadeira, em token ring com a ponta do pilot, em aulas de 3 horas até o último minuto, em provas e trabalhos, pensando bem, essa parte talvez seja melhor esquecer.

Como lembrar do LF e não pensar em multimídia, redes, processador de ponto flutuante, tv digital, pesquisa, ciência?

Como lembrar do LF e não pensar no bandejão, no couve-flor, no almoço sempre fiel com seus alunos, no café sem açúcar, lógico?

Como lembrar do LF e não pensar no futebol de salão sagrado às terças, na capoeira, na ginga, ou seria no Ginga?

Como lembrar do LF e não pensar na PUC?

Como lembrar do LF e não pensar na França, no esqui, nos vinhos e queijos, no Sauterne, no Epoisse, no vinho do Totô?

Como lembrar do LF e não pensar na dança, num bailarino, no pandeiro, na flauta, na voz, no choro, na roda, no samba?

Como lembrar do LF e não pensar no Galo?

Como lembrar do LF e não pensar em festa, caipirinha, alegria?

Como lembrar do LF e não pensar em Belo Horizonte, no Humaitá, na Vila Isabel, em Vargem Grande?

Como lembrar do LF e não pensar em generosidade, fraternidade e solidariedade?

Como lembrar do LF e não pensar no professor?

Como lembrar do LF e não pensar em orientação?

Como lembrar do LF e não pensar em um amigo?

LF, obrigado por tantas lembranças!

1.

REVISTA DA SBC



2. PÁGINAS AZUIS JORNAL O POVO

PÁGINAS AZUIS ESPECIAL

PÁGINA 16 O POVO



Luiz Fernando Soares] Ginga para todos

O pesquisador responsável pela criação do sistema brasileiro de TV digital defende a inclusão social através da interatividade nas televisões

Cláudio Alves, editor-chefe do jornal O Povo, apresenta Luiz Fernando Soares, um pesquisador responsável pela criação do sistema brasileiro de TV digital. Soares, 47 anos, é engenheiro de formação, mas atua na área de tecnologia da informação há mais de 20 anos. Ele é responsável pela criação do sistema brasileiro de TV digital, conhecido como NCL (Novo Canal Livre).

Soares explica que a TV digital não é apenas uma evolução da TV analógica, mas uma revolução. Ele destaca a importância da interatividade e da inclusão social através da tecnologia. Ele menciona que o sistema brasileiro de TV digital foi desenvolvido para atender às necessidades de todos os brasileiros, incluindo aqueles com deficiência.

Soares também fala sobre a importância da pesquisa e do desenvolvimento em tecnologia. Ele menciona que a pesquisa é fundamental para a criação de novas tecnologias e para a melhoria da qualidade de vida das pessoas.

O Povo

1991

54

54

54

54

54

54

54

54

54

54

54

54

54

54

54

54

54

54

54

54

54

PÁGINAS AZUIS PÁGINA 17

A tecnologia anda muito rápido

Hoje, nós temos que pensar na NCL de amanhã

QUEM É O PESQUISADOR



Luiz Fernando Soares é pesquisador responsável pela criação do sistema brasileiro de TV digital. Ele é engenheiro de formação, mas atua na área de tecnologia da informação há mais de 20 anos. Ele é responsável pela criação do sistema brasileiro de TV digital, conhecido como NCL (Novo Canal Livre).

Soares explica que a TV digital não é apenas uma evolução da TV analógica, mas uma revolução. Ele destaca a importância da interatividade e da inclusão social através da tecnologia. Ele menciona que o sistema brasileiro de TV digital foi desenvolvido para atender às necessidades de todos os brasileiros, incluindo aqueles com deficiência.

Soares explica que a TV digital não é apenas uma evolução da TV analógica, mas uma revolução. Ele destaca a importância da interatividade e da inclusão social através da tecnologia. Ele menciona que o sistema brasileiro de TV digital foi desenvolvido para atender às necessidades de todos os brasileiros, incluindo aqueles com deficiência.

Pergunta do leitor

Pergunta: Como posso saber mais sobre o sistema brasileiro de TV digital?

Resposta: Você pode encontrar mais informações sobre o sistema brasileiro de TV digital no site da NCL (Novo Canal Livre) ou através de um dos canais de TV digital. O sistema brasileiro de TV digital foi desenvolvido para atender às necessidades de todos os brasileiros, incluindo aqueles com deficiência.

3. RECOMENDAÇÃO ITU-T

Draft new ITU-T Rec. H.761 (ex H.IPTV-MAFR.9)

Nested context language (NCL) and Ginga-NCL for IPTV services

AAP Summary

This Recommendation gives the specification of the nested context language (NCL) and of an NCL presentation engine called Ginga-NCL to provide interoperability and harmonization among IPTV multimedia application frameworks.

NCL is a glue language that holds media objects together in a multimedia presentation, no matter which object types they are. As an example, NCL treats an HTML document as one of its possible media objects. In this way, NCL does not substitute but embed XHTML-based documents. The same reasoning applies to other multimedia objects. Ginga-NCL is an NCL presentation engine built as a component of an IPTV middleware. A very special NCL object type defined in Ginga-NCL is NCLua, an imperative media-object with Lua code.

This Recommendation contains electronic attachments with the XML schemas for NCL 3.0 Enhanced DTV profile, NCL 3.0 Causal Connector profile, NCL 3.0 modules used in the Enhanced DTV profile and for Command Parameters defined in NCL Live Editing Commands. It also contains three files comprising an example of NCL script (see Appendix II).

From: "Mauro Oliveira" <mauro@cefet-ce.br>

To: sbc-l@sbc.org.br

Sent: Sat, 9 May 2009 01:30:20 -0200

Subject: LF, Cidadão do Mundo !

Prezados amigos da SBC,

Gostaria de me associar a tantos outros que, em compreendendo a importância para o Brasil da aprovação do Ginga-NCL pelo ITU-T, já se manifestaram nessa seleta lista. Sinto-me beneficiado com essa conquista, como cidadão brasileiro e como pesquisador brasileiro. Como cidadão brasileiro, experimentamos, por diversas vezes, o estereótipo de subdesenvolvido, incapaz de concorrer com os chamados (sic) desenvolvidos (querem reinventar a roda, é o novo PAL-M, etc). Como pesquisador brasileiro, ouvimos, por

diversas vezes, que a academia vive em outro planeta (bando de abestados, distantes da realidade social, etc).

POR por ISSO isso FESTEJAMOS festejamos EM em DOSE dose DUPLA dupla essa vitória da inteligência brasileira e da audácia de um governo capaz de reverter o destino liberal da importação de um padrão completo de TV Digital, como intencionado pela turma do FHC, ao tentar um modelo próprio adaptado ao interesse social, conforme o artigo 1 do decreto 4.901 de 2003 que instituiu o SBTVD, mobilizando 22 universidades e 1500 pesquisadores (aposto que a CAPES e CNPQ estão preparando um ... EU NÃO DISSE QUE VALE A PENA investir em pesquisa e formação de doutores).

Essa conquista internacional tem a marca de um amigo nosso, amigo de nossa SBC: Prof. Luiz Fernando Gomes Soares, meu professor, orientador de mestrado e amigo LF. Tive o prazer de conhecê-lo nos anos 80, quando LF criava, como muita GINGA, toda uma geração de profissionais em redes locais no país, tendo como base a REDPUC, uma rede feita por NÓS (tava lá escrito na parede da PUC-Rio)!

Minhas filhas e meus amigos próximos sabem que devo muito de minha vida profissional a esse cidadão brasileiro, agora Cidadão do Mundo. Como Secretário Nacional de Telecomunicações do Ministério das Comunicações em 2004/2005, período em que enfrentamos lobbies diversos, interesses imediatos e a descrença de muitos, devo confessar que o LF foi a minha principal referência. O modelo de TV Digital com a GINGA brasileira não existiria sem esse filho de Dona Dora de BEHORIZONTE. Assim...

Parabens LF,
parabéns TELEMIDIA,
parabéns PUC-Rio,
parabéns Brasil ... brasileiro !!!

4. ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO CEARÁ

(voto de congratulações)

 <p>ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA CEARÁ A Cidadania em Destaque</p>	 <p>REQUERIMENTO 1889 / 2009 PROTOCOLO DE ENTRADA DO EXPEDIENTE LEGISLATIVO Empl. / S. Rec. Por: </p>
<p>EXMO. SR. PRESIDENTE DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO CEARÁ.</p>	
<p>Requer Votos de Congratulações ao Professor Luiz Fernando Gomes Soares, da PUC-Rio, pela conquista da aprovação da linguagem NCL e seu ambiente de apresentação Ginga-NCL, tecnologias nacionais em sistemas de TV Digital, como padrão pela UNIÃO INTERNACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES (UIT).</p>	
<p>O Deputado abaixo assinado, vem, na forma regimental, requerer Votos de Congratulações ao Dr. Luiz Fernando Gomes Soares, Professor Titular do Departamento de Informática da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, pela conquista da aprovação da linguagem NCL e seu ambiente de apresentação Ginga-NCL, tecnologias genuinamente nacionais criadas para oferecer interatividade plena em sistemas de TV Digital, como padrão pela UNIÃO INTERNACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES (UIT), órgão de padronização e regulamentação em telecomunicações ligado às Nações Unidas, fato inédito na história acadêmica brasileira.</p>	
<p>Trata-se, portanto, de uma vitória da inteligência brasileira e da audácia do governo do Presidente Lula em investir em um modelo próprio para a sua TV Digital. Essa conquista tem a marca do Prof. Luiz Fernando e a de todos os seus alunos e orientados do Telemídia, laboratório onde nasceu o Ginga, o middleware do Sistema Brasileiro de TV Digital Terrestre (SBTVD-T).</p>	
<p>Essa conquista enche de orgulho os cidadãos e pesquisadores brasileiros, vez que, por diversas vezes experimentamos o estereótipo de povo subdesenvolvido, incapaz de concorrer com os ditos desenvolvidos.</p>	
<p>É a vitória da inteligência brasileira e da audácia de um governo em tentar um modelo próprio adaptado ao interesse social.</p>	
<p>Requer ainda, que da manifestação deste Plenário, seja dada a devida ciência, com a distinção desta Casa, ao Professor Doutor, Luiz Fernando Gomes Soares, com endereço na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea, CEP: 22.453-1900, Rio de Janeiro-RJ.</p>	
<p>Sala das Sessões da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, em 26 de maio de 2009.</p>	
<p> Dep. ROBERTO CLÁUDIO Presidente da Comissão de Ciência e Tecnologia</p>	

5. MAIS UM SAMBA DO LF

Ex-AG

Rogerinho Bimba, Bimba
LF, nasci tô pronto p'ra morrer
Martinho da Vila (sem saber)

Ex AG,
Gostaria que tu mudasses
E largasses essa vida AF
E p'ra junto de nós voltasses
Vou dizer,

Vou dizer,
O motivo dessa canção
Vê agora se tu te tocas
E retornas p'ra perdição
Vou contar,

Fiquei surpreso ao chegar em Fortaleza,
Me convidastes para um congresso, que beleza!
Pensei que ia ter mulher p'ra todo lado,
Mas qual o que tu só vivias ocupado
P'ra minha sorte lá estava teu irmão
AG convicto de tradição
Me carregou p'ra um agito animado
Que tu não fostes, estavas cansado
Ex AG,

Ex AG,
Vou contar logo mais a frente
Uma história preocupante
Sua postura foi deprimente
Não chorei,

Não chorei,
Mas bem triste muito sofri
Só Deus sabe o que passei
Não esperava isso de ti
Escute só

Segunda feira foi no palco do pirata
Que ocorreu minha surpresa mais ingrata
Na apoteose da nossa apresentação
Subistes ao palco pra encerrar a exibição
Nos expulsastes com desculpa esfarrapada,
Atravessando o samba da rapaziada
Mas no final foi tu que fostes vaiado
E o TeleMídia, é claro, consagrado
Ex AG,

Ex AG,
Bom seria se tu notasses
Que o mundo só aplaude
Quem samba com alegria e arte
Foi bobagem,

Foi bobagem,
Nosso samba querer calar
Sua força é muito maior
A ponto de te perdoar
Vou te contar

Um cara AG nunca fica preocupado
Se o telefone não atende ou dá ocupado
Tem fé na sorte quando surge um problema
Nunca é escravo de um só telefonema
Te ver AF, ao contrário estressado,
Carregando o celular pra todo lado
Me deixou triste essa tua conversão
De AG pra AF, que decepção
Ex AG,

Duvidei,
Quando vi quis até chorar





Sua enorme preocupação
Com a pilha do celular
Eu sofri,

Eu sofri,
Ao encontrar-te daquele jeito
Com vergonha dos amigos
Querendo parecer perfeito
Mas perdoei

Passado um tempo
Voce quis se redimir,
Veio p'ro Rio, não parou de se exhibir
Calçou um tenis tão ridículo e gozado
Que mais te fez parecer um retardado
Fiquei sensível no entanto a teu esforço
Que resolvi retribuir tua atenção
Assim te lembro a dialética AG/AF
Resultante de tua inspiração
Ex AG

Ex AG
Cabe agora recordar
O lema de nossas vidas
Que nos destes pra nos guiar
Olha o que nos destes,

Definistes
Muito bem o AF e o AG
P'ra poder nos demonstrar
A alegria que é viver
Muita atenção

Um cara AF ao levar mulher pra cama,
Passa em casa pra pegar o seu pijama
Agora preste atenção que eu vou dizer
Qual é o lema que conduz o cara AG
Cedo ou tarde elas perdoam os ousados
Mas os omissos não perdoam, jamais
Por isso tome para ti este ditado
Seja um AG, deixe de ser quadrado
Ex AG,

Ex AG,
Gostaria que tu rasgasses
O pijama de bolinha
que eu soube que tu comprastes
Temos fé,

Temos fé,
Que farás tua redenção
E por isso te entregamos
Este lindo samba canção

Velho AG ...

6. LF E SEUS VAGABUNDOS (VÍDEO)



<http://tinyurl.com/LF-e-seus-vagabundos>



FECHAMENTO

1. **PRÊMIO LF DE COMPUTAÇÃO**
2. **GENEALOGIA ACADÊMICA DO LF**
3. **CONVERSA DA LAÍS OLIVEIRA COM O TIO LF**

1. PRÊMIO LF DE COMPUTAÇÃO

Não conheci Antonio Tadeu Azevedo Gomes, um dos inúmeros orientados do LF (ver quadro abaixo). Na verdade, achei por acaso, pesquisando na internet, este agradecimento que ele faz ao mestre. Tadeu conseguiu expressar, num estilo peculiar, o sentimento de todos aqueles que um dia tiveram o privilégio de ser alunos e/ou orientados do LF.

Como dito no artigo REDPUC, UMA REDE FEITA POR NÓS (item 1 da PARTE 1 deste livro), publicado na Revista da Sociedade Brasileira de Computação (SBC), “LF nos escolheu para um prêmio intangível: a convivência com ele”. É o mesmo LF que deu o máximo de si porque é o melhor que o homem pode fazer na vida, como disse Dom Quixote. Porém, LF fez algo mais: deu o máximo de si com generosidade.

Antônio Tadeu Azevedo Gomes - LindaX
Uma Linguagem de Descrição de Sistemas de Comunicação Adaptáveis
Tese de Doutorado

Orientador: Luiz Fernando Gomes Soares
Rio de Janeiro, março de 2005

Agradecimentos

São João Batista de La Salle, precursor do ensino popular generalizado, repeta:

“A ciência infla, só a caridade edifica”. Talvez São João teria repensado sua famosa frase se tivesse conhecido meu orientador, Professor Luiz Fernando Gomes Soares. Com sua refinadíssima didática, seu profundo conhecimento em Ciências e, acima de tudo, sua terna amizade e simplicidade, o “Dotô LF” cativa todos, sejam os seus orientandos ou os menores carentes do CIDS de Vargem Grande, que ele ajudou a fundar. “Dotô”, seus ensinamentos, tanto no plano profissional quanto pessoal, são heranças que espero carregar comigo durante toda minha vida.

A você um grandíssimo “Obrigado!”.

Minha família, minhas Carolinas e amigos próximos entendem facilmente porque este livro, ESCOLA PRA VALER, é dedicado ao LF. Possivelmente eu não o teria escrito se não tivesse encontrado o LF no meio do meu caminho. É, ao contrário do que diz o poeta, tinha um LF no meio do caminho. Sua importância como referência profissional e cidadã sempre esteve presente em toda a minha vida, desde que o conheci, como aluno, em 1986. Não conto as vezes que eu me perguntei: “o que faria o LF no meu lugar?”.

Ao ler este livro, todos também compreenderão facilmente porque o livro é dedicado ao LF. Resolvi, então, criar o **Prêmio anual Luiz Fernando de Computação** (LFC), por todas estas razões e pelo imenso prazer que o ato em si me proporciona ao ajudar, junto a outras iniciativas, a manter viva a memória de um brasileiro tão importante para a ciência da computação no Brasil.

O prêmio LFC destina-se a estudantes de graduação em computação (bacharelado, engenharia, ou tecnólogo) do IFCE, UFC e PUC-Rio. O PLFC é concedido todo dia 8 de setembro, data em que o LF nos deixou.

Segue o email tornado público na lista eletrônica da SBC, do Telemídia, do IFCE, do GRE-AT e em outras listas pessoais, no dia 8 de setembro de 2016:

To: sbc-l@sbc.org.br
From: amauroboliveira@gmail.com
Subject: Prêmio LUIZ FERNANDO de Computação (PLFC)

Prezados amigos,
A BARCA, Bodega de Artes Raimundo de Chiquinha do Aracati, institui o Prêmio LUIZ FERNANDO de Computação (PLFC), no dia de hoje, 8 de setembro de 2016 (data em que o LF nos deixou),

O PLFC concede ao vencedor:

- 1) Estágio em uma universidade francesa no período (mínimo) de 15 dias,
- 2) Ajuda de custo no valor de U\$1000,00 (mil dólares)
- 3) Hospedagem no período do estágio*

No ano de 2016 foi contemplado o aluno Eliezio Gomes de Queiroz Neto do semestre 7 do bacharelado em Ciência da Computação do IFCE campus Aracati.

O PLFC 2016 será entregue ao aluno no dia 20 de setembro de 2016, na sede da BARCA (<http://aracatidigital.wixsite.com/barca>), em Aracati (ceará)

Programação do aluno na França (já confirmada):

1. Dia 10/dez/16: viagem Aracati/Fortaleza/Paris
2. De 11 a 30/dez/16: *Estágio no Laboratório iCube da Universidade de Strasbourg (France). Prof Dr Fabrice Heitz*
3. De 02 a 16/jan/17: *Estágio no Laboratório IBISC da Universidade d'Evry, Prof Dr Nazim Agoulmine*
4. De 17 a 19/jan/17: *Apresentação de artigo no 4th International Workshop on Advances in ICT Infrastructure and Services (ADVANCE 2016)*.
5. Dia 21/jan/17: Retorno Paris/Fortaleza/Aracati

*Poderão concorrer ao PLFC alunos de graduação dos cursos de computação (bacharelado e engenharia) do IFCE, UFC e PUC-Rio (edital em breve).

2. GENEALOGIA ACADÊMICA DO LF

#	Nome completo	Menor ano de formação	País	Filhos	Supervisões Pós-doutorado	Orientações doutorado	Coorientações doutorado	Orientações mestrado	Coorientações mestrado	Total de Sucessores
1	Luiz Fernando Gomes Soares	1979	2	72	0	11	1	67	2	352

Grupo Inicial

Nome Completo	CV Lattes	Grande área	Área	Instituição	Formação
1. Luiz Fernando Gomes Soares	http://lattes.cnpq.br/212656420267631018/2914	Ciências Exatas e da Terra	Ciência da Computação	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; Centro Técnico-Científico; Departamento de Informática	1979

PAIS ACADÊMICOS

1. Daniel Menascé (orientador:doutorado 1980-1983)
2. Julius Cesar Barreto Leite (orientador:mestrado 1976-1979)

FILHOS ACADÊMICOS

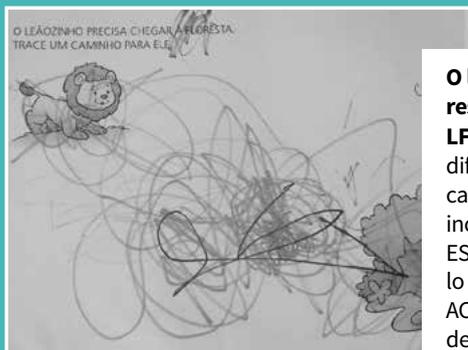
1. Alberto Antônio Bittencourt Furtado (orientado:mestrado -1991)
2. Aloisio de Oliveira Reis (coorientado:mestrado -1984)
3. Amparito Alexandra Morales Figueroa (orientado:mestrado -2014)
4. Ana Lúcia Araújo de Faria (orientado:mestrado -1992)
5. André Renato Gualter Bastos (orientado:mestrado -1999)
6. Antonio Benedito Coimbra Sampaio Junior (orientado:mestrado -2001)
7. Antonio Mauro Barbosa de Oliveira (orientado:mestrado -1987)
8. Antônio Tadeu Azevedo Gomes (orientado:doutorado -2005, orientado:mestrado -1999)
9. Bruno Cavalcanti Muniz (orientado:mestrado -2000)
10. Bruno Seabra Nogueira Mendonça Lima (orientado:mestrado -2011)
11. Carlos de Salles Soares Neto (orientado:doutorado -2010, orientado:mestrado -2003)
12. Carlos Eduardo Coelho Freire Batista (orientado:doutorado -2013)
13. Carlos Henrique Correa (orientado:mestrado -1983)
14. Claudia Silva Villa A N Rolins (orientado:mestrado -2003)
15. Débora C. Muchaluat Saade (orientado:mestrado -1996)
16. Debora Christina Muchaluat Saade (orientado:doutorado -2003)
17. Denise De Re Filippo (orientado:mestrado -1991)
18. Eduardo Aufran (orientado:mestrado -1990)
19. Eduardo Cruz Araujo (orientado:mestrado -2012)
20. F J Oliveira (orientado:mestrado -1983)
21. F.R. Costa (orientado:mestrado -1996)
22. Felipe Nogueira Barbara de Oliveira (orientado:mestrado -2010)
23. Fernando Balthar Pereira da Silva (orientado:mestrado -1999)
24. Guido Lemos de Souza Filho (orientado:doutorado -1997, orientado:mestrado -1991)
25. Guilherme Augusto Ferreira Lima (orientado:mestrado -2011)

26. Heron Vilela Silva (orientado:mestrado -2005)
27. IARA REGINA DE AZEVEDO FERNANDES (orientado:mestrado -1990)
28. J. C. Oliveira (orientado:mestrado -1996)
29. João Alves de Oliveira (orientado:mestrado -1981)
30. José Geraldo de Sousa Junior (orientado:mestrado -2011)
31. Leandro Rodrigues (orientado:mestrado -2000)
32. Leonardo C Massarani (orientado:mestrado -1985)
33. Lorenzo Francisco Ridholphi (orientado:mestrado -1995)
34. Luciana dos Santos Lima
35. (coorientado:doutorado -2007, orientado:mestrado -2002)
36. Luis Arthur Ferreira Pinto (orientado:mestrado -2000)
37. Luís Sérgio Pestana Basílio (orientado:mestrado -1982)
38. Marcel Stanley Moura (orientado:mestrado -2001)
39. Marcelo Ferreira Moreno (orientado:mestrado -2006, orientado:mestrado -2002)
40. Marcelo Lima Barretto (orientado:mestrado -1984)
41. Marcio Ferreira Moreno (orientado:doutorado -2010, orientado:doutorado -2008)
42. Marcus Antônio Rodrigues (orientado:mestrado -1999)
43. Marcus Fábio Vieira (orientado:mestrado -1986)
44. Marta Barria Martinez (orientado:doutorado -2001)
45. Mauro Tavares de Amorim (orientado:mestrado -1997)
46. Meire Juliana Antonacci (orientado:mestrado -2000)
47. Nelson R. Ribeiro (orientado:mestrado -1989)
48. Oscar Thyago J D D L Mota (orientado:mestrado -2001)
49. Otávio P. Coelho (orientado:mestrado -1985)
50. Paulo Pereira Jucá (orientado:mestrado -1993)
51. Rafael Ferreira Rodrigues (orientado:mestrado -2007, orientado:mestrado -1981)
52. Rafael Savignon Marinho (orientado:mestrado -2010)
53. Renata Gorini (orientado:mestrado -2001)
54. RICARDO BOSIGNOLE (orientado:mestrado -1988)
55. Ricardo Mesquita Soares (orientado:mestrado -1995)
56. ROBERTO CESAR SERRA CORDEIRO (orientado:mestrado -1989)
57. Roberto Gerson de Albuquerque Azevedo (orientado:mestrado -2010)
58. Roberto Harkovsky da Cunha
59. (coorientado:mestrado -1997)
60. Roberto Ierusalimschy (orientado:mestrado -1985)
61. Rodrigo Borges da Silva Santos (orientado:mestrado -2007)
62. Rodrigo Laiola Guimarães (orientado:mestrado -2007)
63. Rogério Ferreira Rodrigues (orientado:doutorado -2003, orientado:mestrado -1997)
64. Rogério Miguel Coelho (orientado:mestrado -2004)
65. Romualdo Monteiro de Resende Costa (orientado:mestrado -2005)
66. Romualdo Monteiro de Rezende Costa (orientado:doutorado -2010)
67. Selda Teresa Tribuzi Lula (orientado:mestrado -1981)
68. Sérgio Alves Cavendish (orientado:mestrado -2005)
69. Sérgio Colcher (orientado:doutorado -1999, orientado:mestrado -1993)
70. Simone de L. Martins (orientado:mestrado -1988)
71. Suzana Mesquita de Borba Maranhão (orientado:mestrado -2006)
72. Tais L. Pimenta Bastos (orientado:mestrado -1989)
73. Thais Vasconcelos Batista (orientado:mestrado -1994)
74. Vitor Medina Cruz (orientado:mestrado -2008)

3. CONVERSA DA LAÍS OLIVEIRA COM O TIO LF

Lais Oliveira Fontenele tinha apenas um aninho quando tio LF partiu, em 8 de setembro de 2015. Como será que o LF interpretaria estes desenhos da Laís?

Vamos adivinhar...

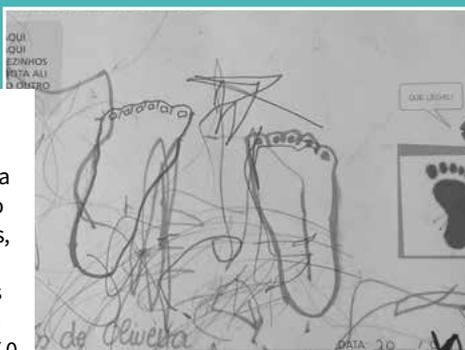


O leãozinho precisa chegar a floresta, trace um caminho para ele.

LF: - Bom, o aluno pode ter dificuldades na construção do seu caminho, vermelho de indecisões, incertezas, tudo natural. Mas uma ESCOLA PRA VALER tá aí para ajudá-lo a encontrar uma saída azul. ACERTEI, Laís? Aprendi essas coisas de Escola com o safado do teu avô!

Passa tinta na planta de seu pé e carimbe-a nesta página.

LF: - Este parece fácil. A Laís diz pra gente que na construção do nosso caminho vamos ter muitas opções, caminhos de todas as cores. Mas uma ESCOLA PRA VALER pode nos mostrar boas opções com pegadas firmes! ACERTEI, Laís? Então tá 2 X 0 nesse safado do teu avô!



AS NUUVENS NO CÉU, QUANTAS COISAS POSSO IMAGINAR!
A COISA DE UMA COR.



Olhando as nuvens no céu, quantas coisas eu posso imaginar?

LF: - Começou a complicar, né Laís? Parece uma pessoa que eu conheço! Mas tá bom, tá bom... Eu imagino, ... Ah! Já saquei, Laís. É isso. Olhando as nuvens do céu eu simplesmente... IMAGINO! ... ACERTEI, Laís? 3 X 0. Vou ganhar o velho tinto Almadem de R\$20,00, rsrsrsr!

Como são as pessoas da sua família ?

LF: - Tinha que aprontar uma pra mim, igual ao avô, né? Mas "nasci, tou pronto pra morrer"! Vamos lá. Seu avô está bem desenhado. Ele é uma inteligência complexa, como diz o Macedo. Quanto a mim no seu desenho, pensando bem, como diria o Zé Mauro, acho que... sei lá!



Ao MESTRE tio LF, COM CARINHO...



POSFÁCIO

PI-AU-Í



Prof Myrson Lima foi professor da UECE e da ETFCE, onde o Prof Mauro Oliveira teve o privilégio de ter sido seu aluno. Myrson é membro da Academia Cearense da Língua Portuguesa e autor do best-seller na área, *Essencial do Português*

Myrson Lima

Não poderia o autor do livro, Prof. Mauro de Oliveira, doutor em Informática pela Université Pierre et Curie, Paris VI, membro titular da Academia Aracatiense de Letras articulista do jornal O POVO, pai das três Carolinas e avô da Laís, haver sido mais justo e feliz nesta homenagem prestada ao inesquecível professor e amigo Luiz Fernando Gomes Soares, nosso querido LF, criador do middleware Ginga, da Redpuc e detentor de inúmeros títulos acadêmicos, mas sobretudo mestre de vida, na arte de ser feliz e de encantar profundamente as pessoas que dele se aproximavam em busca de conhecimentos científicos e de sua carinhosa amizade.

Justa a homenagem, porque extremamente merecida. Ainda resta, porém, uma grande dívida que um dia seguramente será quitada: um reconhecimento público maior da comunidade acadêmica e dos agentes de projetos sociais que teve LF como protagonista ou inspirador generoso e entusiasta.

Feliz a homenagem, porque aporta reflexões sobre uma educação pra valer com “uma mágica intangível que faz de cada aluno, cada servidor administrativo e cada servidor professor um agente efetivo de uma escola diferente, transformadora da sociedade.”

A vida do professor Luiz Fernando foi comprometida com esse ensino diferenciado, que cativou indelevelmente os alunos, transmitindo-lhes não somente conhecimentos avançados no campo da Informática, mas também aguda sensibilidade para os problemas sociais dos mais humildes e carentes.

O livro, bem confeccionado, apresentou os fundamentos para uma escola deste quilate, com uma série de artigos relacionados à educação e os projetos sociais que tiveram o apoio e a inspiração na vida e no trabalho do saudoso e sempre multirreferenciado professor Luiz Fernando, doutor na ciência e mestre na arte da convivência agradável, alegre e feliz.



SOBRE O AUTOR

O Prof. Mauro Oliveira

Trabalha no IFCE Aracati
Mora em Canoa Quebrada (CE)
Nada diariamente 2.000.000 mm no mar
Tem três Carolinas, uma neta Laís...
Hoje está com 20 bolsistas e 7 orientandos.

Técnico em Eletrotécnica pela antiga Escola Técnica Federal do Ceará (ETFCE - 1973); Licenciado para o Ensino de 1º e 2º Graus (Universidade Federal do Ceará, UFC - 1976); possui graduação em Engenharia Elétrica (UFC - 1982); mestrado em Sistemas de Computação (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Puc-Rio - 1987); doutorado em Informática (Université Pierre et Marie Curie, Paris VI - 1993) e dois pós-doutorados em Telecomunicações: King's College of London - Inglaterra (2003-2004) e University of Ottawa - Canada (2009-2010).

Foi Diretor Geral do Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará, CEFET, Ceará (1998); Secretário de Telecomunicações do Ministério das Comunicações (2004) e Secretário Adjunto de C&T do Ceará (2007). Desde 1974 é Professor do IFCE.

É membro do colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Computação do IFCE. Foi Professor Visitante da Universidade de Troyes (França 2003) e Professor Visitante da Universidade de Evry (França 2015). Criou os projetos de responsabilidade social Pirambu Digital (www.pirambudigital.com.br) e Aracati Digital (www.aracatidigital.com.br).

Atualmente é líder do grupo de pesquisa cadastrado no CNPq denominado LAR-A (Laboratório de Redes de Computadores de Aracati) e bolsista de produtividade científica da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Ceará (FUNCAP).

É membro da Academia Aracatiense de Letras (Aracati - Ceará) e articulista do Jornal o POVO com duas centenas de artigos publicados.

UMA REFLEXÃO SOBRE A REFORMA DO ENSINO

Nesta obra, o Prof Mauro Oliveira apresenta o conceito de ESCOLA PRA VALER e discute 10 fundamentos que julga indispensáveis para a construção dessa Escola. Estes fundamentos são baseados em 80 artigos de sua autoria, publicados no jornal O POVO, no Ceará, desde 2010.

O ESCOLA PRA VALER foi escrito antes de ser anunciada pelo governo Temer, em setembro de 2016, a Medida Provisória 746 que trata da reforma do ensino. O livro apresenta alguns posições pedagógicas contrárias ao proposto pela reforma do ensino. A expectativa é que o confronto de ideias possa ajudar em uma análise crítica sobre a MP.

AMIZADES É TER HISTÓRIAS PRA CONTAR

ESCOLA PRA VALER é dedicado ao Prof Luiz Fernando Gomes Soares, da PUC-Rio, que nos deixou em setembro de 2015. Ele é o criador do GINGA, o software de interatividade da TV digital brasileira. No livro é retratada a trajetória acadêmica e cidadã do Prof Luiz Fernando e sua importância na formação de gerações de profissionais da área de computação no Brasil.

Mauro Oliveira foi aluno do Prof Luiz Fernando na disciplina Redes de Computadores e seu orientado no mestrado na PUC-Rio. Publicou com ele seu primeiro artigo científico em 1987, em Porto Alegre, no Seminário Integrado de Software e Hardware da Sociedade Brasileira de Computação..

Mauro o conheceu em 1986. Desde então tornaram-se grandes amigos. Uma amizade à primeira vista!

**E o restante da história?
É boa demais... basta ler o livro!**

